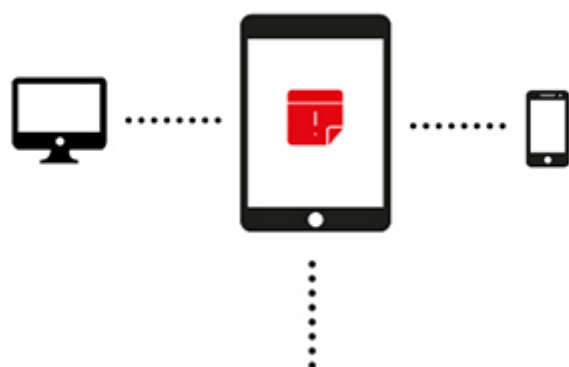


Jussara Santos Pimenta (Org.)

DE BIBLIOTECAS E OUTROS ASSUNTOS

Reflexões, práticas e pesquisas





IMPORTANTE

Cuidamos para que a produção deste ebook tivesse o mesmo padrão de qualidade das nossas obras impressas. Mas poderá ter variação na apresentação do conteúdo de acordo com cada dispositivo de leitura.

Jussara Santos Pimenta (Org.)

DE BIBLIOTECAS E OUTROS ASSUNTOS

Reflexões, práticas e pesquisas

PACO  EDITORIAL

Copyright ©2026 by Paco Editorial

Direitos desta edição reservados à Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

Revisão: Andressa Marques

Capa: Gabriel Luís Pereira

Diagramação: Vanessa Menegatti

Edição em Versão Impressa: 2026

Edição em Versão Digital: 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D82

De bibliotecas e outros assuntos: reflexões, práticas e pesquisas/ Organização de Jussara Santos Pimenta. ed. - eBook - Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2026.

Recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Multiplataforma

ISBN 978-85-462-3148-5

1. Bibliotecas e educação - Rondônia. 2. Bibliotecas escolares - Programas de atividades - Rondônia. 3. Inclusão escolar. 4. Incentivo à leitura. 5. Professores - Formação. 6. Livros eletrônicos. I. Pimenta, Jussara Santos. II. Título.

CDD/CDU: 027.8098111 / 027.8(811.1)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Índice para catálogo sistemático

Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues (UNIVAS/MG) ([Lattes](#)).

Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi (FATEC-SP) ([Lattes](#)).

Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna (UNESP/ASSIS/SP) ([Lattes](#)).

Prof. Dr. Carlos Bauer (UNINOVE/SP) ([Lattes](#)).

Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha (UFRGS/RS) ([Lattes](#)).

Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa (FURG/RS) ([Lattes](#)).

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes (UNISO/SP) ([Lattes](#)).

Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira (UNICAMP/SP) ([Lattes](#)).

Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins (UNICENTRO-PR) ([Lattes](#)).

Prof. Dr. Romualdo Dias (UNESP/RIO CLARO/SP) ([Lattes](#)).

Profa. Dra. Thelma Lessa (UFSCAR/SP) ([Lattes](#)).

Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt (UNIPAMPA/RS) ([Lattes](#)).

Prof. Dr. Eraldo Leme Batista (UNIOESTE-PR) ([Lattes](#)).

Prof. Dr. Antonio Carlos Giuliani (UNIMEP-Piracicaba-SP) ([Lattes](#)).

Paco Editorial

Av. Carlos Salles Bloch, 658

Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Salas 11, 12 e 21

Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100

Telefones: 55 11 4521.6315

atendimento@editorialpaco.com.br

www.pacoeditorial.com.br

Sumário

FOLHA DE ROSTO

DEDICATÓRIA

EPÍGRAFE

APRESENTAÇÃO UMA DÉCADA DE SABERES: REFLEXÕES E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

Jussara Santos Pimenta

PREFÁCIO DA CENTRALIDADE DA BIBLIOTECA NA EDUCAÇÃO

Edmir Perrotti

CAPÍTULO 1. DESIGN DE BIBLIOTECAS COMO RECURSO EDUCATIVO: UMA PROPOSTA PARA O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA – CAMPUS JARU

Kazuo Kadowaki

CAPÍTULO 2. O LUGAR DOS LIVROS NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Gizele de Melo Viana

CAPÍTULO 3. O PAPEL DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES NA INCLUSÃO ESCOLAR

Cleuza Diogo Antunes

CAPÍTULO 4. O PROFESSOR READAPTADO E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR DE UMA ESCOLA ESTADUAL EM PORTO VELHO/RO

Célia Reis Sales

CAPÍTULO 5. EDUCAÇÃO E BIBLIOTECAS MULTINÍVEIS: O MOVIMENTO EDUCACIONAL DOS BIBLIOTECÁRIOS NOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Miriã Santana Veiga

CAPÍTULO 6. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR: SALAS DE LEITURA

Ana Cristina Spanhol

CAPÍTULO 7. BIBLIOTECA CLARICE LISPECTOR: LUGAR DE AÇÕES EDUCATIVAS

Fernanda de Oliveira Freitas Cavalcante

CAPÍTULO 8. DESENVOLVIMENTO DA VISÃO ESPACIAL PARA
ESTUDANTES DO CURSO DE EDIFICAÇÕES DO INSTITUTO
FEDERAL DE RONDÔNIA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA PRÁTICA
EDUCATIVA

Monnike Yasmin Rodrigues do Vale

CAPÍTULO 9. A UTILIZAÇÃO DE SIMULADORES VIRTUAIS NA
DISCIPLINA AUTOMAÇÃO INDUSTRIAL

Franks Martins da Silva

CAPÍTULO 10. MÉTODOS DE AVALIAÇÃO EM AMBIENTES
VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Simone Oliveira Carvalhais Moris

SOBRE OS AUTORES
PACO EDITORIAL

DEDICATÓRIA

A publicação apresenta textos que evidenciam reflexões produzidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir), entre 2013 e 2024.

EPÍGRAFE

Quando eu ainda não sabia ler, brincava com livros e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo.

Cecília Meireles

(Fagundes de Menezes. Silêncio e solidão: dois fatores positivos na vida da poetisa. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, 3 out. 1953, p. 49).

Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles que, em lugar desta constante viagem ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina.

Paulo Freire

(Educação: o sonho possível. In: Brandão, Carlos Rodrigues (org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1982).

APRESENTAÇÃO UMA DÉCADA DE SABERES: REFLEXÕES E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

O livro *De bibliotecas e outros assuntos: reflexões, práticas e pesquisas* reúne uma coletânea de estudos produzidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf), da Universidade Federal de Rondônia (Unir). Esta publicação comemorativa marca os dez anos de atuação como membro permanente do PPGEEProf e nasce do desejo de partilhar experiências, percursos investigativos e reflexões desenvolvidas ao longo dessa trajetória, em parceria com os orientandos de mestrado. As temáticas abordadas demonstram a pluralidade dos interesses de pesquisa, com ênfase especial nas bibliotecas escolares, nos ambientes de leitura, práticas pedagógicas inovadoras e no uso de tecnologias na educação.

Os textos aqui reunidos representam o compromisso dos autores com a construção de uma escola pública democrática, crítica e inclusiva, em que a biblioteca deixa de ser um espaço marginalizado para tornar-se núcleo vivo de produção e circulação de saberes. São dez estudos que problematizam desde a ausência de espaços adequados de leitura até as potências formativas das bibliotecas e salas de leitura no cotidiano escolar. Em muitos casos, evidenciam-se as práticas pedagógicas comprometidas com o desenvolvimento da visão espacial, com a mediação da leitura literária e com a inclusão, reafirmando a importância desses espaços como dispositivos educativos, refletindo, desse modo, a diversidade e a riqueza das pesquisas que abordam a biblioteca em suas múltiplas dimensões: física, simbólica, pedagógica e política.

Intitulado “Design de bibliotecas como recurso educativo: uma proposta para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Jaru”, o texto de Kazuo Kadowaki partiu da seguinte questão: como a participação e/ou a colaboração dos usuários no processo de concepção de um espaço educacional e/ou cultural pode contribuir para a plena apropriação destes espaços? A partir dessa indagação, buscou-se investigar como o layout arquitetônico do ambiente destinado à biblioteca pode contribuir para ampliar aspectos relacionados ao proveito, à satisfação

e ao conforto sob o ponto de vista de colaboradores e de usuários das instalações na utilização do espaço. Diante dos dados obtidos, pode-se afirmar que o planejamento da constituição física dos espaços exerce influência sobre diferentes fatores do aprendizado, desde aqueles em nível subjetivo ou mecânico, a ações ou comportamentos premeditados pela configuração do lugar em que tais atos se desenrolam, podendo ela ser positiva ou negativa de acordo com o design e os fatores ambientais.

Gizele de Melo Viana participa com o texto “O lugar dos livros na escola: reflexões sobre práticas educativas na Biblioteca Escolar”, que parte do reconhecimento da biblioteca como um espaço de preservação e disseminação do conhecimento, reafirmando sua relevância no contexto escolar como um importante apoio informacional, vinculado ao processo educativo e à formação cidadã. A autora amplia essa concepção ao destacar as possibilidades educativas da biblioteca para além do incentivo à leitura e à escrita, abordando sua função na promoção da pesquisa científica, no desenvolvimento da criticidade, na apreciação da arte e na consolidação de relações sociais e culturais. A pesquisa intitulada “Biblioteca fora da caixa: reflexões sobre práticas educativas na biblioteca da Escola Nossa Senhora do Carmo – Cacoal/RO” teve como objetivo identificar e analisar práticas, projetos e ações desenvolvidos por professores e técnicos a partir da biblioteca escolar, articulando tais práticas ao Projeto Político Pedagógico da escola. A pesquisa propôs, ainda, dialogar com os saberes e vivências de professores mediadores de leitura, visando consolidar experiências pedagógicas e estreitar os vínculos entre a biblioteca e a comunidade escolar. Com base em uma abordagem qualitativa e metodologia de pesquisa-ação, o estudo utilizou instrumentos como pesquisa documental, grupo focal, entrevista narrativa e levantamento de potenciais educativos locais. Os resultados evidenciaram o papel estratégico da biblioteca como espaço dinamizador da aprendizagem e da convivência, reafirmando sua relevância como equipamento pedagógico.

Em “O papel das Bibliotecas Escolares na inclusão escolar”, Cleuza Diogo Antunes apresenta uma análise crítica sobre o papel da biblioteca escolar no contexto das transformações educacionais, com especial atenção à perspectiva da Educação Inclusiva. O texto revisita os paradigmas históricos da exclusão, da segregação, da integração e da inclusão, refletindo sobre as exigências de mudança nas estruturas

físicas e nas atitudes institucionais, para que se efetive uma escola verdadeiramente inclusiva. A biblioteca é abordada como um espaço que deve ser acessível e integrado às práticas pedagógicas inclusivas, sendo necessário garantir diferentes dimensões da acessibilidade: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal. A autora ressalta a necessidade de formação contínua dos bibliotecários, defendendo uma atuação comprometida com os princípios da inclusão e capaz de acolher a diversidade de estudantes, em suas múltiplas especificidades. O texto contribui significativamente para o debate sobre o direito à educação para todos e destaca o papel estratégico da biblioteca escolar na construção de ambientes educacionais democráticos e acessíveis.

Em “O professor readaptado e suas práticas educativas na Biblioteca Escolar de uma escola estadual em Porto Velho/RO”, Célia Reis Sales trata das práticas educativas realizadas por professores readaptados, que atuam como responsáveis pela biblioteca escolar em uma escola da Rede Estadual de ensino de Porto Velho, Rondônia. O estudo teve como objetivo verificar quais práticas educativas estavam sendo desenvolvidas por esses profissionais na biblioteca escolar e qual a sua contribuição para o cotidiano pedagógico da escola. A análise dos dados revelou que as ações estavam concentradas principalmente em atividades de leitura e pesquisa, mas que não havia projetos sistematizados ou coordenados. O trabalho chama a atenção para a necessidade de políticas públicas de formação e valorização desses profissionais, que, mesmo em situações de readaptação, podem exercer um papel relevante na mediação do conhecimento.

O estudo de Miriã Santana Veiga buscou compreender como bibliotecas e profissionais fortalecem os saberes informacionais dos educandos e enfrentam desafios nesse processo. Os resultados destacam a relevância das bibliotecas como espaços de leitura, cultura e infoeducação. Foram identificadas 71 atividades, realizadas entre 2008 e 2021, voltadas à leitura e à competência em informação. Constatou-se que os bibliotecários exercem papel central na mediação cultural e informacional.

Ana Cristina Spanhol, com “Práticas pedagógicas na educação infantil para a formação do leitor: Salas de Leitura”, apresenta os resultados de uma pesquisa-ação realizada em uma escola de educação infantil da cidade de Porto Velho, partindo da constatação da ausência de bibliotecas escolares e da necessidade de inserção das

crianças no universo da leitura desde os primeiros anos. Frente a essa realidade, discute a utilização da Sala de Leitura como alternativa pedagógica, capaz de dinamizar o espaço escolar e promover experiências significativas de leitura. A pesquisa evidenciou não apenas a transformação da percepção dos docentes quanto ao uso da Sala de Leitura, mas também o impacto positivo na formação leitora das crianças, que passaram a interagir com os livros de forma mais criativa e autônoma, destacando, ainda, a importância de ações intencionais e sistematizadas para o fortalecimento da leitura na educação infantil.

Já Fernanda de Oliveira Freitas Cavalcante, em “Biblioteca Clarice Lispector: lugar de ações educativas”, apresenta um estudo que teve como objetivo analisar as ações educativas desenvolvidas na biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Ifro) – Campus Cacoal, bem como os impactos dessas ações na vida escolar de estudantes e professores. A pesquisa contou com a participação de vinte e três alunos e cinco docentes, utilizando questionários e entrevistas como instrumentos de coleta de dados. A análise revelou a existência de fragilidades na divulgação dos projetos de leitura, o que compromete o alcance das ações propostas. Ao mesmo tempo, a pesquisa estimulou a reflexão dos participantes sobre o papel da biblioteca na escola, gerando contribuições valiosas para sua valorização e melhor aproveitamento. O estudo destaca o potencial das práticas biblioteconômicas e pedagógicas como estratégias de mediação da leitura e formação de sujeitos críticos, capazes de transformar seus contextos.

Além da centralidade das bibliotecas, os artigos mencionados a seguir dialogam com outros assuntos contemporâneos da educação, como a avaliação em ambientes virtuais de aprendizagem, o uso de simuladores digitais na formação técnica e a participação dos usuários na concepção de espaços educativos.

O texto de Monnike Yasmin Rodrigues do Vale, intitulado “Desenvolvimento da visão espacial para estudantes do Curso de Edificações do Instituto Federal de Rondônia: contribuições de uma prática educativa”, traz as contribuições de uma prática educativa voltada ao desenvolvimento da Visão Espacial com estudantes do Curso Técnico em Edificações, integrado ao ensino médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Ifro) – Campus Calama. O estudo demonstrou que a intencionalidade didática, aliada à organização sistematizada do

ensino, pode favorecer a aprendizagem significativa e o desenvolvimento de capacidades cognitivas específicas, como a visualização espacial. Os resultados reforçam a importância de práticas educativas que articulam teoria e prática, em consonância com os princípios da educação politécnica.

Franks Martins da Silva, com “A utilização de simuladores virtuais na disciplina Automação Industrial”, aborda o uso do software simulador FluidSIM como recurso pedagógico na disciplina de Automação Industrial do Curso Técnico Subsequente em Eletrotécnica, também no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Ifro) – Campus Porto Velho Calama. A pesquisa discute os benefícios da simulação computacional no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos de Pneumática, Eletropneumática e Controladores Lógicos Programáveis. O uso do software permitiu um maior dinamismo nas aulas, favorecendo a interação entre estudantes e professores e contribuindo para a autonomia dos alunos na resolução de problemas práticos. O estudo evidenciou que as ferramentas digitais, quando bem utilizadas, potencializam os processos formativos, tornando-os mais interativos e eficazes.

Encerrando a coletânea, Simone Carvalhais Moris discute, em “Métodos de avaliação em Ambientes Virtuais de Aprendizagem”, os desafios da avaliação da aprendizagem em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), refletindo sobre os princípios que devem orientar práticas avaliativas mediadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação. A autora reconhece que o uso das TICs amplia as possibilidades de acesso ao conhecimento, mas também exige constantes revisões nos métodos avaliativos. Com base em uma perspectiva crítica, o texto enfatiza a necessidade de sistematização, atualização e redimensionamento contínuos das práticas avaliativas nos ambientes virtuais, de modo a garantir uma aprendizagem significativa e contextualizada. O estudo oferece importantes contribuições para a reflexão sobre os processos formativos na educação digital contemporânea.

Ao celebrar esta década de atuação no PPGEEProf com esta publicação, renovo minha convicção no poder transformador da educação e da pesquisa, sobretudo quando realizadas de forma colaborativa e comprometida com os desafios da realidade escolar. Espero que as múltiplas contribuições desta obra inspirem outras investigações e intervenções nas escolas, contribuindo para o fortalecimento da biblioteca como

espaço de resistência, criação e pertencimento, e que ela possa orientar pesquisadores, docentes, bibliotecários e gestores educacionais.

Jussara Santos Pimenta

Outubro de 2025

PREFÁCIO DA CENTRALIDADE DA BIBLIOTECA NA EDUCAÇÃO

Uma flor ainda desbotada

ilude a polícia, rompe o asfalto.

Façam completo silêncio, paralisem os negócios,

garanto que uma flor nasceu.

(C. D. de Andrade)

Enfrentar o magister dixit não é tarefa simples. Mais que uma prática, trata-se de um paradigma prevalente na cultura brasileira desde tempos remotos. Sua tradição continua viva, sempre presente, apesar de esforços de notáveis militantes de variadas procedências e calibres que o desafiaram e continuam desafiando-o, mesmo tendo que pagar altos custos para isso. O magister dixit não é manifestação residual, mas engrenagem astuciosa de poder, sempre pronta a reaparecer, em diferentes situações e ambientes sociais. Suas artimanhas são múltiplas, ele pode esconder-se, camuflar-se e, sob vestimentas glamorosas ou pouco perceptíveis, ressurgir em formatos inesperados, muitas vezes de difícil identificação.

Em sociedades cindidas e de histórico autoritário, é comum que instituições sociais o naturalizem e imponham como regra geral a repetição de padrões convencionais que o alimentam e são por ele alimentados. Em contextos formativos como escolas e bibliotecas, esse movimento de retroalimentação sistemático e permanente acaba negando a educação e a cultura como categorias substantivas e centrais à vida republicana e cidadã, reduzindo-as a mecanismos estratégicos de transferência de signos e comportamentos a serem acriticamente assimilados. “Educação bancária”, diria um de nossos militantes educacionais mais célebres.

Ao abraçarem a monologia do magister dixit, instituições que se pretendem educativas abdicam de referências paradigmáticas em que o ato de dizer é central, considerado como direito, ou seja, em dimensões que extrapolam sua utilidade como categoria funcional e distintiva da espécie. Situado além da funcionalidade, dizer – assim como escutar –, é sobretudo gesto constitutivo da singularidade e da alteridade,

condição do viver junto na diferença. Nesses termos, a formação passa a demandar interlocuções, diálogos, sujeitos que, sob diferentes e adequados formatos, desde muito pequenos, ocupem posições não apenas propedêuticas e residuais, mas afirmativas e centrais, nos intercâmbios discursivos.

Lida sob tais referências, *De bibliotecas e outros assuntos: reflexões, práticas e pesquisas*, volume organizado pela Profa. Dra. Jussara Santos Pimenta, é documento que, além de celebrar seus dez anos de atuação como mestra especial e dedicada do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Mestrado e Doutorado Profissional da Universidade Federal de Rondônia (Unir), partilha “experiências, percursos investigativos e reflexões desenvolvidas ao longo dessa trajetória, em parceria com os orientandos de mestrado”. Temos diante de nós, portanto, um conjunto fértil de ideias e relatos de práticas realizadas metódica e colaborativamente em solos concretos e cujo ponto de partida comum é a interpelação crítica da monologia educacional e cultural, tendo em vista a produção de referências educacionais que imprimam objetividade e solidez à dialogia como princípio formativo.

Da primeira à última linha dos dez artigos constantes deste volume, um corpo de narrativas de autorias distintas, mas convergentes e sustentadas pela mesma busca paradigmática, é oferecido ao leitor. Todas colocam-nos em contato com sucessivos e diferentes atos de enfrentamento da tradição da palavra única, do silenciamento tomado como norma socioeducativa, mesmo se camuflado sob formas ativas e sedutoras que, no entanto, não resistem a olhares crítico reflexivos reveladores de esquemas retóricos que buscam mais adesão e consentimento que emancipação intelectual e política.

Se a afirmação da dialogia é busca que confere unidade ao todo, não se pode deixar de notar, por outro lado, que do ponto de vista temático é conferido privilégio explícito à problemática das Bibliotecas situadas em contextos educativos, como os escolares. O título já indica a opção, assim como o número de artigos. Num total de dez, sete tratam diretamente de importantes aspectos envolvendo diretamente questões bibliotecárias: concepções, configurações espaciais, acervos, linguagens documentárias, mediações pedagógicas, dentre outros.

Tal prevalência impõe uma pergunta, sobretudo porque esta publicação não resulta, evidentemente, de opção simplesmente fortuita, nem tampouco de celebração de não importa que tipo de instituição bibliotecária em contextos educativos. Quais são, pois,

as razões dessa escolha? Como ela é desenvolvida? Por que são privilegiadas justamente as relações Biblioteca e Educação em conjunto de pesquisas sobre educação escolar? Que desafios educativos e culturais estariam aí implicados? Que razões substantivas levam um grupo de mestrandos e sua orientadora a conferir centralidade a uma temática que foi e continua sendo historicamente secundarizada nos debates científico-acadêmicos, seja no campo da Biblioteconomia ou da Educação? Qual a importância dessa posição? Que sentido educacional e cultural maior justificaria, enfim, essa subversão epistêmica, educativa e cultural, produzida nos territórios amazônicos da Unir?

Chama a atenção, em primeiro lugar, que a Biblioteca, em diferentes artigos, é definida pela negatividade, pelo que não deva ser. Uma crítica severa e pertinente é dirigida e repetida ao longo da publicação aos “depósitos de livros”, à ideia de bibliotecas transformadas em espécies de guarda-volumes inertes e, além disso, supostamente neutros. Em decorrência, os trabalhos aqui veiculados não associam bibliotecas nem a almoxarifados, nem a mecanismos técnico-especializados, distribuidores de moedas sígnicas desencarnadas e desencantadas. Implicitamente, não se trata, portanto, de apenas ter bibliotecas nas escolas ou fora delas. Trata-se, evidentemente, de tê-las, de imprimir-lhes, sem dúvida, funcionalidade, mas, muito além disso, de dotá-las de significado educacional e cultural, salutar opção política.

Sob tal perspectiva, a articulação de partida entre a negatividade do “depósito”, e a positividade, representada pelo firme compromisso com a dialogia, cria um espaço de tensão instaurador de buscas que, mesmo sem explícitas ambições teórico conceituais, oferece subsídios reflexivos e práticos capazes de alimentar tanto terrenos educativos e culturais concretos, como científico-acadêmicos.

Boa parte de nossos projetos político-institucionais ressenete-se de ancoragem teórica e metodológica que os oriente. Situam-se dentre eles aqueles movidos inclusive por honestas e explícitas intenções dialógicas, mas que sofrem com falta de organicidade e clareza, ao serem obrigados a repetir concepções e práticas desgastadas que vão em direção contrária a seus desígnios. Somando à frequente escassez de recursos operacionais, a falta de recursos epistêmicos sólidos e abalizados, as propostas dificilmente conseguem ultrapassar os limites do voluntarismo empirista, do ensaio e erro, quando não, da improvisação disfarçada de criatividade.

Desse modo, este De bibliotecas e outros assuntos..., ao compartilhar processos de formação e pesquisa, oferece pistas promissoras à construção de projetos dialógicos, reunindo biblioteca e educação (escolar ou não escolar), mesmo se seus autores possam se ressentir, também, da ausência de acumulação científica consolidada que ampare suas perspectivas dialógicas. Dado, contudo, que tal ausência felizmente não os paralisou, mas ao contrário, tornou-se estímulo para a busca metódica e direcionada à renovação, temos aqui resultados que contribuem para o avanço necessário das práxis educacional, cultural e científica, tomadas menos como porto seguro confortável e mais como desafio calculado, oportunidade de formação criativa e criadora de conhecimentos e práticas instauradores.

A proximidade com a floresta e suas demandas urgentes talvez tenha ajudado na adoção desse modelo inteligente que articula num mesmo movimento compartilhado pesquisa, formação e ação educativo cultural. Manter nos solos amazônicos ordem epistêmica segmentada, que fratura teoria e prática, universidade e sociedade, saberes científicos e saberes da ação, seria correr sério risco não só de imobilidade, mas de indiferença face a ciclo histórico de destruição e liquidação de territórios ricos em húmus material e simbólico que buscam, no entanto, indispensável oxigenação para sobreviver. Se a floresta e seus habitantes estão ameaçados, é preciso articular metodologicamente, num todo dialético, pensar, agir e dizer em investidas capazes de imprimir condições de objetividade e sustentabilidade imediatas ao meio, bem como de consolidação de bases teóricas e metodológicas sólidas e necessárias a ações de médio e longo prazo.

Nessa ação tripartite, incompletudes que inevitavelmente se revelam durante os processos de produção, vão sendo identificadas, explicitadas, avaliadas e reelaboradas no curso das próprias ações, tendo como guia permanente os ponteiros das bússolas do dialogismo. O não saber é, portanto, assumido e incorporado como categoria metodológica dos atos de produção de conhecimentos, gerando um movimento que articula e aproxima teoria e prática, ação científica e educacional, saberes formais e não formais em torno da mesma e permanente atitude de interrogação e reflexão críticas que enriquecem e acrescentam contornos ao próprio paradigma, mantendo-se, no entanto, a fidelidade a ele. Se ciência se opõe a dogma, assumir incompletudes, como ensinou Bakhtin, não é sinal de fragilidade ou de aventura errante. É, antes,

demonstração de comprometimento e de escolhas que não cedem a tradições que, por desprezo às incertezas, acabaram, muitas vezes, abraçando a religiosidade positivista e cientificista.

Em múltiplos aspectos, as pesquisas aqui expostas confluem com processos acadêmicos que nos permitiram formular o conceito de biblioteca fórum, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), após longo período de investigações realizadas colaborativamente com variados territórios educacionais e culturais. A proposição permite distinguir, conceitual e concretamente, essa modalidade de biblioteca de outras duas, chamadas por nós de bibliotecas templum e emporium. A importância da distinção reside no fato de que estas últimas, apesar das diferenças visíveis existentes entre elas, operam a partir de compreensões restritas, cristalizadas e unilaterais de memória social, de conhecimento e de cultura, enquanto a “fórum”, ao contrário, é concebida como território intercultural que se abre para o acolhimento da diversidade, da atuação afirmativa de sujeitos sobre os signos e os múltiplos repertórios que a constituem, assim como os constituem, também. Nessas dinâmicas de mobilizações sógnicas plurais, sentidos são postos à prova, reafirmados, refeitos, criados ou recriados, em processos afirmativos de significação que constituem identidades e heterogeneidades, autonomias e heteronomias, mediante cooperações ou confrontos mediados por princípios dialógicos expressos nos diferentes aspectos envolvidos nas relações entre os sujeitos: espaços físicos e/ou virtuais, acervos, linguagens organizacionais, práticas culturais, administrativas, sociais...

Tal como um ágora contemporâneo, a biblioteca fórum é, portanto, lugar onde cidadãos e sentidos interagem, complementam-se e divergem, colaboram e disputam, identificam-se e distinguem-se, criam vínculos e apartam-se, mas sempre reconhecidos e concebidos e tratados pelos pares e pelas instâncias mediadoras não como simples consumidores de signos a serem obrigatoriamente assimilados, mas como interlocutores e criadores de sentidos em ricos diálogos interculturais nem sempre fáceis de se processarem.

Se historicamente os “empórios” bibliotecários profanaram os tesouros do “templo” e tiveram o mérito de distribuí-los a varejo, mesmo se em pequenas proporções para populações que sequer sonhavam com a possibilidade de aproximar-se deles, não se pode deixar de considerar, contudo, que, diferentemente dos “fóruns”, não alteraram

substancialmente os critérios de legitimidade cultural, mantendo-os sob controle ao polarizá-los em instituições cujas lógicas são autocentradas ou unidirecionais, vale dizer, excludentes.

Por isso, apesar da profanação e da supressão da “aura” culturalista e erudita, os “empórios” signicos concentraram-se na logística distributivista e economicista, só se ocupando parcial e residualmente da ecologia súnica educativa, tomada em seu todo e especificidade. Se rejeitaram ser guardadores de livros, não assumiram organicamente os complexos papéis de educadores culturais, conservado para si, no entanto, o de prescritores da vida social, mediante ações transmissivistas de cultura que, diferentemente das previstas nos “fóruns”, não incluem intenções explícitas de conferir centralidade a fenômenos complexos, muitas vezes opacos e carregados de sutilezas e mistérios, como os direitos educativo culturais, categoria situada além da funcionalidade e que Antonio Cândido chamou de “incompressível”, ou seja, resistente à compressão, à compactuação, à simplificação.

Como outras instituições correlatas, as bibliotecas, dependendo dos contextos, são parte menos ou mais presentes dos difusos processos de produção, definição e redefinição da memória social. Elas não reúnem, guardam, organizam ou distribuem apenas signos e objetos culturais. Elas os selecionam, estabelecem relações, formam repertórios bibliográficos ou de outras naturezas, elas os legitimam, consagram. Nessas circunstâncias, não são centros neutros ou inócuos de acumulação e/ou de transmissão cultural. Com maior ou menor abrangência e representatividade, participam tanto dos movimentos permanentes de seleção, reunião, ordenação da matéria-prima que as constitui, como da preparação e disponibilização de tramas simbólicas necessárias à sustentação da vida individual e coletiva. Isto posto, são, como todas as instituições, dispositivos portadores de intencionalidades, sejam estas explícitas ou não.

Sendo assim, ao negarem reiteradamente a imobilidade dos “depósitos de livros”, ao não se renderem à monotonia economicista dos fluxos distributivistas, os textos aqui expostos, tal como os fóruns, definem seus topos e ethos institucionais em consonância com princípios que permitam às comunidades exercer não apenas formal e abstratamente, mas concretamente e na prática, seus direitos à educação e à cultura, à construção e desconstrução de sentidos que as alimentam e alimentam material e simbolicamente a polis.

Implantadas desde 1500 pelos projetos de colonização e, sempre que necessário, modernizando-se para garantir a sua continuidade, a monologia tornou-se espécie de ethos nacional que acata a dialogia, no máximo em posições secundárias e residuais, no geral, confinadas nas esferas da vida privada. Assim, se a colonialidade perdura e repercute até hoje nos vários aspectos da vida nacional, pesquisas como as aqui apresentadas anunciam caminhos que permitem, como dizia Freire, “esperançar”. De tintas combativas, mas sem proselitismos, elas contribuem à qualificação educativa de bibliotecas em contextos escolares, propondo o desenvolvimento de práticas institucionais comprometidas organicamente com a emancipação intelectual e a afirmação de direitos republicanos básicos.

Borges nos lembra que bibliotecas são instituições especulares, conectadas ao infinito. Mais que simplesmente informações, como pretende o senso comum, elas participam e podem oferecer possibilidades de participação na tessitura de tramas simbólicas que desafiam contingências e que Halbwachs chamou de memória coletiva. Recorrendo à distinção de Lévi-Strauss, elas são usinas de transformação do “cru” no “cozido”. Não guardam ou apenas oferecem ingredientes, por melhor que possa ser a matéria-prima informacional selecionada. Servem pratos ou possibilitam sua elaboração. Devidamente renovadas e abertas à participação cultural, permitem não só a degustação de “biscoitos finos”, como pretendia Oswald de Andrade oferecer à população, mas sua produção no aqui e agora da participação em experiências concretas de preparação e deglutição. A atuação nesses rituais cidadãos de transformação de vivências concretas em experiências semióticas compartilhadas, de tomada de posição central na constituição da palavra pública, é afirmação de direitos fundamentais que implicam e ampliam pensamento, imaginação, afetos, emoções, lembranças, sentidos e belezas, identidades. Nessa perspectiva, os “biscoitos finos” oswaldianos transformam-se em guloseimas sustentáveis e afinadas com o bem viver.

Fundamental lembrar que a centralidade conferida à Biblioteca no contexto desta obra, não remete somente a aspectos espaciais. Aqui, não se trata unicamente de deslocamento geográfico ou topológico da Biblioteca, de instalação no centro físico somente, da escola ou de outros contextos educativos. O deslocamento topológico aqui tratado, se implica obviamente o espacial, é de ordem educacional, pedagógica,

cultural e corresponde a atuação sobre o monologismo, o ethos cuja expressão mais visível e aclamada é o *magister dixit*.

Nesse sentido, a crítica aos “depósitos de livros” inscreve-se em linhagem histórica que recusa a tradição escolástica ou monasterial de biblioteca e cujo exemplo mais célebre é *O nome da rosa*, de Umberto Eco. Tal como se apresentam, as propostas dos presentes textos apontam para outra tradição que, segundo observações feitas por outro italiano, o paleógrafo e medievalista Armando Petrucci, teria sido inaugurada por Petrarca, poeta e precursor da nova cultura humanista que a Itália cultivará e irradiará a partir do século XIV.

Célebre tanto por seu talento poético, como por sua inovadora e admirada biblioteca, Petrarca desejou legar à cidade de Veneza sua coleção de extraordinários manuscritos, tendo em vista torná-la pública, após sua morte. Todavia, os governantes de então não realizaram seu desejo e, em consequência, sua rara e inovadora biblioteca, que além de textos clássicos em latim e grego, incluía obras em línguas vernáculas, acabou pulverizada e descaracterizada. Apesar disso, se Petrarca não pôde deixar sua biblioteca material e completa à cidade, com sua oferta, legou um símbolo renovado à era que se anunciava: sua biblioteca humanista. Esta não deveria ser apenas metáfora do conhecimento, mas metáfora do conhecimento entendido como bem público.

O projeto de centralidade da biblioteca nos processos educativos e culturais inscreve-se, portanto, nessa tradição histórica cuja metáfora renovada pelo poeta humanista resistiu ao tempo e permitiu orientar transformações educativo culturais importantes nos tempos renascentistas e pós-humanistas, mas que se esgotaram na contemporaneidade. O redirecionamento dos ponteiros paradigmáticos para os valores de uso, em contextos pautados fortemente pelos valores de troca, não se dá sem disputas e enfrentamentos. Ele demanda mudanças, deslocamentos tantos de topos, como de ethos, direção sem a qual a monologia do *magister dixit* continua estrangulando possibilidades educativas robustas. Ato, instituições, dinâmicas, agentes formativos e o próprio conhecimento, ao concederem prioridade, ao hipertrofiarem os valores de troca, instrumentalizaram-se, sobrando somente espaços comprimidos para avanços humanos e culturais situados além das superfícies, por mais brilhantes e ruidosas que estas possam ser.

A centralidade da Biblioteca deste volume aponta, assim, para a necessidade de novas retóricas que abarquem tanto topos como ethos, a fim de que as palavras não sejam meros sinais esvaziados de sentidos. A permanência das metáforas nos indica que estas, se são sinais de resistência, podem ser também de redundância, de reiteração e de passadismo. A proposta de biblioteca pública do clarividente poeta e bibliófilo humanista, além de reunir conhecimentos, retirava da mesmice privatizante os saberes da arte, da ciência, da filosofia, das religiões, dos conhecimentos práticos e do momento e não apenas dos clássicos latinos ou gregos. Nesse sentido, suas inovações não eram gratuitas ou ostentatórias. Traduziam esforço de ultrapassagem do cerco imposto à cultura, ao conhecimento, à memória por ambições desmedidas dos ricos mercadores venezianos, num momento histórico de crise da antiga ordem medieval e emergência do economicismo como critério organizador da nova ordem histórica em movimento ascensional.

Se é difícil escapar aos desdobramentos dessa ordem nos tempos presentes que, talvez como nenhum outro, instrumentalizou o conhecimento e, mais que isso, transformou-o em bem de consumo, categoria central e definidora de identidades pessoal e social, retomar e refazer antigas metáforas não é exercício simples de linguagem, sem sentido prático e político. As metáforas ressaltam, dão visibilidade e oferecem munição simbólica a disputas concretas. Nesse sentido, se devidamente revigoradas, metáforas como “bibliotecas fóruns” podem impulsionar iniciativas e valores essenciais e concretos que precisam ser afirmados e realizados para o enfrentamento do economicismo que hipertrofia e dá sustentação e fôlego ao magister dixit.

A introdução de questões relativas às tecnologias digitais, presentes nos três últimos artigos que completam o livro, não surpreendem, nesse aspecto. Elas fazem eco a essa perspectiva de renovação da memória social em consonância com a melhor tradição humanista de bases incluídas e públicas, mas que necessitam ser retomadas em perspectivas contemporâneas. Por isso, não estão desconectadas das problemáticas das bibliotecas na chamada “era da informação”. Estas, para fugirem do estigma de “depósitos de livros”, aceitaram perder a aura, transformar-se em “empórios” distribuidores nem sempre eficazes de informações, mas em alguma medida úteis à acumulação e ao girar dos capitais. Hoje, apesar dos evidentes mal-estares que as

acometem, aceitam definições que sublinham a matéria-prima que absorvem, mas que deixam de se referir ao objeto essencial cuja produção as distingue: a memória social, condição incontornável de identidade pessoal e cultural.

Diluir ou extinguir o nome é uma forma de silenciamento, de apagamento, como notou W. Benjamin, referindo-se a essa problemática precisa que coloca a informação contra a memória. Este livro celebra, portanto, não apenas a passagem do tempo, a construção e destilação no tempo de um trabalho corajoso e cuidadoso, regido pela sensibilidade e inteligência humanista renovada de educadora/pesquisadora especial. Ele resgata e celebra, também, memória de grandes educadores como Armanda Álvaro Alberto, Anísio Teixeira, Cecília Meirelles que compreenderam e afirmaram não apenas a importância e a centralidade topológica da Biblioteca na Educação, mas a importância essencial da participação de crianças, jovens e adultos de todas as idades e condições em diálogos com diferentes memórias e vozes, condição essencial de educação cidadã.

Se as políticas públicas de expansão e de capilarização das Universidades Federais vêm permitindo a tessitura de sonoridades que, partindo das terras amazônicas, renovam e ampliam repertórios educativos e culturais, convém, como fizeram antigos naturistas, ouvir atentamente esses sons alimentados pela floresta. Como a flor drummoniana, eles poderão atravessar asfaltos e fazer brotar vida promissora e regeneradora na polis.

Edmir Perrotti
ECA/USP
2025

CAPÍTULO 1. DESIGN DE BIBLIOTECAS COMO RECURSO EDUCATIVO: UMA PROPOSTA PARA O INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE RONDÔNIA – CAMPUS JARU¹

Kazuo Kadowaki

No meio científico especializado, em que se estuda a temática da apropriação da informação, já se compreende a biblioteca como um dispositivo formativo e também como uma extensão da comunidade; contudo, tal entendimento ainda não é amplamente difundido entre os acadêmicos de outros segmentos e na sociedade de modo geral. Isso requer um olhar mais cuidadoso no planejamento adequado desse espaço, para que esse entendimento, correntemente defendido no campo científico, sobre a permanente e integral apropriação das bibliotecas, torne-se lugar comum entre os sujeitos e para toda a população.

Ao se observarem as produções e investigações científicas a respeito do planejamento de espaços educativos e culturais, evidenciam-se, principalmente, estudos distintos voltados ao design das salas de aula, especificamente. Todavia, embora ocorra um atual reconhecimento científico da biblioteca como importante instrumento educativo, observa-se que ainda há pouca abordagem acerca do melhor arranjo e dimensionamento desse ambiente, na mesma amplitude em que se abordam as salas de aula e demais ambientes didáticos. Desta forma, ao valorizar o desenvolvimento do discernimento humano acerca dessas questões, pressupõe-se uma necessidade de estruturar com maior consideração os espaços onde tal prática virá a acontecer.

Tendo atuado tanto como engenheiro civil e projetista de obras arquitetônicas quanto como parte da equipe docente do Ifro, Campus Porto Velho Calama, o autor verifica a existência de um abismo dialógico entre projetistas e usuários de espaços edificadas, com especial destaque para os lugares de ensino e aprendizagem. No ramo da arquitetura e nas engenharias de modo geral, os projetos são concebidos tendo em

vista normas, diretrizes e estatísticas técnicas já consagradas para traduzir concepções metafísicas em designs e layouts, que se desenrolam em projetos e construções.

Entretanto, com base na experiência adquirida como projetista, é possível afirmar que, no processo criativo, é comum o cenário em que o cliente e/ou usuário apresente suas necessidades em linhas gerais, apenas. O projetista se encarrega de esmiuçar as exigências específicas, frequentemente sob a argumentação de que possui o domínio técnico necessário para exercer essa tarefa, de modo que apenas ao final desse processo é apresentado ao cliente/usuário o produto, isto é, o projeto ou a edificação. Assim, durante todo o fluxo de construção do objeto, o sujeito atinente conserva-se distante, alheio e estranho a toda a idealização, e por fim, ao próprio objeto, não percebendo neste os seus significados e sentidos, e permanecendo impedido de apropriar-se totalmente de seus ambientes.

Assim acontece com as bibliotecas escolares (BE), o local escolhido dentre os diferentes componentes do universo escolar para ser o objeto de investigação deste trabalho. As motivações do autor que levaram a escolha da BE como foco são tanto de ordem pessoal como de ordem coletiva. Particularmente, podem ser salientados o interesse pela leitura, literatura e pelos livros, como também pela organização de espaços e objetos, e profissionalmente, pelo desenho técnico arquitetônico, fatores que, quando correlacionados, tornaram coerente a escolha pela BE para estudo, dentre os diferentes ambientes que compõem a edificação escolar.

Do ponto de vista social, é percebida pelo autor a relevância que possui uma biblioteca para o desenvolvimento pessoal, social e instrutivo do sujeito, assim como, por outro lado, a escassa apropriação desse lugar pelo público, em especial pela comunidade escolar. Os motivos são das mais variadas naturezas: desde o desconhecimento ou as preconcepções equivocadas por parte dos usuários acerca das funções e potencialidades da biblioteca escolar ao emprego de métodos pedagógicos demasiado ortodoxos pelos docentes, além de ambientes físicos inadequados em termos de conforto, estímulo e atração, bem como serviços e colaboradores insuficientes. Para além dessas motivações, as bibliotecas, do ponto de vista tanto técnico como educativo, são um amálgama de incitações, por terem características, funções, públicos e significados múltiplos, constituindo-se como um expressivo desafio de compreensão e fruição plena.

Caminhos teórico-metodológicos

A pesquisa utilizou como base para analisar a concepção da biblioteca as obras de referência mais significativas utilizadas no campo da arquitetura: Ernst Neufert (2022) e Denna Jones (2015). Foram passageiramente citados, também, McCabe e Kennedy (2003), que tratam de forma específica do tema design de bibliotecas públicas. De origem nacional, Campello et al. (2010), Almeida (2005) e Sousa (2012) também abordam distintivamente o tema, e, embora relativamente recentes, já se demonstram como referências no planejamento de bibliotecas.

Já para a construção e conformação da hipótese, foram utilizadas, principalmente, referências como Pieruccini (2004), Pieruccini e Perroti (2012), Perrotti e Pieruccini (2008, 2013) e Perrotti (2015, 2016), a respeito da Infoeducação e da biblioteca enquanto dispositivo formativo; Viñao (1989, 1993a, 1993b, 1996, 2004, 2008, 2016a, 2016b, 2021) e Escolano (1993, 2000), acerca da escola como lugar e sobre o desenvolvimento de seus espaços; e Milanesi (1983), como referência histórica da trajetória da biblioteca. Finalmente, relativamente à concepção da proposta colaborativa e participativa, tomou-se como base o estudo de Burns (2011).

Em termos sintetizados, a respeito das fundamentações elementares da pesquisa, as contribuições de Pieruccini e Perrotti permitiram elucidar que a apropriação, na circunstância em que a biblioteca escolar possa exercer seu papel contemporâneo como dispositivo informacional, requer o estabelecimento do lugar bibliotecal como lugar da informação, sendo assim apropriado pelo sujeito em moldes dimensionais similares àqueles em que a sala de aula se evidencia, atualmente. Evidentemente, os significados e símbolos infundidos a cada um desses ambientes são distintos; porém, ao passo que ambos se constituem como lugares de aprendizado e apropriação, é possível traçar paralelos dos mecanismos sógnicos do ambiente escolar para a necessária construção do processo de apropriação da biblioteca, de maneira a constituí-la como lugar individual.

Já os aportes teóricos de Viñao e Escolano foram especialmente corroborados pela observância dos efeitos causados, de modo subjetivo, na percepção dos ambientes pelos discentes, ideologicamente e cognitivamente, e tais conformações moldaram a forma como esses discentes enxergam e compreendem o espaço e a sociedade, pois, como verificamos anteriormente, “o espaço vivido é um elemento determinante na

conformação da personalidade e mentalidade dos indivíduos e dos grupos” (Viñao, 1996, p. 62, tradução nossa). Além disso, com base em Viñao (1993a), percebe-se que os participantes atribuíram, ao longo de sua passagem na instituição, significados de ordem subjetiva à biblioteca, de modo que a tornaram um lugar, em sua concepção.

Acerca dos objetivos, a pesquisa foi do tipo exploratória. Segundo Gil (2002, p. 41), “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Assim, por meio de levantamento bibliográfico específico, busca-se refinar a concepção existente acerca da importância da arquitetura das escolas na formação dos sujeitos e, por conseguinte, sobre a relevância da arquitetura de bibliotecas no processo de ensino e aprendizagem.

Quanto à abordagem, a pesquisa é do tipo qualitativa. A análise das relações entre os membros da comunidade acadêmica permitiu caracterizar o referido grupo, com vistas a elaborar um delineamento do Campus Jaru como instituição de ensino, alicerçando-se nos aspectos identificados por meio do exame pormenorizado. Tais informações, assim, foram utilizadas como princípios a fim de parametrizar técnica, biblioteconômica e pedagogicamente o método central de pesquisa para o projeto de uma biblioteca, objeto deste estudo, a ser construída no campus.

Finalmente, quanto ao método, o procedimento de pesquisa adotado foi do tipo pesquisa-ação, que, de acordo com Thiollent (2011, p. 7), “consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos”, considerados científica e socialmente relevantes, por meio de grupos formados por pesquisadores e pesquisados, integrantes afetados direta ou indiretamente pela situação-problema, podendo incluir também outros agentes, como colaboradores interessados. A pesquisa-ação é concebida como um método na medida em que se constitui como “um caminho ou um conjunto de procedimentos para interligar conhecimento e ação, ou extrair da ação novos conhecimentos” (Thiollent, 2011, p. 8), o que implica que o pesquisador procure adotar determinada minúcia quanto à sistemática do exercício da pesquisa para responder às questões encontradas ou propostas.

A pesquisa foi realizada no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Ifro), mais especificamente no Campus Jaru, o qual, até o presente momento, embora possua uma biblioteca acomodada em edificação adaptada,

não dispõe de uma instalação própria construída em suas dependências destinada a esta finalidade, configurando-se como um objeto de estudo ainda isento de vícios e interferências, no tocante à concepção da biblioteca.

A etapa inicial foi de reconhecimento do campus, verificando desde sua estrutura física, social e pedagógica até a influência exercida sobre seu entorno e a comunidade externa. Esse procedimento consistiu na revisão de documentos institucionais e estatísticas elaboradas interna ou externamente à instituição. A seguir, foi realizada a observação e o levantamento em campo de dados acerca do funcionamento do campus, nos âmbitos administrativo e de ensino, para recolha de dados acerca de rotinas e características organizacionais e pedagógicas, bem como sobre eventuais necessidades específicas para traçado do perfil técnico para o projeto.

Para a caracterização do grupo, como abordagem direta, foram realizados diálogos abertos por meio de conversas individuais ou no grupo de mensagens criado no aplicativo WhatsApp contendo todos os participantes, entrevistas virtuais semiestruturadas armazenadas por meio da plataforma de reuniões virtuais Google Meet e, também, abordagens indiretas por meio de questionários virtuais disponibilizados por meio de formulário on-line com link de acesso, encaminhados diretamente para os participantes.

Assim, os dados coletados foram utilizados para traçar o perfil comunitário, que foi tomado como a base paramétrica para o programa de necessidades do projeto arquitetônico da biblioteca escolar do campus. Os discentes participantes da amostra foram um total de 13 (treze) pessoas, sendo selecionado 1 (um) aluno por turma de curso e modalidade de ensino. Foram também elaborados perfis embasados na literatura técnica e, a partir do cruzamento desses perfis obtidos, foi possível construir parâmetros norteadores que auxiliem na elaboração do projeto arquitetônico da biblioteca, integrando os aspectos já consolidados em literatura e os especificamente locais, coletados em campo.

Coleta de dados: fatores que influenciam os usuários

Os diálogos realizados com os discentes participantes, embora conduzidos a modo de entrevistas semiestruturadas, isto é, ausente da elaboração de enunciados definitivos, buscaram elucidar de modo característico as questões a seguir: a

compreensão que o discente possui acerca da Pesquisa e da Informação e qual a importância desses dois elementos em seu cotidiano; de que modo, com que frequência, quais recursos e para quais finalidades comumente utiliza a biblioteca; que limitações ou qualidades observa, em seu ponto de vista, na(s) biblioteca(s) visitada(s), que dificultam ou favorecem a realização do estudo e da pesquisa; que aspectos nota em relação ao conforto de utilização, divididos em fatores como iluminação, climatização e ventilação, poluição sonora e visual, ergonomia e percepção espacial geral da(s) biblioteca(s) visitada(s); quais os impactos que a disponibilização de um novo espaço de biblioteca poderiam ter em seus hábitos de uso; e comentários ou considerações suplementares que os participantes desejassem adicionar ao diálogo.

Verifica-se, desta forma, que o entendimento dos colaboradores da pesquisa sobre o que significam e do que tratam a Pesquisa e a Informação é heterogêneo; todavia, sugere uma percepção comum de que o ato de pesquisar implica buscar um aprofundamento investigativo em quaisquer assuntos, podendo estes ser acadêmicos ou não, porém que se relacionem ao interesse do pesquisador. Podem-se depreender das falas compreensões diversas, em que alguns sugerem que os saberes serão úteis para corroborar a vivência cotidiana, enquanto outros sugerem que a busca por informação possui finalidades predeterminadas, como a ampliação cultural, as obrigações estudantis ou profissionais e mesmo o entretenimento.

Acerca do procedimento, do local e das fontes de pesquisa, no entanto, as respostas são bastante diversificadas. Se, por um lado, os discentes valorizam a importância dos livros e das referências bibliográficas que podem obter neles, a internet e os recursos midiáticos se apresentam como uma forte contenedora de informações. Cabe mencionar que se reconhece, pelos próprios interlocutores, que as referências encontradas na Rede Mundial de Computadores podem ser insuficientes e também, frequentemente, falhas, de modo que a biblioteca é um componente necessário para o processo de pesquisa. Os livros, porém, somente não são utilizados todo o tempo pelos discentes devido à facilidade, agilidade e praticidade de se pesquisar na web, em comparação com a realização da atividade análoga nos volumes físicos, e até mesmo pela eventual escassez de títulos relacionados ao tema pesquisado. Evidencia-se, então, que é necessário o incentivo ao desenvolvimento de habilidades informacionais nos sujeitos, para que dominem a obtenção de informações em livros e em outras fontes,

particularmente as de cunho digital. Corrobora tal afirmação o fato de que as informações obtidas por meio da internet não são sempre produzidas por fontes confiáveis ou acuradas, e as buscas, frequentemente, camuflam os resultados pertinentes, o que requer um exame criterioso dos dados, onerando o processo de pesquisa.

No caso em tela, há ainda a disponibilidade de uma biblioteca virtual no campus, que já possui em seu acervo digital grande parte do acervo físico. A problemática também corriqueiramente citada pelos interlocutores, de uma insuficiência de volumes físicos para atender a todos os usuários, não afeta os volumes digitais, que são, em tese, ilimitados e permitem acesso simultâneo de diferentes utilizadores. Porém, também se reconhece que utilizar tal recurso exige certo preparo tecnológico para operar a plataforma e também equipamentos adequados para acessá-la, como smartphones, tablets ou computadores pessoais. Existe a possibilidade de o usuário utilizar o acervo virtual tirando proveito do espaço da biblioteca física; entretanto, quanto a isso, foi enfatizado que, à custa da distância da edificação em relação aos demais blocos, o alcance e a velocidade da conexão de internet sem fio, que poderia ser utilizada pelos usuários, é inconsistente, além do que os computadores disponíveis localmente, embora conectados diretamente à rede e, portanto, com boa velocidade de conexão, são em número insuficiente para atender à demanda.

Verificou-se que a utilização do acervo virtual e o acesso sem fio à Rede Mundial de Computadores não estão limitados apenas aos aparelhos à disposição dos usuários, podendo estes utilizarem seus dispositivos pessoais. Entretanto, outros impedimentos foram apontados, como a insuficiente quantidade de tomadas para recarga dos dispositivos e a instabilidade da conexão sem fio nesses aparelhos, dada a distância física dos equipamentos roteadores de rede, além de não haver espaços de estudo adequados para utilização de um computador pessoal, por exemplo.

No tocante à utilização do acervo, são mencionadas a dificuldade de encontrar títulos específicos ou relacionados a temáticas particulares. Foram sugeridas algumas soluções, tais como um terminal de computador dedicado à pesquisa de títulos do acervo ou a identificação clara das seções do acervo. Quanto a essas considerações, é perceptível que há uma necessidade de reafirmar a presença e a autoridade do profissional bibliotecário junto aos discentes, uma vez que é atribuição e também

campo de perícia dessa pessoa auxiliar os usuários na busca por escritos e conteúdos no interior da biblioteca.

Os demais descontentamentos detectados, diretamente concernentes à infraestrutura física da biblioteca, requerem intervenções mais extensivas e de maior complexidade, além de carecerem de maiores ponderações e investimentos pela gestão institucional. A respeito de quais limitações ou qualidades os participantes observam na presente biblioteca do campus, ou mesmo naquelas as quais o discente tenha visitado, existem pontos que captam a atenção, mencionados de modo recorrente na discussão entre os entrevistados. Contudo, os objetos de maior notabilidade e que se distinguem na investigação estão relacionados aos aspectos percebidos intrinsecamente e de modo específico por cada entrevistado, e é possível especular que estes variam individualmente em grau de relevância, de acordo com o conjunto de concepções ou opiniões imbuídas em cada um dos sujeitos. De modo geral, aparentam ter direta relação com os fatores que exercem maior influência sobre o usuário, e que podem ser de ordem fisiológica, ideológica e social, ou mesmo psicológica. Embora possa se questionar quais vínculos a questão espacial possui com os aspectos supracitados, é possível sustentar, como verificado anteriormente, que as crenças exercem uma densa interferência sobre como o sujeito percebe e entrevê o ambiente, raciocínio que pode ser corroborado pela própria fala dos entrevistados a respeito dos lugares físicos pelos quais já transitaram no passado e transitam no presente.

Explorando de modo mais amplo esta discussão, no tocante a fatores ambientais como iluminação e irradiação solar, bem como conforto térmico e acústico, as inferências observadas são consonantes, em regra. A iluminação artificial é notada como insatisfatória, pois em determinadas áreas é tênue em excesso, enquanto em outras está no extremo oposto, sendo intensa demais para a visão, não havendo uma harmonia adequada. Já quanto à emissão natural, é mencionado pelos discentes que ocorre tanto o ofuscamento visual pela incidência direta da luz solar através das janelas, que prejudica a prática educativa em horários específicos, em que a cintilação e a refração da claridade incomodam a visão, quanto o inconveniente causado pelo calor experienciado, devido a radiação solar sobre o usuário, e aquecendo também o recinto.

O conforto acústico é apontado pelos discentes sob duas perspectivas: os barulhos de procedência interna e os de procedência externa. O ruído de origem interna é tipicamente produzido pela atividade dos próprios usuários, em maior proporção devido às discussões e debates em grupo; porém, também podem ser citados os bate-papos e as descontrações. Nota-se ainda que os próprios equipamentos de mobiliário instalados na biblioteca são agentes geradores de ruído, de modo particular as cadeiras, que rangem com o uso ou raspam o piso ao serem arrastadas no momento em que o usuário se senta ou se levanta. Verifica-se ainda que as mesas, embora habitualmente em posição fixa, simplesmente rilham quando o usuário se apoia nelas, o que pode acarretar rangidos incessantes quando um visitante realiza anotações manuscritas, por exemplo. Mesmo o estudo individual pode produzir ruídos, pois os discentes, de modo ocasional, também costumam assistir a videoaulas, palestras ou podcasts nos computadores disponíveis; todavia, estes não são equipados com dispositivos individuais de áudio (fones de ouvido, headsets ou headphones), e os discentes apenas eventualmente possuem os seus próprios. Cabe mencionar que, no entanto, quando os usuários realizam atividades em seus próprios dispositivos (smartphones, computadores pessoais), nota-se que é habitual utilizarem, também, fones individuais.

A respeito do ruído de origem externa, trata-se de uma ocorrência nada estranha aos alunos, visto que o imóvel em que a biblioteca está atualmente instalada está localizado nas proximidades da via pública, de modo que a poluição sonora proveniente do tráfego de veículos reverbera sistematicamente no interior da edificação. Além disso, o prédio localiza-se também próximo do acesso público ao campus, e nos horários de pico de fluxo de pessoas, isto é, nos períodos de entrada e saída de alunos, sobretudo, tal complicação se acentua, pois os discentes aguardam ou se reúnem nos arredores da biblioteca antes de adentrar ou deixar o Instituto, e invariavelmente dialogam ou geram vozerio, que também ecoa para o interior da construção.

Dentre os fatores ambientais, o conforto térmico, não obstante, afigura-se como uma condição episódica e apresenta-se apenas de modo esporádico ou recôndito nos pareceres recebidos, mas constata-se que a ventilação é insuficiente e que a climatização não alcança todo o interior da biblioteca. Parte deste fenômeno de menções apenas casuais deve-se, hipoteticamente, ao fato de que o clima da região em

que se encontra a instituição é tipicamente tropical, com temperaturas médias do ambiente entre 28 °C e 30 °C. Consequentemente, os recintos internos das edificações do campus são, via de regra, climatizados por sistemas de ar-condicionado, o que torna os ambientes instintivamente satisfatórios aos usuários, quando comparados à permanência em espaços ao ar livre. Por outra parte, ocorre também que outros fatores, que não os climatológicos, atraem com maior intensidade a atenção dos discentes, fato ratificado pelo maior volume de críticas categóricas a respeito dos demais elementos ambientais discutidos anteriormente. Ainda em relação ao conforto do usuário, é citada também a questão da ergonomia, apontada como um fator condicionante para o tempo médio de uso da biblioteca pelo visitante, visto que o conforto dos móveis, isto é, das mesas e cadeiras, afeta o seu desempenho de estudo, pesquisa e leitura ao longo do período em que são utilizados.

Sugere-se ainda um espaço, no interior da própria biblioteca, em que o visitante possa realizar intervalos de repouso, permitindo assim atenuar a fadiga física e mental, visto que a própria instituição não dispõe, até o presente momento, de ambientes em que os alunos possam socializar e recrear apropriadamente. Nesse local, propõe-se a implementação de sofás, poltronas, puff's e tapetes, de modo a permitir o repouso e a descontração. Esse espaço deve, evidentemente, estar em locação afastada ou reservada em relação às áreas de estudo e pesquisa, para não perturbar o progresso dessas atividades.

O tamanho físico da biblioteca é um fator que se apresenta em uníssono nos discursos examinados, tanto em menções diretas como em referência a outras circunstâncias, as quais se dão em virtude das limitações dimensionais apontadas pelos discentes. De maneira geral, afirma-se que a limitação do espaço impede seu uso em virtude da lotação, bem como pela facilidade de reverberação do barulho. Pode-se, assim, depreender que o espaço físico, ainda que não mencionado pontualmente nas falas, é insatisfatório, devido aos efeitos que ocasiona.

Com relação a facilidades disponíveis aos visitantes da biblioteca, é importante mencionar a não existência de recursos considerados essenciais, como instalações de banheiro e bebedouro, sendo a imperiosidade ainda mais acentuada se, nesta equação, for inserida a distância da edificação em relação às instalações mais próximas.

Como é conjecturado para pesquisas deste gênero, as informações obtidas junto aos participantes são evidentemente diversificadas. Não obstante, atrai a atenção o advento de um discurso que, mesmo em manifestações distintas, apresentou-se como uma aspiração unânime na fala dos discentes participantes: há uma robusta expectativa da possibilidade de usufruir de um espaço renovado e desenhado em concordância com as necessidades educacionais existentes, e que venha a sanar as insuficiências percebidas pelos usuários. Depreende-se das falas coletadas que, independentemente de quais melhorias foram propostas pelos participantes e quais poderão eventualmente ser implementadas, há um consenso de que todo e qualquer avanço concretizado em favor da biblioteca do campus sinaliza para uma maior utilização desse espaço pela comunidade acadêmica.

Cabe enfatizar, quanto à estrutura, que o maior anseio identificado, presente em todos os diálogos realizados, é o de maior espaço e conforto, seguido pela demanda por mais equipamentos de informática e recursos de acesso à internet e ao acervo virtual. Por fim, presentes de modo não igualmente sucessivo nas manifestações, porém de igual importância, figuram os demais fatores de bem-estar ambiental, isto é, iluminação, conforto térmico, ruído e ergonomia. No que se refere ao acervo, sinteticamente as demandas são por uma ampliação do acervo em títulos e obras voltadas para os cursos, tanto para os cursos de nível médio-técnico como superior, em especial para as etapas mais avançadas de ambos os graus. Observa-se assim que nos discursos apurados, em termos de apropriação de conhecimento o fator de maior peso e que dissuade o uso da biblioteca é o déficit informacional do acervo.

Visualiza-se que os participantes já atribuem alguma importância da biblioteca para a cultura escolar. Porém, uma intervenção dessa natureza deve auxiliar na ressignificação da relevância da mesma para a comunidade acadêmica, de forma a elevar a atuação da biblioteca para um patamar de equidade de prerrogativas com o ensino e as demais atividades formativas. A discente Bruna, por exemplo, menciona que a biblioteca exerceu grande influência para despertar na mesma o interesse pela leitura. Também nesse sentido, os discentes Amanda e Nicolas avaliam que no decurso de sua participação nos diálogos da pesquisa, ao aprofundarem-se na discussão acerca da biblioteca, notaram a importância que esta possui, e perceberam a influência exercida por aquela em sua própria formação, assim como comentam a pertinência de

se realizar a análise do objeto de estudo também sob o prisma do corpo discente, o qual é o público que utiliza o espaço em maior número.

Como mencionado, realizou-se coleta de dados também por meio de questionários virtuais. No entanto, embora tenham sido realizadas veementes tentativas de engajamento junto aos discentes, foi obtido um total de 50 respostas de alunos nesse período, o que equivale a um resultado aproximado de 13% de participação do quantitativo de alunos até então matriculados nas turmas visitadas, sendo 80% alunos de nível médio-técnico e 20% de nível superior. Em resposta ao convite solicitamente divulgado pela gestão maior do campus, houve, também, seis respostas provenientes de servidores docentes e técnicos, o que representa aproximadamente 23% de participação do corpo de servidores. Foram obtidas, também, duas respostas de usuários externos à comunidade acadêmica, presumivelmente devido ao procedimento de compartilhamento realizado pelos alunos, totalizando 58 respostas ao questionário virtual de coleta.

Os questionários foram disponibilizados por meio de ferramenta virtual, permitindo um maior alcance populacional e, também, oferecendo funcionalidades compreensíveis na organização, no manuseio, tratamento e na análise de dados coletados, por serem fornecidos em estrutura de tabela, o que permite a criação de gráficos e outras formas de visualização esquemática. Os dados estatísticos obtidos corroboram a análise dos discursos dos participantes e demonstra, em termos quantitativos, a dimensão dos fatores citados, de maneira que é possível sugerir que aspectos relativos à usabilidade e ao bem-estar nos espaços são preferenciais para os usuários.

Os produtos da pesquisa: o projeto da biblioteca e a proposta metodológica

Para formular o projeto arquitetônico basilar da biblioteca, foram adotados, como premissas iniciais, parâmetros já estabelecidos na literatura das áreas de Arquitetura e de Ciência da Informação e Biblioteconomia. Campello et al. (2010) estabelecem, em seus indicadores para análise de bibliotecas escolares, alguns critérios para avaliar a qualidade desses ambientes, ao examinar aspectos quanto ao espaço físico, ao acervo, aos serviços, atividades e equipamentos desenvolvidos e ofertados, e também quanto à

equipe de colaboradores, parâmetros estes que podem ser empregados na concepção primária do design.

A localização da edificação no lote foi escolhida de maneira a favorecer tanto o acesso da comunidade acadêmica – discentes, docentes e técnicos – quanto da população em geral. Consequentemente, optou-se por locar a biblioteca próxima à via pavimentada de acesso que percorre o terreno, desde a via pública até o conjunto de edificações que compõem o campus, em posição longitudinal em relação à via e em alinhamento com os demais blocos. Assim, o acesso à biblioteca estará, aproximadamente, equidistante tanto das edificações educacionais e administrativas como do acesso principal.

Tal escolha favorece também aspectos construtivos importantes, como a iluminação e a ventilação, por exemplo. O ângulo em relação ao Oeste geográfico é de, aproximadamente, 44° positivos, demonstrando que a edificação receberá a emissão solar no período matutino diagonalmente – com alguma variação angular positiva ou negativa, de acordo com o ciclo sazonal, cabe destacar – nas áreas de estudo individual, e no período vespertino, incidirá sobre a face posterior da edificação, sobre as salas de estudo em grupo. Assim, as áreas de maior relevância para estudo e pesquisa poderão usufruir de iluminação natural durante todo o período do dia, enquanto as áreas de trabalho dos colaboradores serão mais favorecidas no período matutino.

Seguindo parâmetros de nível exemplar para bibliotecas proposto por Campello et al. (2010), a biblioteca possuirá área construída dedicada de 360 metros quadrados e, em termos de estrutura de atendimento, contará com um quantitativo de 12 módulos de mesas para 4 pessoas cada, totalizando 48 assentos. Além disso, terá 3 salas de estudo para 4 pessoas cada, e também 32 módulos de baias individuais, sendo 16 para estudo privativo e 16 munidas de computadores para acesso à internet, perfazendo, assim, uma capacidade total de 92 pessoas sentadas.

Campello et al. (2010) recomendam ainda que, em nível exemplar, deve haver computadores suficientes, disponíveis também para uma classe inteira de alunos. Contudo, o campus conta com um Laboratório de Informática com capacidade para 40 discentes, de modo que este parâmetro foi suprimido do dimensionamento de área e de serviços da biblioteca, a fim de não ocasionar ambiguidades de serviços e também para

preservar a característica de economicidade, permanecendo, assim, o quantitativo de acordo com a previsão de baias individuais supracitada, isto é, uma soma conclusiva de 16 computadores.

Os parâmetros de pessoal recomendam que a equipe seja composta por um bibliotecário responsável e por pessoal auxiliar, para cada turno. Considerando que os trabalhos da biblioteca deverão ser desenvolvidos em todos os turnos, a equipe sugerida é de um bibliotecário e quatro colaboradores, de modo que o gestor do setor possa planificar revezamentos entre atividades técnicas e de atendimento ao público dentre os colaboradores.

Assim, quanto aos espaços de trabalho dos colaboradores, a biblioteca deve contar com

um balcão de atendimento e ambiente específico para atividades técnicas, com uma mesa, uma cadeira e um computador com acesso à internet, para uso exclusivo de cada um dos funcionários (Campello *et al.*, 2010, p. 12).

Foram dimensionadas, em vista disso, três áreas de trabalho, sendo a primeira aberta e circundada por um balcão e exclusiva para atendimento ao público, e, anexa a esta, a sala de catalogação, destinada à execução de serviços técnicos. Há, por fim, um terceiro cômodo: a sala da administração, destinada ao gestor do setor, visto que cada biblioteca instalada no âmbito do Ifro é dirigida por um Coordenador de Biblioteca.

No que concerne ao acervo, segundo Campello et al. (2010), o fator quantitativo para bibliotecas escolares é de, ao menos, quatro títulos por aluno, com no máximo cinco exemplares. Assim, foi adotado o parâmetro de quatro títulos por aluno e quatro exemplares por título, totalizando um acervo estimado de 10.240 livros. Tendo em vista que a referida biblioteca deverá em tese atender também ao público externo, admite-se observar também o fator quantitativo referenciado pela Fundação Biblioteca Nacional (2000), que prevê um coeficiente de 0,35 livros por habitante para populações de até 40.000 habitantes. Assim, com uma população estimada de 52.000 habitantes e adotando-se um coeficiente de 0,3 livros por habitante, tem-se que o acervo presumido é de 15.600 livros.

Desta forma, utilizando-se um fator médio entre ambos, estima-se um total de 12.920 livros de acervo necessário. Para preservar o aspecto da organização do layout, optou-se por utilizar 72 módulos de estantes duplas com seis prateleiras (dimensões

1,00 x 0,60 x 2,30 metros, na proporção Largura x Profundidade x Altura), totalizando uma capacidade hipotética de até 14.400 livros. Adjacente ao acervo, foi previsto também um espaço de debates, discussões e eventual socialização, equipada com sofás, poltronas e puffs, na qual os usuários podem realizar leituras recreativas, diálogos descontraídos ou mesmo repousar em seus intervalos entre os estudos.

As instalações sanitárias foram propostas de acordo com o preconizado no Código de Obras do Município de Jarú. Contudo, tendo em vista que tais instalações estarão à disposição de toda a comunidade escolar e não apenas dos usuários da biblioteca, o fator quantitativo encontrado na referida regulamentação foi majorado em duas vezes.

Para a área externa adjacente à biblioteca, foi também esboçado um minianfiteatro para realização de atividades culturais e literárias, como apresentações musicais, teatrais e saraus, dentre outras práticas, como a socialização, o lazer e a descontração. A capacidade total aproximada é de 100 ocupantes, distribuídos em duas seções semicirculares.

Para melhor visualização do produto final da concepção da biblioteca, foi também elaborada uma projeção tridimensional da edificação, para conferir maior visibilidade espacial do objeto. A projeção 3D foi produzida por uma pessoa colaboradora da pesquisa, no software de modelagem SketchUp, a partir do projeto arquitetônico básico bidimensional elaborado originalmente pelo autor, no software Autodesk AutoCAD. Optou-se por investir nesse recurso de apresentação do projeto como meio de dinamizar a visualização do objeto, pois tal exercício não é tipicamente bem-sucedido apenas com as perspectivas exibidas em desenhos bidimensionais. A Figura 1, abaixo, demonstra a projeção supracitada.

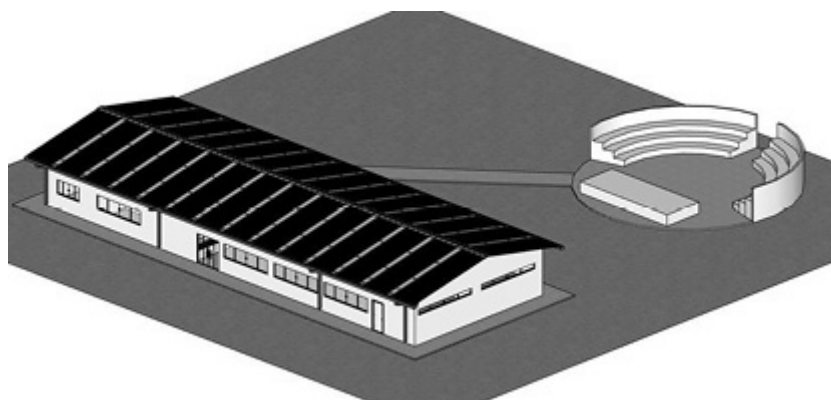


Figura 1. Projeção tridimensional da Proposta de Projeto da Biblioteca

Fonte: Elaborado por Ketleen Monique Couto a partir do projeto do autor (2023).

A proposta metodológica foi concebida com o objetivo de auxiliar docentes e profissionais da área de projetos a apropriar-se da perspectiva colaborativa e participativa no ensino e na elaboração do design de espaços arquitetônicos, com ênfase em ambientes com fins educacionais e/ou culturais. A iniciativa busca, também, facultar aos participantes desse processo uma atuação ativa, favorecendo a familiarização e a apropriação efetiva do objeto.

No processo de elaboração de projetos arquitetônicos, os diferentes gêneros de edificações induzem à adoção de abordagens distintas. Ainda assim, edificações educativas e culturais como escolas e bibliotecas são, via de regra, planejadas tendo em vista aspectos como economicidade, simplicidade técnica e standardização, engendrando construções inexpressivas e genéricas. Observando esse fenômeno numa menor escala, verifica-se, exemplificadamente, que as gestões educacionais organizam suas salas de aulas, suas bibliotecas e demais locais acompanhando uma racionalidade de utilização que proporcione o melhor aproveitamento lógico e logístico, na maior parte dos casos menosprezando os aspectos pungentes, que possuem potencialidade para aprimorar o modo como os discentes aprendem e usufruem do conhecimento.

A proposta se constitui numa sistemática de planejamento de espaços educacionais e culturais (como, no caso em tela, a biblioteca escolar) a partir de uma perspectiva colaborativa e participativa, com vistas a projetar ambientes de ensino e aprendizagem cujo design e configuração possam corresponder aos anseios e necessidades não apenas dos profissionais bibliotecários e dos docentes, mas também dos estudantes. Os aportes construídos no desenvolvimento da proposta corroboraram o entendimento, tomado como referência teórica, de que o planejamento adequado da constituição física dos espaços exerce influência sobre diferentes fatores do aprendizado, desde aqueles em nível subjetivo ou mecânico a ações ou comportamentos premeditados, pela configuração do lugar em que tais atos se desenrolam, podendo tal influência ser positiva ou negativa de acordo com o design e os fatores ambientais. Também influem nesse processo os significados atribuídos, o processo de estabelecimento desses espaços em lugares e da sua apropriação pelos sujeitos.

Diante disso, esta abordagem poderá também ser utilizada como um recurso didático, não somente para cursos e/ou disciplinas correlatas à construção civil, como Engenharia Civil e Arquitetura e Urbanismo. A intenção é a de protagonizar os usuários dos espaços escolares, especialmente os discentes, de modo que venham a assimilar os sentidos e significados desses ambientes, apropriando-se destes de forma integral. Assim, a condução deste processo não se restringe à autoridade do projetista, podendo o docente ou o profissional técnico ou da educação promover uma iniciativa de design participativo com a comunidade, nos seus próprios espaços de atuação.

Considerações finais

A pesquisa intitulada “Design de bibliotecas como recurso educativo: uma proposta para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Jaru” foi norteada pelo objetivo de se desenvolver uma proposta metodológica para a concepção colaborativa e participativa de espaços educacionais e escolares, com vistas a projetar ambientes de ensino e aprendizagem cujo design e configuração corresponda aos anseios e necessidades não apenas dos profissionais docentes e educadores, mas também dos discentes e estudantes. No decorrer da pesquisa, me propus a identificar, inicialmente, fatores ambientais que afetam o desempenho do processo educativo, assim como a forma como se dá a conformação dos espaços em lugares, especialmente no contexto da educação, por meio de uma intervenção local no Campus Jaru do Ifro.

A metodologia empregada foi a pesquisa-ação, visando relacionar os benefícios da utilização de um layout arquitetônico dirigido ao perfil de uma instituição de ensino, e aplicar os parâmetros obtidos a projetos para bibliotecas, com vistas a ampliar o aproveitamento, a satisfação e o conforto na utilização do espaço. Para tanto, buscou-se contextualizar o objeto da pesquisa de acordo com a realidade educacional, social, econômica e geográfica, a fim de elaborar um delineamento do campus Jaru como elemento orientador para um projeto arquitetônico de Biblioteca Escolar, visando à propícia utilização do espaço em termos de aproveitamento, satisfação e conforto dos colaboradores e usuários. Buscou-se responder à seguinte questão: Em que medida o layout arquitetônico e a disposição inadequada da estrutura física da biblioteca podem afetar o desempenho do processo de aprendizagem? É admissível manifestar que a

pesquisa obteve êxito em alcançar os objetivos propostos e mais, pois os resultados da investigação concederam mais informações e elucidações do que inicialmente pretendido. Se no início se buscava contextualizar o objeto de estudo, a fim de produzir um projeto especificamente desenhado para contribuir com sua finalidade, após a análise dos dados coletados, evidenciou-se o prestígio atribuído à biblioteca e os impactos não apenas em termos educacionais, mas também emocionais causados nos usuários. A biblioteca possui, para esses diversos papéis: fonte de conhecimento e informação; local de estudos, sozinho(a) ou em grupos; de descanso e repouso; de socialização e descontração, dentre outras competências. O espaço demonstra ser, de muitas e distintas maneiras, um abrigo, um refúgio, um “porto seguro”.

As capacidades inconscientemente atribuídas à biblioteca pelos usuários, em grande medida, remetem às discussões realizadas nos referenciais teóricos, o que permite inferir que tanto a biblioteca como as pessoas que a utilizam parecem intuitivamente estar elevando-se e elevando-a ao patamar de “dispositivo formativo” e a uma extensão a mais para a vida cotidiana. Não há como negar, porém, que bibliotecas ainda são, de certo modo, entidades não totalmente compreendidas, ou em outros termos, precisamente definidas. Seu papel, sua atuação, seu significado, suas competências, todas essas propriedades ainda são fruto de discussão, e possivelmente serão pelo futuro, pois entender a biblioteca requer estar face a face com as ambiguidades que a representam: conservação versus disseminação, reprodução versus apropriação, fechado versus aberto, arcaico versus moderno.

Se, por um lado, existe a preocupação de que essa instituição seja responsável por preservar e proteger a cultura humana, por outro há o desejo de permitir que tal conhecimento esteja ao alcance de todas as pessoas. Sendo assim, a biblioteca moderna, em sua trajetória, sempre necessitará caminhar sobre uma linha muito tênue, salvaguardando a herança cultural e, simultaneamente, auxiliando no processo de apropriação e possibilitando o acesso das futuras gerações.

Ao ter a oportunidade de apreender as falas dos participantes a respeito da biblioteca, é notável que podemos destacar duas conjunturas, em particular: uma de reverência e respeito à instituição como detentora de informações e conhecimento, porém num sentido “sacro”, isto é, como que situada em um lugar excepcional; e outra de familiaridade e intimismo, em que o sujeito compreende, do mesmo modo, a

importância da biblioteca, mas não a coloca como um elemento superior e enigmático, e sim como um recurso ou uma possibilidade à sua disposição. Apesar disso, mesmo com a ocorrência do imaginário de diferentes patamares de deferência em relação à biblioteca, há um consenso evidente: a biblioteca é e sempre será uma fonte de conhecimento e sabedoria.

Quanto à questão inicial, verifica-se que a configuração espacial do ambiente em que se desenvolvem as atividades de estudo e pesquisa afeta, em grande medida, o desempenho dos usuários, fato constatado nas próprias elocuições dos participantes deste estudo. Com base nessas informações, foi proposto um projeto que considere tais expectativas, a fim de produzir um design que seja satisfatório.

A partir dos referenciais escolhidos como base teórica para a pesquisa e da experiência profissional obtida atuando como projetista, foi possível compreender que o planejamento da constituição física dos espaços exerce grande influência sobre diferentes fatores do aprendizado, desde aqueles em nível subjetivo ou mecânico a ações ou comportamentos premeditados pela configuração do lugar em que tais atos se desenrolam. Essa influência pode ser positiva ou negativa, de acordo com o design e os fatores ambientais. Também influem nesse processo os significados atribuídos, o processo de estabelecimento desses espaços em lugares e da sua apropriação pelos sujeitos.

Os instrumentos escolhidos para coleta de dados desenvolveram-se de forma bem-sucedida, embora, naturalmente, o avanço dessa pesquisa não tenha sido um caminho retilíneo, havendo a necessidade de rever ou adaptar procedimentos, repensar abordagens e considerar as dimensões particulares de cada participante, propondo abordagens compatíveis, a fim de obter resultados fidedignos.

Para futuras iniciativas de pesquisa no campo, podemos manifestar algumas proposições de desenvolvimento do tema. Como verificado, alguns participantes realizaram voluntariamente estudos a respeito da temática, e é perceptível que puderam se expressar a respeito com maior propriedade, assertividade e objetividade, trazendo suas próprias opiniões e críticas mais elaboradas. É pertinente a oferta de uma palestra no início do trabalho, com a comunidade participante, a fim de esclarecer de modo mais aprofundado o embasamento teórico que norteia a investigação, especificamente, e incentivar a apropriação de tais aportes. Salienta-se, no entanto, que não se pretende,

com essa proposição, diminuir a contribuição dos participantes que não se propuseram a estar a par do tema espontaneamente, pois foram igualmente valiosas; porém, os demais, ao realizarem suas próprias análises, ofertaram novas perspectivas.

Outrossim, com o propósito de contribuir com outros pesquisadores e docentes interessados no tema, julga-se pertinente a proposição de um material metodológico, construído a partir dos aportes desta pesquisa, que se constitui numa sistemática de planejamento de espaços educacionais a partir de uma perspectiva colaborativa e participativa. A proposição deste material é justificada pela ausência de um suporte do gênero e pela necessidade premente de ambientes educacionais cada vez mais ponderados de acordo com seus contextos locais.

Espera-se que, desta maneira, os lugares educacionais sustentem mais, paulatinamente, o processo de ensino e aprendizagem, proporcionando a autonomia da busca pelo discernimento e a contínua valorização dos aspectos espaciais na educação.

Referências

- ALMEIDA, Maria C. Barbosa de. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Briquet de Lemos, 2005.
- BURNS, R. A. Elliott. **Voices of experience**: opportunities to influence creatively the designing of school libraries. 2011. 379f. Tese (Doutorado em Design) – Queensland University of Technology, Queensland.
- CAMPELLO, Bernadete S. *et al.* **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/49759jL>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- ESCOLANO, Agustín. La Architectura como programa: espacio-escuela y curriculum. **Historia de la Educación**, Salamanca, v. 12, p. 97-120, 1993.
- ESCOLANO, Agustín. El espacio escolar como escenario y representación. *In*: ESCOLANO, Agustín. **Tiempos y espacios para na escuela**: ensayos históricos. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. COORDENADORIA DO SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **Biblioteca pública**: princípios e diretrizes. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento de Processos Técnicos, 2000.

- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JONES, Denna. **Tudo sobre Arquitetura**. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.
- MCCABE, Gerard B.; KENNEDY, James R. **Planning the Modern Public Library**. Nova York: Libraries Unlimited, 2003.
- MILANESI, Luis. **O que é Biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- NEUFERT, Ernst. **A arte de projetar em Arquitetura**. 42. ed. Porto Alegre: Bookman, 2022.
- PERROTTI, Edmir. Estações de leitura, dispositivos de mediação cultural e a luta pela palavra. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 26, n. 3, p. 93-112, set./dez. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/4pC3gRa>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- PERROTTI, Edmir. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Informação@Profissão**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 4-31, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/49kGOFN>. Acesso em: 7 abr. 2022.
- PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda L. G. De; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy P. (orgs.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2008, p. 46-97. Disponível em: <https://bit.ly/450kX5k>. Acesso em: 5 mar. 2022.
- PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Novos saberes para a Educação do século XXI. In: MENDONÇA, Rosa H.; MARTINS, Magda F. (orgs.). **TV, educação e formação de professores: salto para o futuro – 20 anos**. v. 4. Rio de Janeiro: Acerp; Brasília: TV Escola, 2013, p. 3-13.
- PIERUCCINI, Ivete. **A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca de informação em Educação**. 2004. 232f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) – Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://bit.ly/3Yr7dwJ>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- PIERUCCINI, Ivete; PERROTTI, Edmir. biblioteca escolar: da superação do empirismo à infoeducação. In: FÓRUM DE PESQUISA EM BIBLIOTECA ESCOLAR, 1., 2012, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Grupo de Estudo em Biblioteca Escolar; Escola de Ciências da Informação; UFMG, 2012, p. 9-27. Disponível em: <https://bit.ly/4sI19xU>. Acesso em: 12 mar. 2022.
- SOUSA, Marcela Noronha P. de O. e. **Padrões em projetos arquitetônicos de bibliotecas públicas**. 2012. 261f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

- VIÑAO, Antonio. A la cultura por la lectura: las bibliotecas populares (1869-1885). *In: COLOQUIO HISPANO-FRANCÉS – CLASES POPULARES, CULTURA, EDUCACIÓN: SIGLOS XIX-XX*, 1989, Madrid. **Actas** [...]. Madrid, 1989.
- VIÑAO, Antonio. Del espacio escola y la escuela como lugar: propostas y cuestiones. **Historia de la Educación**, [s.l.], v. 12, p. 17-74, 1993a.
- VIÑAO, Antonio. El espacio escolar: introducción. **Historia de la Educación**, [s.l.], v. 12, p. 11-16, 1993b.
- VIÑAO, Antonio. **Espacio y Tiempo, Educación y Historia**. Morelia: Inced, 1996.
- VIÑAO, Antonio. Bibliotecas, “culturas escolares” y formación de profesores. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 65-87, 2004.
- VIÑAO, Antonio. Escolarización, edificios y espacios escolares. **CEE Participación Educativa**, Madrid, n. 7, p. 16-27, mar. 2008.
- VIÑAO, Antonio. La Historia de la Educación como disciplina y campo de investigación: viejas y nuevas cuestiones. **Espacio, Tiempo y Educación**, Salamanca, v. 3, n. 1, p. 21-42, jan./jul. 2016a.
- VIÑAO, Antonio. Los espacios escolares ¿cómo abordar un objeto polifacético y multiforme? *In: SIMPOSIO IBEROAMERICANO: HISTORIA, EDUCACIÓN, PATRIMONIO EDUCATIVO, ESPACIOS Y PATRIMONIO HISTÓRICO-EDUCATIVO*, 2016, San Sebastián. **Actas** [...]. San Sebastián, 2016b.
- VIÑAO, Antonio. El espacio escolar como objeto histórico: una trayectoria intelectual. **Historia y Memoria de la Educación**, [s.l.], n. 13, p. 21-48, 2021.

CAPÍTULO 2. O LUGAR DOS LIVROS NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS EDUCATIVAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Gizele de Melo Viana

O acesso à biblioteca e, conseqüentemente, à informação, é um direito previsto na Constituição Brasileira e corresponde, também, ao anseio por uma educação de qualidade. No Brasil, dotar as escolas de educação básica de espaços de leitura, especialmente bibliotecas escolares (BE), requer esforços não somente da escola formal, mas pleiteia o engajamento de toda a sociedade, pois ainda não é uma realidade acessível à população em geral. De modo abrangente, as ações práticas relacionadas à biblioteca escolar nas escolas, dentro do contexto brasileiro, ocorrem por meio de ações individualizadas e isoladas de escolas e professores, na elaboração e execução de projetos de leitura, bem como nas demais ações pedagógicas que são realizadas em prol do acesso ao livro, à leitura, à cultura informacional, ao protagonismo e à mediação cultural.

A palavra “biblioteca” origina-se, etimologicamente, de *biblíon* (livro) e *theke* (caixa ou depósito); portanto, significa um “depósito de livros” (Houaiss, 2009). Desde sua origem, essa palavra tem sido empregada, de forma geral, para designar um espaço ou local que armazena livros. Todavia, os livros não foram os primeiros e nem os únicos suportes utilizados nas bibliotecas. A noção de biblioteca herdada do modelo alexandrino, sob o aspecto da conservação, permanece ainda presente e reforça a concepção de lugar dos livros, ou seja, espaço que abriga, processa e garante o acesso à informação e ao conhecimento produzido e registrado. O livro corporifica e/ou materializa a informação e evidencia uma disposição ou mesmo vocação como intermediador entre leitores/usuários e os acervos.

Transpondo a concepção de biblioteca para o ambiente escolar, é perceptível que essa percepção de lugar dos livros encontra-se presente nos espaços escolares, reforçando o entendimento conservadorista aplicado à biblioteca escolar. Refletir criticamente sobre a importância e o papel da biblioteca no ambiente escolar é uma ação fundamental para aprimorar serviços, espaços e relevância sobre a sua finalidade

e objetivos, e proporciona, ainda, um repensar sobre que tipo de cidadão e de sociedade temos e queremos ter.

Romper com a concepção de biblioteca escolar como local de guarda e conservação de livros implica a ruptura de uma percepção que cerceia, limita e por vezes impossibilita práticas informacionais, culturais e educativas. A ruptura dessa perspectiva passa pela ressignificação desses espaços e a inclusão, no ambiente escolar, de ações e atividades relacionadas à biblioteca, em ações colaborativas com outros saberes escolares. O “pensar fora da caixa”, proposto na pesquisa, encontra-se inserido em um movimento de reflexão para a definição de ações a serem desenvolvidas na e para a biblioteca escolar e para os sujeitos envolvidos.

Biblioteca Escolar, que espaço é esse?

Na língua grega, biblioteca designa o lugar em que são guardados os livros e documentos, formando-se, assim, o acervo. Que lugar é esse? Em Rondônia, dados do Censo Escolar² apontam que apenas 47% das escolas de educação básica possuem biblioteca e que 26% possuem Sala de Leitura (SL). O município de Cacoal/RO, local onde se realiza a pesquisa, apresenta percentuais semelhantes, ou seja, 47% possuem bibliotecas e 26% salas de leitura. No Brasil, segundo dados do Censo Demográfico³ e do Censo Escolar,⁴ as bibliotecas escolares/salas de leitura estão presentes em 36%⁵ das escolas, sejam elas públicas ou particulares, perfazendo um total de 179.533 escolas distribuídas em 5.570 municípios brasileiros. As disparidades existentes entre a oferta de bibliotecas e o contingente populacional demonstram o abismo entre o que preconiza o Plano Nacional de Educação (PNE) e a Lei n. 12.244/2010 sobre a universalização de bibliotecas nas instituições de ensino no país.

A implantação de bibliotecas esbarra, ainda, na ausência de políticas públicas para essa área. O termo “acesso à biblioteca”, utilizado nas pesquisas qualitativas aqui relacionadas, apresenta contradições, pois a biblioteca só ganha sentido na permanência e na participação de seus sujeitos – alunos, professores, bibliotecários, funcionários, comunidade externa e família.

Há, ainda, conflito no campo conceitual quanto ao termo “biblioteca escolar” e “Sala de Leitura”, nas pesquisas. Embora esteja contemplada no Plano Nacional de

Educação, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), não há uma definição clara para cada um desses termos, o que impacta na avaliação dos resultados das pesquisas.

Sobre esse “lugar” ou “espaço” no ambiente escolar, Milanesi (1983) destaca que uma biblioteca pode estar registrada nos documentos de uma escola, nos relatórios de um diretor e nos quadros demonstrativos dos órgãos; no entanto, ela pode, de fato, não existir. Em sua obra *Ordenar para desordenar*, Milanesi (1986) nos convida à reflexão sobre a organização e utilização das bibliotecas e centros culturais. Destaca que uma das riquezas da biblioteca se constitui na possibilidade de ofertar acesso a informações (livros), contendo fontes dissonantes e diversas que, por vezes, se contradizem, mas que contribuem para desordenar qualquer ordem exposta.

Para Chartier (1999), a biblioteca é mais que um lugar para abrigar livros; é, principalmente, lugar privilegiado para a transmissão de ideias, pensamentos e culturas que estão registrados nas obras que armazena. Assim, indaga-se: todo conjunto de livros é biblioteca? Segundo Souza (2009, p. 34), a situação das bibliotecas no Brasil é resultado do contexto no qual efetivamente surgiu. A educação escolar do final do século XIX, em consonância com as necessidades econômicas, sociais e políticas de seu tempo, surge e caminha de acordo com as diretrizes e concepções de escola da qual é parte integrante. Desta forma, as bibliotecas escolares no país são criadas e organizadas com a finalidade de servir à instrução pública organizada nos sistemas de ensino.

Valio (1990) e Souza (2009) distinguem duas concepções de biblioteca escolar, no período mencionado: a primeira, diretamente relacionada a uma coleção de livros destinada aos professores e com claro objetivo de capacitá-los e, portanto, não se configurando como acessíveis a todos; a segunda concepção destacada refere-se à biblioteca como espaço da instituição, contendo coleções de livros e de leituras próprios para cada modalidade de ensino, mediante determinação de órgãos de controle e acompanhamento de ensino.

O desenvolvimento de sistemas de ensino no Brasil, a organização de escolas de Ensino Primário, Secundário e, conseqüentemente, a criação de bibliotecas escolares, percorrem um longo caminho para efetivar-se (Francisco Filho, 2013, p. 49). Mesmo em 1822, após o processo de Independência, o governo brasileiro não demonstrou interesse em construir um sistema educacional abrangente, situação que perdurou ainda

por longo período. Entre 1759 e 1932, as políticas de governo privilegiaram uma pequena parcela da população, e as classes mais populares permaneceram relegadas ao esquecimento, pelo poder público. A elite “educava seus filhos em casa, através da contratação de preceptores, ou reuniam-se para contratar professores, ou seja, sem vínculo com o Estado” (Aranha, 2006, p. 75).

As ações governamentais, nesse período, consolidaram a busca de cursos superiores e de formação para o mercado de trabalho. Mudanças desse panorama começaram a se consolidar a partir da década de 1920, por meio da organização de estudiosos e intelectuais, sob influência das teorias do pedagogo e filósofo Dewey⁶ e diferentes interpretações das obras de Rousseau e Montessori. Em 1932, foi publicado o Manifesto dos Pioneiros da Educação,⁷ o movimento da Escola Nova, promovendo uma ampla discussão sobre a organização educacional brasileira (Saviani, 2005, p. 9).

Com efeito, na transformação da política educacional brasileira, desde a sua origem até a década de 1990, sob a ótica da biblioteca escolar, não há nenhuma menção na legislação sobre a temática. Destacamos, ainda, que a história da educação e, em especial, a da escolarização brasileira sob a ótica das bibliotecas escolares é marcada pela carência de vínculos entre a população e os livros. A inclusão da biblioteca escolar ocorre somente a partir da LDB n.9.394/96. A partir das diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o termo biblioteca escolar é mencionado e definido como um ambiente de aprendizado e incentivo à leitura, como forma de preservar e conservar aspectos culturais relevantes, para a formação de cidadãos conscientes da importância de diferentes acervos culturais e da necessidade de frequentá-los (Campello, 2012, p. 18).

Do mesmo modo, os Parâmetros Curriculares Nacionais sinalizam, ainda, a importância do uso da informação para professores e alunos, com objetivo de dominar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos e, assim, favorecer a construção de conhecimento (Brasil, 1997, p. 108). Distintos volumes dos PCNs indicam a biblioteca escolar como um local/ambiente favorável à aprendizagem de forma permanente, e que deve ser utilizado por alunos e professores.

A concepção de que a biblioteca escolar é um espaço de aprendizagem para alunos e professores alcança contornos mediante ampla discussão entre educadores e bibliotecários, e ganha espaço a partir da LDB 9.394/96 e do Plano Nacional de

Educação. Doravante, a “biblioteca escolar” é inserida como tema, mas não se propõe uma conceituação e/ou definição.

O Plano Nacional de Educação (PNE) configura-se, assim, como importante avanço na política de informação, leitura e conhecimento, pois identifica o seu caráter fundamental, além de destacar a função e os objetivos da biblioteca no ambiente escolar. Ressalta-se, contudo, que embora apresente avanços sobre a percepção de diferentes espaços educativos, nos quais se insere a biblioteca, esse plano não contempla todas as modalidades de ensino, tais como educação infantil, Educação a Distância, Educação Especial, formação de professores etc.

No contexto atual, a principal política pública em prol da criação e/ou manutenção de bibliotecas escolares no Brasil é a Lei n. 12.244/2010, que dispõe sobre a universalização de bibliotecas nas instituições de ensino no país e estabelece, ainda, um prazo “máximo de dez anos para a sua efetivação”, e determinando que as instituições de ensino públicas e privadas desenvolvam “esforços progressivos” para o seu cumprimento (Brasil, 2010).

Biblioteca e o lugar dos livros na escola

Quando falamos em biblioteca escolar, a primeira associação que nos ocorre é a um lugar (ambiente) repleto de livros ou, simplesmente, uma caixa contendo livros organizados em um cantinho na sala de aula ou dentro de algum armário na escola; ou seja, acessamos o que a nossa memória registra, com base nas nossas experiências de vida e de leitura. Essa visão ou experiência acaba por reforçar estigmas, ou mesmo pela ausência de experiências satisfatórias e significativas, a concepção de que esse é um local de realização de tarefas, de silêncio ou até de castigo.

A biblioteca, assim, permanece como local consagrado para a conservação dos livros – é o lugar dos livros. Este é o único local possível? Arena (2009), em artigo que discorre sobre a leitura no espaço escolar, apresenta pontos de vista sobre a BE e a leitura. O autor destaca que a definição da biblioteca como o lugar dos livros é complexa, pois submeter as ações de bibliotecários à função de apoio à sala de aula é limitar possibilidades. A ação na biblioteca deve transcender e superar essa função, porque traz a cultura histórica de relação entre os pequenos leitores e os livros (Arena, 2009). A identidade da biblioteca escolar deve superar a concepção de instituição de

apoio e complemento da sala de aula, para uma concepção de espaço de cultura. Portanto, faz-se necessário refletir criticamente sobre a concepção de biblioteca enquanto o lugar dos livros na escola, seus objetivos e, especialmente, as ações desenvolvidas na BE com vistas à transposição de concepções conservadoras e, por vezes, limitantes quanto às possibilidades de utilização da biblioteca escolar.

A reflexão sobre a concepção da biblioteca na escola como lugar dos livros parte de um corpus mais abrangente, que a categoriza como dependência escolar, dotada de estrutura física e aparatos arquitetônicos para a sua existência, mas também indica vertentes de significação e de pertencimento da BE como construção simbólica (dispositivo cultural, informacional ou mesmo arquitetônico).

Sobre a compreensão de que a BE como dispositivo pode ser mais do que o lugar dos livros, Pieruccini (2004) defende a concepção de que bibliotecas podem ser, no contexto atual, mais do que um espaço de informação, favorável ao protagonismo cultural quando organizada e direcionada como dispositivo de mediação cultural.

Em linhas gerais, as bibliotecas escolares são organizadas como dispositivos culturais e implicam um conjunto de ações estruturadas que não se limitam aos programas que visam “ensinar a biblioteca”. Ou seja, não basta apenas disponibilizar conhecimentos teóricos e práticos de como acessar informação, mas indagar, questionar e apropriar-se de instrumentos informacionais, tornando as BE viáveis dentro de uma instituição ou comunidade – uma ruptura de paradigmas de bibliotecas empório e a viabilização das bibliotecas fórum.⁸

Dessa forma, o dispositivo informacional aplicado à biblioteca escolar significa mecanismos de intervenção sobre o real, atuando por meio de uma organização estruturada que utiliza recursos materiais, imateriais, simbólicos e relacionais que atingem os comportamentos e condutas dos indivíduos (Perrotti; Pieruccini, 2004, p. 56). As concepções que embasam os dispositivos culturais acionam outros saberes, necessários para a compreensão da “ordem informacional dialógica”,⁹ ampliando horizontes. As bibliotecas escolares como dispositivos informacionais e culturais tornam-se instâncias propícias ao protagonismo e à apropriação cultural, ao ampliar, entre outros, aspectos do uso da informação. Aprender a utilizar a informação não garante aprendizagem significativa e apropriação cultural: requer a mobilização de diferentes capacidades socioculturais, para que possa se efetivar (Pieruccini, 2004). A

participação do indivíduo na construção de conhecimento tem como premissa o domínio, mobilizando e conjugando saberes, fazeres e técnicas.

As bibliotecas, nesse sentido, rompem com a concepção de suporte didático-pedagógico, de apoio central da escola ou lugar dos livros. A biblioteca escolar como dispositivo cultural busca, assim, ampliar suas ações ao debruçar-se sobre outros conhecimentos locais, regionais e populares, estabelecendo pontes entre os saberes formais, saberes informais e saberes informacionais.

O ideal seria formar pontes entre bibliotecas – pública, escolar, universitária, particular – e não se ater a ações isoladas, tendo em vista que, na atualidade, mesmo com todos os recursos financeiros disponíveis, é missão quase impossível um único dispositivo possuir todos os recursos que a contemporaneidade proporciona para acesso à informação (impressos, multimídia, artefatos etc.), em um único espaço físico. Por isso, sua organização pode oportunizar o surgimento de parcerias e pontes com outras áreas, fora da escola. Neste sentido, a possibilidade de trocas culturais com as comunidades e com outros territórios e lugares favorece a construção de conhecimento em ações práticas de aprendizagem, rompendo barreiras simbólicas e ocupando espaços territoriais da cidade.

Processar informações e estabelecer pontes entre elas é um ato educativo realizado no âmbito escolar, uma instância privilegiada para essas trocas. A biblioteca possibilita ações educativas quando propicia novas possibilidades de aprendizagem, experiências e saberes escolares na comunidade em que se encontra inserida. Deste modo, pode configurar-se como espaço educativo pelos serviços organizados e oferecidos à comunidade escolar, principalmente quando inseridos na proposta pedagógica da instituição em que está localizada; porém, não limitando suas ações a atividades meramente complementares àquelas desenvolvidas em sala de aula, o que comumente denominamos “reforço escolar”.

Caminhos e procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada neste estudo é de natureza qualitativa. Empregou-se a pesquisa-ação e utilizou-se um conjunto de instrumentais que contribuíram para o levantamento de dados – pesquisa documental, Grupo Focal, entrevista narrativa e levantamento de potenciais educativos.

No que diz respeito à pesquisa, Flick (2009) destaca que a pesquisa qualitativa não se restringe à produção do conhecimento e/ou a novas descobertas científicas. Ela é utilizada, também, em análises que não buscam a inovação, mas identificar e produzir conhecimentos relevantes em termos práticos ou concretos. Por envolver indivíduos e/ou grupos de pessoas (ou instituições) em todo o processo investigativo, pretende conduzir seus resultados à produção de dados relevantes a eles.

Com o advento das tecnologias de comunicação e informação (TICs), um novo panorama emerge: as pesquisas qualitativas on-line. Nelas, são transferidas e adaptadas análises que utilizam a internet como principal instrumento, seja pelas barreiras geográficas e/ou temporais e, no contexto deste trabalho, por medida de segurança sanitária, devido à pandemia da covid-19. São exemplos dessa modalidade as entrevistas por e-mail, os grupos focais on-line (videoconferência) e a etnografia virtual.

Em 2020, por força de uma crise sanitária mundial, em um momento *sui generis*, por força da pandemia da covid-19, instituíram-se regras e normas/decretos objetivando ações de combate ao vírus letal Sars-CoV-2. Ante a crise sanitária vivenciada, vimos o crescimento exponencial do uso das tecnologias da comunicação e da informação (TICs) como o caminho para a manutenção das atividades humanas. Na educação, as TICs se tornaram a principal ferramenta para a comunicação e a continuidade das ações educativas e escolares. Adaptações foram necessárias, impactando decisivamente na abordagem metodológica empregada e, especialmente, na coleta de dados para a realização da pesquisa.

Nesse reordenamento, a comunicação com os participantes da pesquisa ocorreu de forma mediada pelas tecnologias de comunicação e informação, entre as quais destacamos: correspondência eletrônica (e-mail); videoconferência, utilizando a plataforma Google Meet; produção e divulgação de informações e diálogos via celular, por meio de mensagens de áudio e vídeo pela plataforma do WhatsApp; e, quando possível, visitas *in loco* à comunidade escolar e seu entorno.

A escolha das metodologias de entrevista – Grupo Focal e entrevista narrativa – foram propostas pela natureza da pesquisa e por possibilitar a interação entre os participantes e a pesquisadora, com claro objetivo de colher dados, percepções e opiniões, a partir da discussão direcionada e/ou focada em tópicos específicos e

diretivos. A metodologia de Grupo Focal (GF), aplicada em estudos na área da Educação, especialmente entre professores, indica e direciona o interesse sobre o cotidiano das atividades escolares, das interações da e para a sala de aula e seus contextos internos e externos.

A utilização da entrevista individual, sob o enfoque das narrativas (entrevista narrativa), com os participantes da pesquisa, objetiva a recolha de dados relacionados às experiências individuais ante as práticas educativas, os projetos desenvolvidos e as vivências positivas ou negativas do trabalho realizado, bem como as potencialidades identificadas que possam colaborar com a dinâmica do trabalho educativo e escolar. O emprego da entrevista na pesquisa qualitativa tem como objetivo compreender e mapear o universo da pesquisa por meio das percepções de seus participantes, da compreensão dos atores sociais envolvidos e partícipes na investigação, e é uma técnica que possibilita gerar histórias/narrativas (Jovchelovitch; Bauer, 2002, p. 105). A utilização da entrevista narrativa (EN) configura-se como elemento de consolidação das experiências, dos saberes formais e informais dos participantes, e corresponde aos objetivos desta pesquisa.

Com base na natureza da problemática levantada e nos objetivos almejados, foi elaborada uma estratégia de interação com os participantes, com vistas à aproximação entre os sujeitos e a pesquisadora, bem como para inspirá-los e contribuir para o exercício da lembrança ou reminiscência. Destacamos que a estratégia adotada para a ação de rememorar foi inspirada no estudo realizado por Virgínio (2018, p. 133), ao elaborar a estratégia “Pastas Mnemosine”, realizada com crianças, por meio de rodas de memória, em que as crianças pudessem compreender a importância da memória e, sobretudo, a relevância da experiência em contar, narrar, relatar e historiar suas lembranças. Denominada de “Carta de Mnemosine”, a estratégia adotada foi inspirada na mitologia grega e na história da Deusa da Memória – Mnemosine. Utilizando, ainda, a estratégia das correspondências impressas (e digitais), organizou-se uma coletânea de textos literários de autores brasileiros e estrangeiros, relacionados a partir da abordagem de temáticas que se aproximassem do universo investigado – educação, biblioteca escolar, leitura e ensino (formal e não formal) – e que também abordassem sentimentos, emoções e esperança. Fez parte dessa estratégia a utilização de fotografias diversas, com destaque a registros relativos ao espaço físico da escola, da biblioteca e

da comunidade/localidade em que a instituição se encontra inserida, contemplando saberes, memórias coletivas, espaços de integração e herança cultural.

A utilização dessa estratégia esteve diretamente relacionada com a organização e utilização do Grupo Focal (GF). Dessa forma, contribuiu com um exercício de recordar/rememorar as ações e os projetos já desenvolvidos e indicar o que se busca identificar nas reuniões do grupo de trabalho: práticas de leitura desenvolvidas a partir da biblioteca e sua relação com as práticas pedagógicas desenvolvidas por professores, na sala de aula.

Destacamos, ainda, que a pesquisa realizada faz parte do Programa de Mestrado Profissional, que determina a elaboração de produto educacional final como requisito obrigatório. Portanto, ressaltamos que o produto desta pesquisa foi proposto durante o ciclo de reuniões do Grupo Focal: o levantamento de potenciais educativos no distrito/comunidade do Riozinho, localidade em que a escola se encontra inserida. Dessa proposta, surgiram registros para a realização do produto, culminando na elaboração de infográfico impresso e digital de “Potenciais Educativos do Riozinho”.

O lócus da pesquisa foi constituído por uma escola pública de educação básica localizada no distrito/comunidade do Riozinho, no município de Cacoal, Rondônia. Os sujeitos da pesquisa foram oito participantes, entre professores e técnicos que atuam em sala de aula e na biblioteca e desenvolvem ações/projetos de incentivo à leitura, e alunos que participam dessas ações. Para a adesão e participação dos sujeitos/colaboradores, foram empregadas estratégias de aproximação, em que as medidas de segurança sanitárias foram respeitadas.

Resultados

Para Paulo Freire (1996), o ato de aprender exige o construir e o reconstruir, pois toda prática educativa demanda, dos sujeitos no processo, o aprender e o ensinar; assim, o ensinar também é aprender. A prática educativa consiste em afetividade, compromisso, capacidade científica e domínio técnico a serviço das mudanças. Esse processo requer que o educador esteja consciente de que seu trabalho é uma especificidade genuinamente humana, realizado com e para indivíduos, em constante processo de busca e de formação, e que esses indivíduos cresçam e busquem seu melhoramento e sua consciência de mundo. As ações e/ou práticas educativas

necessitam de responsabilidade ética, preparação técnica, estratégias e caminhos a serem trilhados.

Importante destacar que a biblioteca, durante o período de março de 2020 até meados de julho de 2021, pela necessidade de isolamento social, permaneceu fechada, retomando suas atividades presenciais em setembro de 2021, com toda a escola. A retomada dos trabalhos evidenciou o papel mediador das ações desenvolvidas, no sentido de organizar atividades que favorecessem a interação dos estudantes com o ambiente escolar. As ações realizadas indicam o diálogo da BE com professores, estudantes e o contexto vivenciado, inserindo questões relevantes do cotidiano escolar e social de estudantes e professores. Identificamos, no Quadro 1, algumas dessas ações:

Ação/Projeto	Objetivos	Temática	Ano/Turmas
Contação de Histórias	Resgatar a arte de contar histórias, incentivando o hábito da leitura, a integração e a comunicação das crianças.	Temas diversos, definidos pelos professores e alunos.	Todas as turmas da educação infantil e do ensino fundamental I.
Cuidado contra o Coronavírus	– Apresentar de forma lúdica aos estudantes como se prevenir contra o Coronavírus; – Confecção de mural com orientações de higiene e cuidados básicos na escola.	Orientações de prevenção e combate ao coronavírus.	Todas as turmas da educação infantil e do ensino fundamental I.
Jogo temático Xô Coronavírus	– Identificar, por meio de imagens e figuras, quais são as atitudes corretas no combate à transmissão do coronavírus; – Reforçar os cuidados que devemos manter para evitar a transmissão do coronavírus.	Orientações de prevenção e combate ao coronavírus.	Turmas da educação infantil.
Áudio-narrativa	– Elaborar frases que ressaltam a importância e os cuidados de prevenção da covid-19; – Convidar um(a) aluno(a) da escola para narrar as frases sobre a importância da prevenção da covid-19;	– Mensagem de boas-vindas aos alunos e professores; – Cuidados no combate ao coronavírus.	– Todas as turmas da educação infantil e do ensino fundamental I; – Professores, servidores,

	– Produzir áudio para ser divulgado nas duas primeiras semanas de aula para os(as) alunos(as).		comunidade escolar.
Exposição de livros e acervo	– Apresentar os exemplares do acervo da biblioteca aos professores; – Estimular a leitura; – Contribuir, por meio do estímulo à leitura, com a melhoria das práticas pedagógicas; – Promover diálogo e integração entre biblioteca, professores e servidores.	Catálogo do acervo da biblioteca.	Professores e demais servidores da escola.
Empréstimo semanal de livros	– Disponibilizar empréstimo de livros do acervo para alunos e professores. – Realizar orientações quanto ao manuseio, à utilização e à devolução de livros e gibis do acervo.	Catálogo do acervo da biblioteca.	– Alunos da educação infantil e do ensino fundamental; – Professores e demais servidores da escola.

Quadro 1. Ações e projetos da Biblioteca Escolar – 2021

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os projetos e ações relacionados no Quadro 1 contaram com planejamento prévio e elaboração do plano de ação, com objetivos, metas, recursos e avaliação definidos. A participação da professora da biblioteca¹⁰ nas ações desenvolvidas pela escola e por cada professor, de forma individualizada, é notória, indicando que a articulação de ações é algo presente no cotidiano escolar.

A pandemia mundial da covid-19 esteve presente como temática utilizada em sala de aula e nos demais espaços escolares. Diferentes abordagens foram adotadas, com o intuito de informar e garantir a utilização de protocolos de segurança e higienização, mantendo, assim, a segurança necessária nas aulas presenciais.

Como ação colaborativa, a biblioteca desenvolveu estratégias para abordar uma temática tão importante e pertinente naquele momento. Dessa forma, os projetos “Jogo Xô Coronavírus”, “Áudio-narrativas” e “Cuidado contra o coronavírus” foram elaborados como somatória de esforços e aproximação junto à comunidade escolar.

Para Sala e Castro Filho (2020), a ação colaborativa presente na biblioteca escolar configura-se como elemento essencial para o desenvolvimento de práticas educativas e mediadoras da informação, ao inserir a biblioteca da escola no processo de ensino, de maneira a ofertar aos alunos a possibilidade de ampliação do conhecimento por diversos meios.

As tecnologias digitais de comunicação e informação foram ferramentas exploradas pela biblioteca escolar e pelos professores. O projeto “Elaboração de áudio-narrativas”, empreendido em setembro de 2021, contemplou a necessidade de comunicação e interação na comunidade escolar. A temática abordada foram os cuidados de prevenção contra a covid-19, mediante a elaboração de frases e mensagens curtas que ressaltam a importância dos cuidados de profilaxia. O resultado desse projeto foi a elaboração de um vídeo de até 1 minuto, contendo imagens selecionadas dos personagens da Turma da Mônica e outros, escolhidas em banco de imagens digitais disponível na internet, com mensagem narrada por uma estudante. O material foi utilizado na forma de áudio, durante a retomada das atividades presenciais.

Os resultados obtidos durante a realização da pesquisa oportunizaram o reconhecimento de aspectos sociais, históricos e culturais da escola e da comunidade, por meio da análise do Projeto Político Pedagógico e das informações obtidas nos ciclos de reuniões do Grupo Focal. Logo, foi possível identificar a relevância da escola para a comunidade e a relação de professores, estudantes e toda a comunidade com a Escola Nossa Senhora do Carmo. Mediante os diálogos e entrevistas realizados, pôde-se fazer um levantamento inicial do território no entorno da escola e identificar aspectos relevantes sobre a comunidade, contribuindo para o estudo dos potenciais educativos no distrito/comunidade do Riozinho, em Cacoal/RO.

Em síntese, dois pontos relevantes foram constatados nessa etapa. O primeiro relaciona-se aos participantes, que apresentam visões diferentes sobre a comunidade, tendo em vista que nem todos os professores residem na área, em oposição àqueles que são residentes e descendentes das primeiras famílias que ocuparam a localidade. Este segundo grupo reconhece, de forma empírica, a localidade e os aspectos sociais, culturais e históricos do distrito/comunidade. O segundo ponto relevante indica a constatação da ausência de registros documentais, referências bibliográficas, relatos consolidados, bem como registros fotográficos e/ou artefatos sobre a origem, o

desenvolvimento e a história do Riozinho. Há uma carência de registros documentais que possam ser utilizados para futuras ações e projetos, assim como para o conhecimento de todos os moradores.

Nas palavras de Paulo Freire (2011), que indica o papel da cidade no processo de educação e formação cidadã, a cidade, como educadora, também é educanda, não se limitando a escolarização à educação formal. O debate gerado em torno dessa ação proporcionou uma reflexão, um olhar mais crítico sobre questões relacionadas à comunidade que ainda não encontram direcionamento ou resolução. Há um caminho a ser percorrido na construção de possibilidades educativas, fora da escola, que possam configurar-se como ações efetivas futuras.

De acordo com Gadotti et al. (2004), a educação não ocorre somente nos espaços privilegiados da educação formal, mas resulta de experiências vivenciadas em todos os outros aspectos da cidade, seja pela ação do conjunto das organizações governamentais ou não. Para esses autores, a relevância de se refletir sobre o papel educativo das cidades contempla, também, desafios. O reconhecimento dos espaços educativos dentro e fora da escola possibilita a leitura do mundo e incide a respeito da apropriação cultural, social e política do lugar. As discussões realizadas durante a pesquisa possibilitaram conhecer o distrito/comunidade do Riozinho, na qual a escola está localizada, e seus aspectos socioculturais e econômicos, seus desafios, potencialidades e o universo multicultural existente.

Considerações finais

O trabalho apresenta reflexões e aspectos relacionados ao percurso teórico-metodológico percorrido durante a realização da pesquisa “Biblioteca fora da caixa: reflexões sobre práticas educativas na biblioteca da escola Nossa Senhora do Carmo – Cacoal/RO”, que propôs conhecer e analisar práticas educativas desenvolvidas na biblioteca escolar e as possibilidades de contribuição para a mediação de leitura. Diante desses objetivos, buscou-se identificar as práticas desenvolvidas, por meio do levantamento de projetos e/ou ações desenvolvidas por professores na biblioteca e a inserção dessas práticas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Propôs-se, ainda, conhecer, relacionar e dialogar com os saberes e vivências adquiridas por

professores que desenvolvem ações voltadas à mediação de leitura, utilizando as narrativas dos sujeitos partícipes dessas ações.

O lócus da pesquisa foi a primeira escola pública de educação básica do município de Cacoal, Rondônia, localizada no distrito do Riozinho. A escola foi construída a partir da década de 1950 pelos próprios moradores, devido à necessidade de atendimento às famílias, para oferta de educação formal e da interação para crianças e jovens naquela localidade. Anos após sua construção, foi repassada ao poder público para seu gerenciamento e administração.

A biblioteca da Escola Nossa Senhora do Carmo possibilitou, por meio da pesquisa-ação e dos instrumentais de coletas de dados utilizados, a interlocução necessária para a identificação e o diálogo com as práticas desenvolvidas no cotidiano escolar. Durante o percurso da pesquisa, algumas indagações surgiram e nortearam o olhar investigativo: biblioteca da escola ou na escola? É possível estabelecer uma concepção de biblioteca (escolar) sem inquirir sobre a sua relação com o processo educativo que ocorre nasala de aula e demais ambientes da escola? A existência de ações, projetos e/ou práticas educativas na biblioteca pode ser analisada de forma indissociada do currículo escolar? As ações desenvolvidas na biblioteca escolar podem ser compreendidas como um fim em si mesmas, ou seja, há ações somente para a biblioteca? É possível averiguar a relação biblioteca, escola e informação convergente na construção de conhecimentos e novos significados? Práticas pedagógicas podem ser também compreendidas como práticas informacionais na biblioteca? A resignificação da biblioteca como instituição de ensino, equipamento cultural, dispositivo informacional, a quais sujeitos se destina?

Mediante o conjunto de estratégias e por meio de encontros virtuais e presenciais, foi possível compreender aspectos relevantes sobre o espaço ocupado pela biblioteca escolar e sua função dentro da Escola Nossa Senhora do Carmo. Destacamos, nesse momento, três instâncias de percepção sobre a biblioteca da escola: corpus escolar, proposta educativa/curricular e construção simbólica.

Como corpus, a biblioteca encontra-se inserida no espaço constituído da escola, possui espaço físico próprio compatível com as demais estruturas funcionais e arquitetônicas e está localizada em um espaço centralizado e estratégico na escola. Todavia, indica-se a necessidade de investimentos e adequações para melhorar e

ampliar o serviço oferecido – atendimento ao público, destacando-se a ampliação do acervo e a aquisição de equipamentos e mobiliário adaptados à sua clientela, ou seja, crianças de 2 a 11 anos, para otimizar projetos e potencializar a oferta de atendimento a seu público.

A dimensão educativa/curricular deveria estar destacada no Projeto Político Pedagógico da escola, porém essas informações não estão inseridas nesse documento. Entretanto, esses projetos já são ofertados pela biblioteca e muito contribuem para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, empreendido pelos professores em cada ano/série escolar. A inserção dessas ações no PPP configuraria um passo importante para a valorização das atividades já desenvolvidas e devidamente registradas, que apoiam a intenção educativa da escola.

Destacamos a dimensão simbólica em dois momentos distintos, na narrativa dos professores: primeiro, quando indagados sobre a função e o papel da biblioteca; no segundo momento, no que diz respeito à participação da biblioteca, por meio da profissional designada para esse espaço, em todas as atividades desenvolvidas na escola, e também pela presença ou fluxo de usuários presentes na biblioteca, sejam alunos, professores e demais servidores que usufruem do espaço físico e das ações desenvolvidas. Assim, demonstra-se a presença das ações desenvolvidas na biblioteca em todas as dinâmicas escolares empreendidas durante o ano letivo.

A pesquisa possibilitou a inserção no ambiente da biblioteca na escola e configurou-se como momento importante e significativo de aprendizagem. A esse respeito, recorreremos às palavras de Paulo Freire (2001), que nos inspira a refletir sobre o ato de aprender: “Todos nós ignoramos alguma coisa, por isso, aprendemos sempre”. Nada está pronto; o conhecimento construído torna-se ponto de partida para outras reflexões, outros olhares e novas possibilidades.

A discussão sobre o levantamento de potenciais educativos foi um momento significativo, pois indicou a existência de duas percepções diferentes entre os professores a respeito de espaços educativos fora da escola: dos professores residentes e não residentes na comunidade e que, portanto, possuem olhares diferenciados e significativos sobre a escola e a comunidade do Riozinho. As reminiscências, as lembranças foram uma estratégia utilizada durante o percurso da pesquisa, mediante as narrativas dos professores. A utilização da memória por meio das narrativas, instigadas

por meio das Cartas Mnemosine, buscou estabelecer um ponto de partida, uma provocação, o início do diálogo junto aos participantes.

A existência da biblioteca na escola se consolida por meio da sua finalidade, que é a disseminação de saberes, de cultura e, segundo a concepção freireana, de leituras (de si e do mundo). Portanto, a biblioteca a sua identidade como meio de possibilitar a apropriação cultural, no contexto escolar. Os objetivos da biblioteca escolar, como parte de um corpus educativo, devem abarcar o diálogo com a proposta curricular da escola, instituição em que se encontra inserida. Assim, a proposta curricular da escola configura-se como o fio de Ariadne para organização e construção dialógica de atividades, projetos e ações – a principal função da biblioteca na escola.

Ressignificar a biblioteca como espaço, dispositivo ou movimento significa a ruptura com a concepção de lugar dos livros, do paradigma conservadorista, para que a biblioteca se efetive e seja de todos. Mais do que o lugar de conservação de livros, a biblioteca agrega, organiza e disponibiliza saberes e potencialidades que contribuem para a apropriação cultural.

Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de A. **História da Educação e da Pedagogia geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARENA, Dagoberto B. Leitura no espaço da biblioteca escolar. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 157-186.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, 1997. Disponível em: <https://bit.ly/45GIQjD>. Acesso em: 1 jun. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. Brasília, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/4jtkHSo>. Acesso em: 1 jun. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 13.005, 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/4jtkAWY>. Acesso em: 1 dez. 2019.
- CAMPELLO, Bernadete S. **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Brasília: UnB, 1994.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.
- FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FRANCISCO FILHO, Geraldo. **A educação brasileira no contexto histórico**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/46LYIB9>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.
- GADOTTI, Moacir *et al.* **Cidades educadoras, princípios e experiências**. São Paulo: Cortez, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa por município – Cacoal**. IBGE, [s.d.]. Disponível em: <https://bit.ly/3NxV5rm>. Acesso em: 27 set. 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa por município – Cacoal: Índice de Desenvolvimento Humano**. IBGE, [s.d.]. Disponível em: <https://bit.ly/49bu5GI>. Acesso em: 22 nov. 2021.
- INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY OF ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Manifesto da biblioteca escolar da Ifla/Unesco**. Ifla, [s.d.]. Disponível em: <https://bit.ly/45H6oUq>. Acesso em: 18 nov. 2019.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MILANESI, Luis. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos, n. 94).
- MILANESI, Luis. **Ordenar para desordenar: centro de cultura e bibliotecas públicas**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PERROTTI, Edmir. Infoeducação: um passo além do científico-profissional. **Informação@. Profissão.**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 4-31, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/4stzLDC>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- PIERUCCINI, Ivete. **A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca de informação em educação**. 2004. 232f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) –

- Universidade de São Paulo, São Paulo. DOI: 10.11606/T.27.2004.14032005-144512. Disponível em: <https://bit.ly/3LmDqT0>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- SALA, Fabiana; CASTRO FILHO, Claudio Marcondes de. Biblioteca escolar e as relações de trabalho colaborativo: mediação e apropriação cultural no ambiente educacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/4jodAug>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- SOUZA, Luciene Soares de. A instituição de bibliotecas nos grupos escolares do Estado de São Paulo (1890 - 1920). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3QBBdFt>. Acesso em: 15 nov. 2021
- VALIO, Ese Benetti M. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Revista Trans-Infomação**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 15-24, jan./abr. 1990. Disponível em: <https://bit.ly/49oB1Ps>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- VIANA, Gizele de M. **Biblioteca fora da caixa**: reflexões sobre práticas educativas na biblioteca da Escola Nossa Senhora do Carmo – Cacoal/RO. 2021. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho.
- VIRGÍNIO, Andreina Alves de S. **Biblioteca, oralidade e conhecimento**: uma contribuição aos estudos de mediação e apropriação cultural. 2018. 151f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.27.2018.tde-25072018-153201>.

CAPÍTULO 3. O PAPEL DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES NA INCLUSÃO ESCOLAR

Cleuza Diogo Antunes

Como bibliotecária atuante na biblioteca escolar há mais de uma década, tenho me inquietado, nos últimos anos, com uma questão: como a biblioteca escolar está acompanhando as transformações educacionais, em especial na perspectiva da educação inclusiva? Em minha experiência, tenho me deparado com bibliotecas inativas e profissionais apáticos e omissos diante dessa questão. Isso me motivou a realizar um levantamento bibliográfico em periódicos científicos, livros, bases de dados, anais de eventos e repositórios institucionais com o intuito de identificar discussões, pesquisas e relatos de experiências sobre o tema no Brasil.

É sabido que a biblioteca na escola caminha longe da realidade sonhada e descrita, na literatura, como ideal para um século que vive profundas e rápidas transformações sociais e tecnológicas. Paralelas à discussão sobre a necessidade de que a biblioteca se remodele para acompanhar a demanda de acesso à informação, para geração de conhecimento em uma sociedade altamente tecnológica, estão as discussões voltadas para a necessidade de mudanças na prática educativa.

É urgente a prática de um ensino inclusivo que não mais categorize os alunos por suas diferenças, que não tenha como parâmetros os privilegiados e que seja capaz de oferecer qualidade de ensino e condições igualitárias para que todos desenvolvam seu aprendizado, dentro de suas possibilidades e de acordo com suas potencialidades.

Nesse contexto ainda confuso, em que as políticas apontam em uma direção, mas a prática caminha em outra, como estão se posicionando as bibliotecas escolares? Se na sala de aula a prática inclusiva está longe do ideal, nas bibliotecas a situação ainda é pior. As bibliotecas, que deveriam estar inseridas no contexto educacional, participando ativamente do processo pedagógico, pouco têm se constituído em um espaço de inclusão dentro da escola. É visto que a relação biblioteca/pedagógico precisa ser construída com vistas à efetivação do papel educativo da biblioteca escolar. Para que essa relação aconteça, os bibliotecários precisam deixar sua zona de conforto e assumir a responsabilidade da biblioteca em oferecer acessibilidade, por meio de espaço físico adequado, acervo e serviços que atendam à diversidade de

alunos que dela necessitam, para o pleno desenvolvimento da aprendizagem e construção do conhecimento nas escolas.

Com base nessas inquietações, este capítulo irá abordar a temática da biblioteca escolar e os novos paradigmas da educação inclusiva, baseado em publicações sobre o tema, relatos de experiências e vivência profissional, que permitirão refletir e fomentar as discussões sobre a relação entre inclusão escolar e as práticas da biblioteca escolar.

Paradigmas na educação de pessoas com deficiência

Nos últimos dois séculos, a educação tem passado por mudanças de paradigmas, com vistas a acompanhar as constantes transformações que vêm ocorrendo na sociedade. Essas mudanças abrangem diversos aspectos; no entanto, para a reflexão aqui proposta, iremos analisar as mudanças de modelos educacionais que objetivam a democratização do ensino às pessoas com deficiência no Brasil.

Para alavancar a discussão, retomaremos os paradigmas de educação voltados para as pessoas com deficiência que já vigoraram em nosso país. Tais paradigmas foram mudando à medida que as lutas das pessoas com deficiência motivavam a aprovação de leis que garantissem seus direitos na sociedade, em especial à educação.

Sassaki (2003 apud Loch, 2007) estabelece as quatro fases pelas quais passou a educação das pessoas com deficiência, ilustradas na figura abaixo:



Figura 1. Diagrama da educação inclusiva

Fonte: Passei direto (2021).

Da exclusão – Onde as pessoas com deficiência não recebiam nenhum tipo de instrução, pois se acreditava que elas não eram capazes de aprender e indignas da educação escolar.

Da segregação – As pessoas com deficiência eram mantidas isoladas em instituições especiais como casas de saúde ou hospitais psiquiátricos, onde recebiam assistência, mas não era feito nenhum esforço para reintegrá-las à vida normal.

No Relatório Mundial sobre a Deficiência (2012, p. 219), lemos que:

[...] a Agência Européia para o Desenvolvimento das Necessidades Especiais em Educação tem uma definição para a segregação: “educação onde o aluno com necessidades especiais acompanha a educação em classes especiais separadas ou escolas especiais na maior parte (80% ou mais) do dia letivo” [...].

No Brasil, essas escolas especiais surgiram no tempo do Império, como o Instituto Imperial dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant, e o Instituto dos Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (Godofredo, 1997).

Nesse paradigma, a criança com deficiência necessitava de uma escola especial mais voltada para o tratamento da deficiência do que para o ensino da pessoa com deficiência. Em sua crítica à segregação das crianças deficientes em escolas especiais, Adiron (2010, p. 73) defende que:

O nosso modelo pseudo-educativo, que defende essa escola especial, é meramente assistencial e caritativo. É um modelo que define a deficiência das pessoas como única causa dos seus problemas de aprendizagem, tudo isso apoiado médica e psicologicamente. Esse modelo nunca busca uma possível causa na sociedade e na cultura. O modelo de intervenção (sim, porque é uma intervenção e não uma estratégia pedagógica) é individualizado e o currículo definido pelo déficit, ressaltando as incapacidades e não as possibilidades dos alunos.

A despeito disso, no Brasil ainda encontramos as escolas especiais para surdos, bem como pesquisadores que defendem esse modelo de educação como sendo ideal para as crianças com deficiência, pois, segundo eles, essas escolas estão mais bem preparadas e equipadas para oferecer uma educação de qualidade para essas crianças.

Entre muitos erros e alguns acertos, a educação especial vem caminhando no sentido de contribuir para a concretização de uma sociedade mais democrática. As

escolas especiais ainda são uma realidade no Brasil e também em alguns países europeus, onde 2,3% das crianças com deficiência estão matriculadas em espaços segregados (escolas especiais ou classes especiais).

Da integração – Na década de 1970, emerge no cenário educacional o conceito de integração escolar, definido por Saint-Laurent (1997, p. 67) como “[...] um movimento que visa acabar com a segregação, favorecendo, assim, as interações sociais de estudantes deficientes com estudantes considerados normais”. Resultante de novas políticas públicas educacionais, essa fase permitia a integração das pessoas com deficiências leves à escola comum, enquanto as demais, com dificuldades acentuadas, eram mantidas em escolas especiais. A educação integradora surge com uma nova proposta de educação especial; todavia, conserva algumas práticas da segregação, como as classes especiais, demonstrando as dificuldades de se mudar certos paradigmas. Bueno (1997, p. 57), em sua crítica à educação especial, afirma:

A educação especial tem cumprido, na sociedade moderna, duplo papel de complementaridade da educação regular. Isto é, atende, por um lado, à democratização do ensino, na medida em que responde às necessidades de parcela da população que não consegue usufruir dos processos regulares de ensino; por outro, responde ao processo de segregação da criança “diferente”, legitimando a ação seletiva da escola regular.

Para o autor supracitado, a educação especial, na perspectiva integradora, não conseguiu cumprir seu papel na ampliação da autonomia e no acesso à cidadania das crianças com deficiência, pois selecionava as que podiam ou não participar das classes comuns. Melero (2002 apud Adiron, 2010) coaduna com Bueno, ao afirmar que o pensamento pedagógico dos professores na perspectiva integradora é que as crianças com deficiência é que são responsáveis por seus problemas de aprendizagem, tendo elas que mudar e não a escola. Nesse viés, a escola legitima a seleção dos considerados melhores e mais capazes, ignorando a diversidade humana.

Essa incompreensão da cultura da diversidade implica que os profissionais pensem que os processos de integração estavam destinados a melhorar a educação especial e não a educação em geral. [...] Penso que a cultura da diversidade está colocando contra a parede o fim de uma época (o caso da modernidade?) educativa (Adiron, 2010, p. 71).

Da inclusão escolar – Diante da insatisfação em relação à integração escolar por meio da educação especial, e desafiada pela democratização da sociedade e pelo

surgimento de novas teorias educacionais, como a do socioconstrutivismo, proposta por diversos teóricos entre as décadas de 1970 a 1990, emerge, no contexto educacional, o conceito de inclusão escolar (Saint-Laurent, 1997).

Se as lutas resultantes dos diversos movimentos em prol do acesso à educação já mostraram avanços significativos, permitindo o acesso à educação especial por parte das pessoas com deficiência, estas devem continuar na direção do segundo passo, que é a conquista de uma educação de qualidade, livre de segregação, para todas as pessoas, consolidando, assim, inclusão e oportunidades iguais.

A fase atual caracteriza-se por assegurar a todos o direito ao acesso à educação em turmas regulares. Para alcançar esse objetivo, o ambiente físico e as práticas educativas devem ser adaptados para acomodar a diversidade, considerando as necessidades individuais de todos os alunos. Surge, assim, uma nova crise de paradigmas, da qual resulta uma variedade de compreensões sobre os conceitos de integração e inclusão. Mantoan (2015) compreende essa dificuldade em diferenciar os conceitos de integração e de inclusão como um reforço aos velhos modelos educacionais:

Tendemos a nos desviar dos desafios de uma mudança efetiva de nossos propósitos e de nossas práticas pela distorção/redução de uma ideia original. A indiferenciação entre o processo de integração e o de inclusão escolar é prova dessa tendência e reforça a vigência do paradigma tradicional dos serviços educacionais (Mantoan, 2015, p. 24).

Considerando a fala da autora, associada ao fato de que mudanças de paradigmas não ocorrem de forma imediata, mas são gradativas e resultantes das transformações naturais da sociedade, implicando erros e acertos, o momento em que estamos vivendo pode ser considerado como uma crise de paradigma, definida por ela como uma crise de concepção e de visão de mundo.

Este é o cenário em que a sociedade e a escola estão inseridas, no momento. Um cenário de crise paradigmática, no qual vozes se levantam para mostrar que o modelo, as crenças, as regras e os valores compartilhados pela sociedade, até agora, não satisfazem mais nem solucionam os problemas sociais da atualidade. Este momento é incerto e causa insegurança, pois temos ciência da necessidade de mudanças, mas não sabemos onde elas nos levarão (Mantoan, 2015).

Diante das tentativas de se estabelecer um modelo de educação para as pessoas com deficiência, é possível perceber que os fracassos se devem ao fato de que as tentativas são direcionadas apenas às crianças com deficiência, quando na realidade as transformações precisam acontecer na escola com toda a comunidade escolar, conforme alerta Mantoan (2015, p. 24):

Se pretendemos que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada à cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconhece e valoriza as diferenças.

Como seria possível incluir as crianças com deficiência em um sistema educacional excludente e discriminador? A proposta da inclusão na escola surge no sentido de mudar o modelo educacional e democratizar o ensino para todos, e não está focada apenas nos alunos com necessidades especiais, como era no modelo integracionista. Mantoan (2015, p. 28) reafirma essa perspectiva:

[...] As escolas inclusivas atendem a todos os alunos sem discriminar, sem trabalhar à parte com alguns deles, sem estabelecer regras específicas para planejar, ensinar e avaliar alguns por meio de currículos adaptados, atividades diferenciadas, avaliação simplificada em seus objetivos... Pode-se, pois, imaginar o impacto da inclusão nos sistemas de ensino!

Sobre a necessidade de banir a discriminação e o preconceito do cenário educacional, Freire (1996, p. 17), ao discutir sobre o pensar certo na educação, orienta que:

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.

Nessa perspectiva, a escola precisa se remodelar, incorporar novas práticas pedagógicas e mudar seus conceitos e espaços, a fim de permitir ao aluno com deficiência a participação efetiva no processo de ensino/aprendizagem. A escola é o espaço onde os direitos humanos e as diferentes características intelectuais, físicas, culturais, sociais e linguísticas devem ser respeitadas, sem discriminação.

A biblioteca escolar na inclusão

Quando pensamos em inclusão escolar e nas mudanças necessárias para sua efetivação, temos que pensar em todos os espaços da escola e não apenas na sala de aula, na Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) ou no AEE (Atendimento Educacional Especializado), pois a inclusão pressupõe, antes de tudo, autonomia e não dependência, como no modelo de educação escolar. Todos os alunos precisam ter as mesmas condições de acesso a todos os espaços, equipamentos, técnicas e atendimento para desenvolver com autonomia seu aprendizado. O Decreto n. 5.296 determina que:

Os estabelecimentos de ensino de qualquer nível, etapa ou modalidade, públicos ou privados, proporcionarão condições de acesso e utilização de todos os seus ambientes ou compartimentos para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, inclusive salas de aula, bibliotecas, auditórios, ginásios e instalações desportivas, laboratórios, áreas de lazer e sanitários (Brasil, 2004, art. 24).

Para isso, todos os profissionais atuantes nos diversos espaços da escola devem compartilhar dos mesmos ideais e empenhar esforços, para que a inclusão escolar ocorra de fato. Entre os diversos espaços mencionados no Decreto estão as bibliotecas, que necessitam incorporar os novos paradigmas, possibilitando sua efetiva participação na inclusão escolar.

Entre os novos conceitos e modelos para as bibliotecas do séc. XXI, está o de acessibilidade, condição indispensável para que a biblioteca trabalhe de forma integrada com a proposta inclusiva. As Diretrizes da Ifla/Unesco para Bibliotecas Escolares (2006) mencionam a necessidade de acessibilidade na biblioteca e de que esta faça parte do processo de ensino e aprendizagem na escola.

Gasque (2013, p. 145) sugere que a biblioteca deve ser um centro de recursos de aprendizagem, como condição fundamental para uma abordagem sistêmica e integrada à comunidade escolar. Ser um centro de recursos de aprendizagem pressupõe oferecer acessibilidade à informação para todos os alunos, definida no artigo II do Decreto n. 5.296 de 2004, como a:

[...] possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida.

A condição de utilização com autonomia, definida no decreto, permitirá uma aprendizagem reflexiva e interativa a todos os alunos, inclusive aos que possuem

alguma deficiência. O acesso à informação, por meio de material impresso ou digital, é indispensável para que os alunos desenvolvam sua aprendizagem e adquiram conhecimento.

A garantia de acesso à educação regular, em todos os níveis, pelas pessoas com deficiência também é explicitada no compromisso que o Brasil assumiu na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que, em seu art. 9º, assegura:

A fim de possibilitar às pessoas com deficiência viver de forma independente e participar plenamente de todos os aspectos da vida, os Estados Partes tomarão as medidas apropriadas para assegurar às pessoas com deficiência o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, ao meio físico, ao transporte, à informação e comunicação, bem como a outros serviços e instalações abertos ao público ou de uso público, tanto na zona urbana como na rural (ONU, 2006).

Para que as bibliotecas assegurem esse direito às pessoas com deficiência, os diversos aspectos da acessibilidade precisam ser considerados, pois acessibilidade não diz respeito somente à eliminação de barreiras – diz respeito à qualidade de vida das pessoas. Marcolino e Castro Filho (2014, p. 7) reforçam:

Quando se fala em inclusão no ambiente de uma biblioteca, não se remete exclusivamente a fatores sociais, econômicos, culturais e tecnológicos, e sim a todos eles juntos. Uma biblioteca escolar inclusiva deverá ser capaz de proporcionar o acesso à informação e o atendimento de todos os alunos, professores e demais usuários independente de cor, situação econômica, classe social, nível de escolaridade, limitações e deficiências.

Como nos conceitos relativos aos modelos de educação, o conceito de acessibilidade é apresentado de forma diversa na literatura. Sassaki (2010 apud Vivarta, 2003, p. 24-25) apresenta seis quesitos básicos de acessibilidade:

Acessibilidade Arquitetônica – não deve haver barreiras ambientais físicas nas casas, nos edifícios, nos espaços ou equipamentos urbanos e nos meios de transportes individuais ou coletivos;

Acessibilidade Comunicacional – não deve haver barreiras na comunicação interpessoal, escrita e virtual;

Acessibilidade Metodológica – não deve haver barreiras nos métodos e técnicas de estudo, de trabalho, de ação comunitária e de educação dos filhos;

Acessibilidade Instrumental – não deve haver barreiras nos instrumentos, utensílios e ferramentas de estudo, de trabalho e de lazer ou recreação;

Acessibilidade Programática – não deve haver barreiras invisíveis embutidas em políticas públicas e normas ou regulamentos;

Acessibilidade Atitudinal – não deve haver preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações.

Conquanto os quesitos mencionados pelo autor sejam relativos à vida em sociedade em um sentido geral, eles também são aplicáveis ao processo de ensino, inclusive às bibliotecas das escolas, pois abrangem todos os aspectos de atuação desses espaços e são condição indispensável para a efetivação da educação inclusiva. Apesar de estarem elencados separadamente, existe uma relação direta entre eles, pois um quesito leva ao outro.

Acessibilidade atitudinal – Deveria ser o primeiro passo na busca de uma biblioteca inclusiva, pois, para que todos os aspectos da acessibilidade sejam praticados, é necessária, antes de tudo, uma mudança de atitude dos profissionais que atuam na biblioteca escolar. Todos os preconceitos precisam ser quebrados, de forma que os alunos com deficiência recebam, na biblioteca, o mesmo atendimento oferecido aos alunos sem deficiência.

Contudo, as mudanças de atitude não acontecem por acaso ou por milagre; exigem dedicação, leitura e reuniões de discussão, juntamente com a equipe pedagógica da escola, para conhecer as deficiências e as diversidades dos alunos. Apesar de que essas mudanças devam ser extensivas a toda a equipe da biblioteca, recai sobre os bibliotecários um comprometimento maior com a formação dos alunos e a participação na proposta pedagógica da escola.

O bibliotecário, na sociedade inclusiva, comprometido com a qualidade dos serviços da biblioteca, precisa manter-se atualizado para desenvolver as habilidades necessárias à inclusão escolar e capacitar sua equipe no mesmo sentido, desempenhando o papel de educador no espaço da biblioteca. Nas Diretrizes da Ifla/Unesco para Bibliotecas Escolares (2006), encontramos a designação de bibliotecário educador, o que evidencia a importância deste na formação dos alunos.

Acessibilidade programática – A mudança de atitude permitirá que o bibliotecário dispense atenção especial na proposta de reformulação das políticas da biblioteca, com vistas a eliminar desses espaços possíveis barreiras que possam impedir que os alunos

com deficiência recebam os serviços da biblioteca nas mesmas condições que os demais.

Faz-se necessário: planejar minuciosamente, em conjunto com a equipe pedagógica da escola, a elaboração ou revisão das políticas de desenvolvimento de coleção, incluindo nesta a aquisição de acervo em suportes diferenciados, que atendam à diversidade de alunos; planejar o serviço de referência, de forma que o bibliotecário designado para tal tenha competência para orientar os alunos com deficiência, capacitando-os a fazer uso dos recursos de informação disponíveis na biblioteca ou por meio dela; e planejar os processos de informatização, de forma que estes permitam o acesso à informação a todos os usuários.

Acessibilidade metodológica – Inicialmente mais direcionada à equipe pedagógica, por tratar da eliminação de barreiras nos métodos de ensino, compreendendo a reformulação de currículos e práticas pedagógicas, também se aplica à biblioteca, que, juntamente com a equipe pedagógica, deve planejar as pesquisas escolares, respeitando a diversidade dos alunos.

Acessibilidade instrumental – Pressupõe a eliminação de barreiras nos instrumentos da biblioteca. Para isso, a participação do bibliotecário no planejamento das aquisições de materiais para a biblioteca é indispensável. No entanto, a sua atitude será determinante para sensibilizar a equipe administrativa para a necessidade de adquirir as tecnologias assistivas, que permitirão a autonomia dos alunos com deficiência na recuperação da informação. Isso exigirá que o bibliotecário seja um profissional atento para as novidades do mercado informacional e com habilidade de estabelecer parcerias com outras instituições, a fim de se antecipar as necessidades dos alunos.

Acessibilidade comunicacional – Para que não existam barreiras na comunicação com os alunos deficientes, toda a equipe da biblioteca deve ser preparada, por meio de cursos de capacitação para Libras; no uso de impressoras em braile e de audiodescrição; no domínio de softwares adaptados; na elaboração de sinalização acessível, observando as recomendações de cores e tamanhos da ABNT 9.050; nos mapas táteis etc. Essas habilidades possibilitarão a comunicação dos alunos com deficiência no espaço da biblioteca, pois esse aspecto não abrange apenas a comunicação interpessoal, porém a escrita e a virtual também. É possível perceber, aí,

uma estreita relação com a acessibilidade instrumental, na medida em que a comunicação escrita e virtual exige a existência de instrumentos acessíveis.

Acessibilidade arquitetônica – Por fim, mas não menos importante, a eliminação de barreiras arquitetônicas na biblioteca e em seu entorno, com vistas a permitir o livre trânsito dos alunos com deficiência. Este aspecto envolve mais do que um banheiro adaptado e meio metro de piso podotátil na entrada da biblioteca. A biblioteca deve estar localizada em lugar de fácil acesso, com sinalização indicativa visível para pessoas com baixa-visão, com piso podotátil ligando à biblioteca aos outros espaços da escola; deve-se atentar para os desníveis nas calçadas e nas entradas do prédio e salas; atenção especial deve ser dada ao leiaute dos espaços internos da biblioteca, para que os alunos em cadeiras de rodas e mobilidade reduzida transitem com autonomia pelo espaço; os balcões de empréstimo e estantes devem ter altura compatível com a pessoa em cadeira de rodas; as portas devem ser livres de roletas ou catracas, que impedem a passagem de pessoas em cadeiras de rodas.

Considerações finais

Para que a biblioteca escolar atenda a esses seis quesitos de acessibilidade e contribua efetivamente para a inclusão escolar, ela precisa ser coordenada por um profissional atento e preparado para responder às exigências da sociedade e acompanhar suas transformações, com vistas a atender à diversidade de usuários existentes no contexto educacional. A participação na inclusão escolar por meio da acessibilidade exige comprometimento, coragem, postura firme, desprendimento e responsabilidade social da parte dos que militam nessa causa.

Todo esse cenário tende a contribuir para o crescimento profissional do bibliotecário, pois se este não acompanhar as tendências e não assumir seu papel educacional, social e cultural, ele está fadado a perder sua posição no mercado de trabalho.

Em minha vivência, tenho percebido que o desafio é maior do que parece. Infelizmente ainda encontramos, principalmente nas bibliotecas escolares, profissionais que terminaram a graduação há anos e nunca mais participaram de nenhum tipo de curso de atualização, eventos ou que nem ao menos procuram informar-se por meio da leitura. É muito comum, e diria rotineiro, escutar da classe bibliotecária que atua na biblioteca

escolar queixas das mazelas de sempre: “Ninguém olha pra biblioteca”; “A biblioteca não recebe investimentos”; “A biblioteca não tem espaço” etc.

Entretanto, essas queixas não levam os profissionais a reagir, lutar por melhorias nem mostrar a importância da biblioteca no processo de aprendizagem, inclusive para o sucesso da inclusão escolar. Ao contrário disso, muitos profissionais se acomodam em suas queixas e não fazem nada para mudar o cenário. Se não lutam por condições melhores para atender aos “usuários sem deficiência”, muito menos ainda defenderão a causa do usuário com deficiência. É conveniente manter-se à margem das discussões para não se comprometer e ter ainda mais trabalho.

A existência de profissionais desse nível se torna um entrave ao êxito da inclusão escolar. Se a escola tende a excluir a biblioteca do processo de inclusão, cabe aos profissionais nela inseridos propor ações de sensibilização sobre a importância da participação da biblioteca no ensino inclusivo. Os bibliotecários não podem pensar que o reconhecimento virá de cima para baixo. A escola só poderá reconhecer a importância da biblioteca nesse processo se esta mostrar o quanto pode fazer para contribuir com a inclusão escolar.

Referências

- ADIRON, Fabio. Educando na diversidade. *In*: LICHT, Flavia Boni; DILVEIRA, Nubia (orgs.). **Celebrando a diversidade**: Pessoas com deficiência e direito à inclusão. São Paulo: Planeta Educação, 2010, p. 68-74. Disponível em: <https://bit.ly/4aQ5y9T>. Acesso em: 21 de jan. 2016.
- BUENO, José Geraldo Silveira. A integração social das crianças deficientes: a função da educação especial. *In*: MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração das pessoas com deficiência**. São Paulo: Memnon: Editora Senac, 1997.
- BRASIL. Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 3 dez. 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GASQUE, Kelley C. G. D. Biblioteca escolar para o séc. XXI. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 138-153, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://bit.ly/49nLsmF>. Acesso em: 12 jan. 2016.

- GODOFREDO, Vera Lúcia Flôr Sénéchal de. Integração ou segregação? Eis a questão! *In*: MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração das pessoas com deficiência**. São Paulo: Memnon: Editora Senac, 1997.
- GRAF, Lucimar. **Tipos de inclusão**: educação inclusiva. Passeidireto, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/4uhkciA>. Acesso em: 20 jan. 2026.
- INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Diretrizes da IFLA para bibliotecas escolares**. Tradução de Neusa Dias de Macedo. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006.
- LOCH, Marcia do Vale Pereira. **Convergência entre acessibilidade espacial escolar, pedagogia construtivista e escola inclusiva**. 2007. 282f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.
- MARCOLINO, Maria A. R.; CASTRO FILHO, Cláudio M. de. O bibliotecário na biblioteca escolar e os usuários especiais: o desafio da inclusão. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 10, edição especial do III Senabraile, 2014.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE; BANCO MUNDIAL. **Relatório mundial sobre a deficiência**. Tradução Lexicus Serviços Lingüísticos. São Paulo: Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/4cP2AEZ>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Nova Iorque: ONU, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/4qStorh>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- SAINT-LAURENT, Lise. A educação de alunos com necessidades especiais. *In*: MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A integração de pessoas com deficiência**: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon; Editora do Senac, 1997.
- VIVARTA, Veet (coord.). **Mídia e deficiência**. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003. (Série Diversidade). Disponível em: <https://bit.ly/46lIL4o>. Acesso em: 29 jan. 2026.

CAPÍTULO 4. O PROFESSOR READAPTADO E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR DE UMA ESCOLA ESTADUAL EM PORTO VELHO/RO¹¹

Célia Reis Sales

O ambiente escolar tem como função formar cidadãos críticos e participativos, pois a escola tem uma função que é específica dela: a função de ensinar. Neste sentido, Campello et al. (2010, p. 26) asseguram:

A biblioteca da escola é o espaço, por excelência, para o desenvolvimento de atividades de produção do conhecimento, que colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem. Uma das mudanças mais significativas que o professor interessado em desenvolver esse tipo de atividade vai enfrentar é o trabalho em colaboração.

Defende-se como indispensável a presença de profissionais qualificados para desenvolverem atividades técnicas (como organização e seleção do acervo) e atividades de ações culturais e de mediação na pesquisa escolar. Contudo, é cada vez mais evidente a ausência desse profissional na Biblioteca Escolar, por falta de concursos públicos, de interesse da administração pública e pelo número reduzido de bacharéis em Biblioteconomia para ocupar essa função. Isso, porém, não pode ser motivo para o isolamento e esquecimento da biblioteca. Para Zimmermann, Paula e Ohira (2017, p. 163):

A biblioteca escolar ainda é um mito em muitas escolas públicas brasileiras. Na prática descobrimos muitas escolas sem biblioteca, e quando existe, muitas vezes, está em situação precária e não conta com a presença do bibliotecário. Sendo este um espaço obsoleto, que não desempenha seu papel de interação educacional e não oferece, assim, condições para o desenvolvimento das atividades mencionadas acima e que auxiliariam no trabalho de incentivo a leitura e formação de leitores.

A BE deve ser um espaço que oferece múltiplas possibilidades para a comunidade escolar. Ela não precisa existir por uma mera formalidade, mas porque deve ter significado e relevância dentro da instituição, tendo como objetivo colaborar no aperfeiçoamento da educação dos discentes e devendo apoiar e auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

É imperativo que a biblioteca escolar ocupe um lugar de destaque dentro do ambiente escolar, isto é, que seja vista como um espaço agradável, atrativo e mediador do ensino, despertando nos educandos a busca por conhecimentos além da sala de aula.

É preciso que essa unidade de informação dentro do ambiente escolar proporcione aos seus usuários atividades que possam contribuir com o ensino-aprendizagem. Desta forma, é importante que exista um espaço adequado para a biblioteca e um profissional qualificado para desenvolver essas atividades, em harmonia com os discentes da instituição.

Na cidade de Porto Velho, Rondônia, foi realizada uma pesquisa pelo Grupo de Estudos Interdisciplinares em Educação, História e Memória (MNEMOS) da Universidade Federal de Rondônia (Unir), na linha de pesquisa Biblioteca Escolar. A partir dos dados coletados pelo grupo, constatou-se que nenhuma das BE das escolas da Rede Estadual de Ensino Público possui bibliotecários. A pessoa responsável pela Biblioteca Escolar precisa ser um bibliotecário; todavia, a realidade nas bibliotecas escolares brasileiras indica um número reduzido de profissionais com essa qualificação.

Conforme estudo técnico sobre a aplicação da Lei n. 12.244/2010, que trata da universalização das bibliotecas escolares nos sistemas de ensino no Brasil e que determina a obrigatoriedade do profissional bibliotecário como gestor da BE, constatou-se a inviabilidade de aplicação dessa lei por falta de profissionais formados para atuarem em todas as BE do país. Essas sugestões de alterações na lei foram feitas, primeiramente, pela constatação do número insuficiente de bibliotecas escolares em todas as regiões do país. Outro problema apontado é o número de bibliotecários formados, que, segundo o estudo técnico, não é suficiente para atender à demanda de todas as bibliotecas das instituições de ensino, nos municípios do país. O estudo propôs seis alterações na Lei 12.244/2010, visando sua aplicabilidade após as adequações, do ponto de vista legal:

1) Ampliação de novo prazo para que as escolas de todo o país possam cumprir a meta da universalização das bibliotecas. Sugere-se a data simbólica de 2022, data que o Brasil comemora duzentos anos de sua formação como estado nacional autônomo;

2) Definição de um orçamento previsto na Lei para que os respectivos sistemas de ensino invistam um determinado percentual de seus recursos na implantação e modernização das bibliotecas escolares;

3) Estabelecimento de algum tipo de sanção para as escolas que não cumprirem com os requisitos mínimos exigidos pela Lei (exemplo: suspensão de repasse de recursos da União, dos Estados e dos Municípios para as escolas);

4) Obrigatoriedade de criação, por parte do Poder Executivo, via Ministério da Educação, de um Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares, a exemplo do já existente em relação às bibliotecas públicas do país, que é gerido pela Fundação Biblioteca Nacional do Ministério da Cultura (MinC);

5) Fiscalização referente ao cumprimento da Lei, seja por parte dos órgãos que têm a tutela jurisdicional (Ministério Público, Tribunal de Contas), seja de órgãos de classe (Conselho Federal de Biblioteconomia e sindicatos de professores, por exemplo);

6) Ampliação do conceito de Biblioteca Escolar que se encontra muito restrito na atual legislação: “a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura” (art. 2º). Nos tempos atuais, a biblioteca escolar tem que contemplar as diversas e possíveis atividades de organização e gerenciamento de seu acervo, mediante o uso de tecnologias digitais, de tal forma que ela possa cumprir sua função social na escola. Com o advento dos novos suportes de informação e tecnologia, é inadmissível que a biblioteca escolar não esteja conectada à rede mundial de computadores e possa dela se servir para trocar informações com outras bibliotecas escolares e públicas do país ou permitir o empréstimo de livros digitais entre as mesmas (Oriá, 2017, p. 20).

Desta forma, percebemos empecilhos para a implantação da lei até 2020. Não há clareza sobre quem ficará responsável pela implantação das bibliotecas e de onde sairiam os recursos financeiros. Não ficou claro que projetos educacionais deveriam ser desenvolvidos nesses espaços, e a criação das bibliotecas não assegura que estas seriam utilizadas como agentes de transformação. Essa lei foi criada com o objetivo de reforçar a inserção dos profissionais bibliotecários nas escolas até 2020, determinando a construção e organização de um acervo compatível com o número de discentes nas BE.

A partir dessa realidade, e percebendo a relevância da BE no ambiente educacional, constatou-se, a partir da pesquisa realizada, que os responsáveis por esses espaços são professores readaptados (que foram diagnosticados com algum problema de saúde física ou psicológica). Existem profissionais que, pelo pouco tempo que falta para a aposentadoria, estão afastados da sala de aula, aguardando completar o tempo de serviço. Esses professores readaptados não receberam treinamento para atuar nessas unidades de informação; por isso, acabam recebendo críticas e, muitas vezes, sendo

apontados como culpados pela falta de integração entre biblioteca e sala de aula, mas principalmente nos aspectos relacionados à pesquisa e à leitura.

Percebe-se que as produções científicas que têm como foco de estudo as práticas pedagógicas dos professores readaptados que atuam em bibliotecas escolares ainda é um campo a ser explorado em ambiente nacional e, principalmente, no Estado de Rondônia. Sendo assim, o presente capítulo tem como objetivo compreender, a partir do levantamento bibliográfico e da pesquisa exploratória, quais práticas são desenvolvidas pelos professores readaptados nesse novo espaço de trabalho, fora da sala de aula.

O adoecimento docente e a readaptação na Biblioteca Escolar

No início da pesquisa, constatei que há um número expressivo de professores que adoeceram, e por esse motivo, são lotados em ambientes escolares como bibliotecas, salas de leitura e laboratórios de informática. Em algumas bibliotecas, encontramos mais de um professor lotado. Segundo Mendes (2008, p. 51):

Um dos sentidos do trabalho é o prazer. Esse prazer emerge quando o trabalho cria identidade. Possibilita aprender sobre um fazer específico, criar, inovar e desenvolver novas formas para execução da tarefa, bem como são oferecidas condições de interagir com os outros, de socialização e transformação do trabalho. [...] permite que o trabalhador se torne sujeito da ação, criando estratégias, e com essas possa dominar o seu trabalho e não ser dominado por ele, embora nem sempre isso seja possível, em função do poder da organização do trabalho para desarticular as oportunidades para uso dessas estratégias.

Trabalhos científicos indicam, em seus resultados, que as condições de trabalho impostas aos docentes da educação básica estão acarretando problemas de saúde. São muitos aspectos que estão provocando o adoecimento dos docentes, como afirmam Miguez e Braga (2018, p. 705):

A desvalorização profissional, carga horária de trabalho excessiva e baixos salários, evidenciam o tamanho do problema enfrentado pelos profissionais docentes brasileiros. Muitos deles têm migrado para outras áreas em busca de melhores condições de trabalho, e onde possam obter um melhor retorno financeiro. Aqueles que ainda desejam continuar na docência sofrem diariamente com os diversos problemas vivenciados no ambiente escolar.

Nóvoa (1999, p. 22) afirma:

A crise da profissão docente arrasta-se há longos anos e não se vislumbram perspectivas de superação a curto prazo. As consequências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão à vista de todos: desmotivação pessoal e elevados índices de absentismo e de abandono, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e de indisposição constante (face ao Ministério, aos colegas, aos alunos etc.), recursos sistemáticos a discursos-alibi de desculpabilização e ausência de uma reflexão crítica sobre a acção profissional etc. Esta espécie de autodepreciação é acompanhada por um sentimento generalizado de desconfiança em relação às competências e à qualidade do trabalho dos professores, alimentado por círculos intelectuais e políticos que dispõem de um importante poder simbólico nas actuais culturas de informação.

É importante perceber que o adoecimento tem implicado o afastamento desses profissionais da sala de aula. Por isso, eles são encaminhados para desenvolverem suas atividades em novos ambientes dentro da escola, sendo um deles a Biblioteca Escolar. Sobre o trabalho do professor readaptado nas bibliotecas escolares, Rodrigues e Santos (2017, p. 298) afirmam:

[...] é colocado na biblioteca escolar em um ambiente descontextualizado da sua formação, exercendo a função de bibliotecário sem possuir a devida habilitação e técnica. Deixando de lado suas competências pedagógicas por falta de apoio, valorização, assumindo um papel gerenciado por questões políticas em que lhe é retirada a subjetividade e autonomia que possuía em sala de aula.

A forma como esse profissional é encaminhado para desenvolver suas atividades na BE pode causar uma crise na sua identidade profissional, uma vez que o docente fazia parte de um contexto muito distinto dentro da instituição de ensino e também de uma relação de poder. Sobre a identidade profissional, Pimenta (1999, p. 15) contribui:

[...] se constrói a partir da significação social da profissão [...] constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor. Assim, como a partir de sua rede de relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos, e em outros agrupamentos.

Percebe-se que esses profissionais, quando lotados nesse novo ambiente escolar, não recebem suporte da direção da escola para que possam se adaptar a essa nova realidade de trabalho, e muitos não sabem qual o seu papel dentro da escola e nem que práticas educativas desenvolver. Para Félix (2014, p. 109):

[...] a biblioteca é importante ou é capaz de ser efetiva porque é um espaço diferente da sala de aula. Parte de seu papel educativo está em ser um lugar com práticas e vivências diferentes

das experimentadas em sala de aula.

Quando o docente é designado para trabalhar na biblioteca, tanto ele quanto os gestores devem ter ciência de que esse profissional continua sendo um educador, e que pode e deve desenvolver atividades que tenham como objetivo complementar e enriquecer a experiência dos discentes, contribuindo com o processo de formação desses indivíduos. Esse profissional continua a ter uma função educativa dentro da escola.

Desse modo, fica evidente o choque para esses professores readaptados, que passam a ser responsáveis por esses espaços e também pela função educativa da BE. Os espaços destinados à BE na Rede Pública de Ensino são improvisados e nada atrativos para os alunos. Alguns desses espaços converteram-se em verdadeiros depósitos de livros, não possuem nenhum atrativo para os usuários e não contam com um profissional bibliotecário.

A BE deve ter um espaço físico adequado e agradável, para que esse profissional tenha uma visão positiva e, dessa forma, tenha confiança em relação ao seu novo ambiente de trabalho. Côrte e Bandeira (2011) destacam que a função da Biblioteca Escolar é também dar suporte aos programas educacionais e curriculares:

A biblioteca escolar exerce, com suas atividades, um papel político, educativo, cultural e social, contribuindo para:

- ampliar as oportunidades de educação e conhecimento dos alunos;
- colocar à disposição dos alunos acervos e informações que complementam o currículo escolar;
- promover e facilitar o intercâmbio de informações;
- promover a formação integral do aluno;
- tornar-se um ambiente social, cooperativo e democrático;
- facilitar a ampla transmissão da arte, da ciência e da literatura (Côrte; Bandeira, (2011, p. 6).

É visível que esses profissionais têm um grande desafio ao serem inseridos como responsáveis pela biblioteca, pois terão que desenvolver suas práticas educativas nesse novo ambiente sem possuírem familiaridade com esse espaço durante sua formação na

educação básica. Possivelmente, não trouxeram ao longo da sua formação o hábito pela leitura, e quando se tornam responsáveis pela BE, não recebem orientação nem apoio da gestão e da coordenação pedagógica. Esses profissionais, quando remanejados da sala de aula por problemas de saúde e lotados em espaços como a BE, podem apresentar dificuldades em desempenhar ações que envolvam a biblioteca, os alunos e os docentes da instituição. Neste sentido, Monteiro (2016, p. 15) reitera:

[...] a BE como um espaço lúdico, um lugar de brincar com os livros e com as letras, lugar do contar e do ouvir histórias, espaço que proporciona o contato com o livro, tornando possível o desenvolvimento linguístico, cultural e cognitivo dos educandos visto que estabelece novos padrões de raciocínio, abrindo outros espaços para que as crianças possam se expressar exercitando a criatividade.

Dessa forma, é primordial que os professores readaptados atuando nas bibliotecas das escolas da rede pública possam ser motivados e orientados a desenvolver suas práticas. Por esse motivo, a pesquisa justifica-se ao reconhecer a biblioteca como um espaço essencial no ambiente escolar, que deve ser percebida e reconhecida pela comunidade educacional como um local dinâmico e primordial no processo de ensino-aprendizagem. É importante ressaltar que a presença do profissional bibliotecário à frente das bibliotecas escolares é o modelo ideal; contudo, a realidade em que vivemos configura-se de outra maneira. Sendo assim, é fundamental saber que experiências constituem esses sujeitos que são responsáveis pela biblioteca, suas experiências, motivações e que práticas ele quer, pode e exercita nessa nova realidade laboral.

Práticas educativas fora da sala de aula: atividades que os docentes readaptados podem desenvolver na Biblioteca Escolar

Uma das funções da BE é servir de apoio pedagógico de forma interdisciplinar no processo de ensino-aprendizagem. Ela pode oferecer experiências diferenciadas que não se limitam à sala de aula, como habilidades artísticas, linguísticas e culturais. Por isso, qual seria a postura desses profissionais frente ao desafio de desempenhar suas práticas pedagógicas em um ambiente que não é mais a sala de aula?

A partir dos apontamentos de Day (2001), infere-se que o desenvolvimento profissional docente é um processo permanente, uma vez que “ser docente” é estar sempre em busca de novos conhecimentos, adaptar-se a mudanças, buscar e propor

soluções para situações que dificultem o processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, Day (2001, p. 20-21) afirma:

O desenvolvimento profissional envolve todas as experiências espontâneas de aprendizagem e as atividades conscientemente planejadas, realizadas para benefício, direto ou indireto do indivíduo, do grupo ou da escola e que contribuem, através destes, para a qualidade da educação na sala de aula. É o processo através do qual os professores, enquanto agentes de mudança, reveem, renovam e ampliam, individual ou coletivamente, o seu compromisso com os propósitos morais do ensino, adquirem e desenvolvem, de forma crítica, juntamente com as crianças, jovens e colegas, o conhecimento, as destrezas e a inteligência emocional, essenciais para uma reflexão, planificação e prática profissionais eficazes, em cada uma das fases das suas vidas profissionais.

Como integrar as práticas educativas do professor readaptado ao seu novo espaço de trabalho? É importante que esses profissionais entendam que é possível desenvolver ações culturais e de incentivo à leitura, propiciando a interdisciplinaridade, mediando e auxiliando os docentes da instituição. Segundo Chagas (2016, p. 5):

A biblioteca tem sido um lugar pouco atrativo e sem função educativa. O que se espera é que biblioteca e escola realizem um trabalho em conjunto, isto é, de mão dupla. Enfim, a verdadeira inovação da escola será, com certeza, modificar em profundidade as regras de interação entre o leitor, a leitura e a biblioteca e que tenha função educativa.

Do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem, a biblioteca deve contribuir com práticas de incentivo à leitura e pesquisa, e pode desenvolver projetos interdisciplinares em parceria com discentes de diferentes áreas do conhecimento. Para que a biblioteca seja de fato incluída na prática pedagógica docente, é essencial que ela ofereça materiais bibliográficos de qualidade, recursos informacionais e tecnológicos, com serviços planejados em parceria com os docentes. Freire (2013, p. 30-31) afirma que é impossível haver “ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. E reitera: “Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho. Intervindo, educo e me educo”. Nesta perspectiva, Chagas (2016) assegura que, para que a biblioteca seja um ambiente que propicia aos usuários um ambiente de aprendizagem, ela precisa:

Mais do que organizar e preservar a informação, a biblioteca se traduz como um ambiente social, ideal para oferecer e facilitar em várias fontes e suportes a busca da informação, um lugar alegre, vivo, dinâmico, aconchegante, agradável, e organizado, elementos essenciais no

processo educacional, e de grande importância para o desenvolvimento de ações educativas, tais como:

História em quadrinho;

Concurso de poesia;

Hora do conto;

Exposições;

Mural de notícias;

Palestras;

Datas comemorativas;

Oficinas de biografias;

Pesquisas, entre outros (Chagas, 2016, p. 34).

Essas ações podem ser realizadas pelos professores readaptados de forma conjunta com outros docentes, por meio de projetos interdisciplinares. Elas têm uma função importante no processo de aprendizagem dos discentes e podem ser organizadas por outro profissional que não seja o bibliotecário. Assim, desenvolver competências para buscar, analisar e selecionar informações, estimulando o desenvolvimento intelectual dos educandos, não é uma tarefa exclusiva do profissional bibliotecário, e pode ser uma opção para que os professores readaptados desempenhem suas práticas educativas na BE.

Metodologia

Este capítulo expõe e exemplifica a aplicação de uma metodologia que se fundamenta na seleção e priorização de dados bibliográficos que representam o estado da arte sobre a temática abordada. Nesta pesquisa, foi utilizada a abordagem qualitativa, expressa por Lüdke e André (1986, p. 11):

A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo. Por exemplo, se a questão que está sendo estudada é a da indisciplina escolar o pesquisador

procurará presenciar o maior número de situações em que esta se manifeste o que vai exigir um contato direto e constante com o dia-a-dia escolar.

Para realizar o estudo, optou-se pelo método exploratório, com a utilização de duas técnicas: levantamento bibliográfico e, como instrumento de coleta de dados, entrevista com roteiro estruturado, para responder aos objetivos propostos. A pesquisa teve caráter exploratório, pois, de acordo com Gil (2002, p. 41), “a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, tornando-o mais claro e passível de construir hipóteses, aprimorar ideias e descobrir intuições”. Sendo assim, foram analisados aspectos particulares sobre os profissionais que atuam na BE da Escola Estadual analisada, na cidade de Porto Velho/RO.

A primeira fase da pesquisa consistiu em levantamento bibliográfico. Segundo Köche (1997, p. 122), a pesquisa bibliográfica tem como objetivo “conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa”. Dessa forma, para selecionar o material bibliográfico que embasou o estudo, foi realizado o cotejamento de artigos, dissertações e teses que abordavam a temática: A Biblioteca Escolar, o Professor Readaptado e Adoecimento Docente. Considerou-se, para o levantamento bibliográfico nas bases de dados, pesquisas sobre o assunto desenvolvidas no Brasil no período de 2000 a 2019.

Produção e análise dos dados

Conforme dados divulgados pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de Rondônia (Seduc), durante a chamada escolar, realizada no início de 2018 em Porto Velho, a Rede Estadual de Ensino conta com 231 escolas. Hubner, Pimenta e Soeiro (2019, p. 175) dão a seguinte contribuição sobre a situação da BE das Escolas da Rede Estadual na cidade de Porto Velho: “verificou-se que elas estão instaladas em locais impróprios, com acervos sem tratamento apropriado, com o acervo desatualizado e muitas com aspectos de depósito de livros didáticos”. Esses dados corroboram com Maroto (2009, p. 63), que afirma:

Muitas escolas públicas, ainda hoje, subestimam ou “ignoram” a importância que os recursos bibliográficos e outras fontes de informação disponíveis na biblioteca escolar representam para o processo ensino-aprendizagem. Por esse motivo, estão frequentemente desativando esse

espaço, quando existe, para dar lugar a uma sala de aula ou para desenvolver outras atividades consideradas mais relevantes.

É notório que a BE continua sendo ignorada pelo poder público, e a situação dessas unidades em Porto Velho confirma essa percepção: são espaços inadequados e com acervos desatualizados. Na pesquisa realizada por Hubner, Pimenta e Soeiro (2019, p. 175), constatou-se, também, que não há bibliotecários em nenhuma das BE das escolas públicas em Porto Velho, cabendo a professores readaptados se responsabilizarem pelo funcionamento dessas unidades.

A pesquisa foi realizada numa Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio. Esta é uma das escolas mais antigas da cidade de Porto Velho, e está localizada numa área central da capital rondoniense. Atualmente, conta com 149 servidores em seu quadro de funcionários e atende a 1808 alunos nos três turnos: 548 alunos no ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, no turno matutino; 561 alunos no turno vespertino, do 9º ano do ensino fundamental e do 1º ao 3º ano do ensino médio; 560 alunos no turno da noite, em que a modalidade de ensino é a EJA – Educação de Jovens e Adultos, no fundamental e no médio. No ano de 2017, foi implementada a modalidade de Jovens e Adultos do ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, no turno da noite.

A biblioteca é ampla, climatizada por duas centrais de ar e bem iluminada. O mobiliário é padronizado de acordo com os demais equipamentos da escola, composto por 6 estantes em que estão organizados os livros a serem emprestados e 5 estantes deslizantes, em que estão organizadas reservas técnicas dos livros didáticos por disciplinas e séries. Os alunos não têm acesso a esse acervo – apenas os professores e os responsáveis pela biblioteca.

Nesse espaço, coexistem todas as áreas funcionais de uma biblioteca: atendimento ao público e espaço de estudo e pesquisa, com acervo de livre acesso aos usuários e disponível para empréstimo domiciliar. Segundo o professor responsável pela biblioteca, o acervo possui aproximadamente 3.000 títulos. A organização do acervo é por cores.

A equipe da biblioteca é composta por três servidores, dois professores readaptados e um técnico administrativo. Um dos professores trabalha no período matutino, o técnico trabalha no horário vespertino e o outro professor no período noturno. O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, organizado de acordo

com os horários de aula: pela manhã, das 7h30 às 11h45; à tarde, da 1h30 às 5h45; e à noite, das 7h às 10h.

Participou da pesquisa apenas um dos servidores, pois os sujeitos do estudo são professores readaptados. Um dos servidores não contempla esse aspecto e o outro optou por não participar. O sujeito da pesquisa possui graduação em Geografia, fez pós-graduação em Gestão Escolar e faz cinco anos que está lotado na BE. Precisou ser readaptado por problemas de saúde, pois foi diagnosticado com artrite.¹²

Para responder ao objetivo da pesquisa, que foi analisar e relatar a prática docente dos professores readaptados responsáveis pela Biblioteca Escolar, optou-se por realizar uma entrevista com roteiro semiestruturado. De acordo com Lüdke e André (1986, p. 33-34), essa técnica é importante, pois:

Na entrevista, a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde especialmente entrevistas não totalmente estruturadas, onde há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que lê detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica.

As informações obtidas foram transcritas na íntegra. Em seguida, realizou-se uma leitura detalhada e cuidadosa de todo o material. O entrevistado, quando questionado sobre suas impressões como professor responsável pela Biblioteca Escolar, deu a seguinte resposta:

Uma rotina, meu segundo lar. Todo dia, todas as manhãs estou aqui. É uma sequência da prática, fico observando a leitura do aluno. Meu relacionamento com os outros professores é normal, fico meio isolado, mas tranquilo. Eu me agarro na leitura, quando sinto saudades de lá vou na sala dos professores falo e volto e procuro ser útil e atender na medida do possível, é um eterno aprendizado é um novo contexto.

Essa questão teve como objetivo entender como o profissional se sente exercendo outra função no espaço escolar, já que não está mais na sala de aula. É importante ressaltar que, durante a entrevista e nas observações do local da pesquisa, o professor, mesmo estando lotado na biblioteca escolar, sempre afirmou que continuava sendo docente.

É importante mencionar que, sem esses profissionais nas BE, os espaços estariam fechados e não acessíveis aos educandos, e o número de empréstimos realizados no período em que esse profissional está na biblioteca é expressivo, assim como a procura dos alunos para fazer pesquisa. Nesse sentido, Duarte (2019, p. 72) afirma:

Sendo a escola tão importante para a formação do indivíduo e a biblioteca incluída nesse contexto, é de fundamental importância que os profissionais envolvidos com este ambiente estejam dispostos a fazer da experiência escolar, que é tão significativa, uma possibilidade de novas vivências.

É necessário que os profissionais que trabalham na BE percebam que esse espaço é importante para a formação dos alunos, que muitos só conhecem a biblioteca porque ela faz parte da escola e que ela é cheia de possibilidades para auxiliar na complementação dos conteúdos ministrados pelos docentes, na sala de aula.

Sobre as atividades que os profissionais desenvolvem na Biblioteca Escolar, obtivemos a seguinte resposta:

Aqui é só a questão da leitura. Estimulo eles aqui, falo na sala de aula eu sempre estimulo, vou lá falo com eles. Aqui é só pesquisa. Não tem recursos. Tem aquele armário cheio de DVDs, mas nenhum professor usa para fazer uma aula diferente. Alguns professores trazem os alunos para fazer pesquisa. Ficamos sempre na mesmice.

Sobre esse contexto, Ramos e Silveira (2019, p. 108) afirmam:

Ponderamos que as bibliotecas escolares devem oferecer diferentes práticas pedagógicas intencionais, orientadas e sistematizadas por meio dos produtos e serviços ofertados, considerando as demandas apresentadas pelos estudantes e professores (as), bem como a realidade da escola e os saberes dos estudantes e da comunidade local, que deve ser integrada à escola.

Podem ser realizadas, na BE, atividades que incentivem o hábito e a prática da leitura, pois o acervo da biblioteca conta com exemplares de livros considerados clássicos da literatura infantojuvenil, devendo ser utilizado e valorizado. É possível desenvolver, na escola, projetos de leitura e pesquisa sobre os autores das obras que fazem parte do acervo (Ruth Rocha, Monteiro Lobato, Ana Maria Machado e outros), e não é necessário que seja um profissional bibliotecário a realizar atividades como essas.

Sobre as práticas pedagógicas no novo ambiente de trabalho, obtivemos a seguinte resposta: “A pesquisa e o incentivo à leitura, somente”. A partir da realidade da escola, que atividades poderiam ser desenvolvidas/organizadas pela BE?

Atividades de incentivo à leitura, estimular a leitura em todas as disciplinas, fazer trabalhos interdisciplinares. Como não tem recursos, fica difícil. Eu fico aqui esperando. Falo: professor traga os seus alunos, tem muito material para pesquisa. Revistas de todas as áreas (História, Língua Portuguesa, Cálculo, Carta Capital, Filosofia), livros de leitura e de suporte para os professores. Tanto os professores quanto os alunos não têm interesse em vir na biblioteca. Só os professores de História e Língua Portuguesa que vem aqui.

As duas últimas questões da entrevista tiveram como objetivo saber quais eram as práticas educativas desenvolvidas na BE. Constatou-se que as atividades desse profissional estão voltadas para a leitura, mas não há nenhum projeto em andamento desenvolvido pela BE. Essa atividade só acontece quando os professores levam seus alunos ao espaço ou quando os próprios discentes procuram livros no acervo para ler em suas casas. De acordo com Campello (2012, p. 16):

[...] é necessário mudar o nosso discurso da miséria da biblioteca escolar para o do potencial da biblioteca escolar; expandir a ideia da biblioteca apenas como promotora da leitura para promotora da aprendizagem.

Percebe-se que, apesar de a BE se apresentar como um espaço de aprendizagem, em razão de ser detentora de recursos informacionais, ela não é explorada da maneira como poderia. Isso pode ser devido à falta de conhecimento do profissional responsável pelo espaço, por não ter ideia da sua função dentro da biblioteca, quando readaptado e lotado nesse novo ambiente escolar.

Os professores readaptados, diante dessa nova realidade laboral, podem desenvolver projetos interdisciplinares em parceria com outros professores. O espaço da biblioteca na escola pode e deve propiciar essas atividades, pois elas visam despertar a criatividade nos discentes e aprimorar o desempenho escolar.

Considerações finais

A pesquisa teve como objetivo investigar quais são as práticas educativas desenvolvidas pelos professores readaptados na BE de uma Escola Estadual da capital

Porto Velho, Rondônia. Partiu-se do entendimento de que a realidade das bibliotecas escolares da cidade, em consonância com as afirmações de Hubner, Pimenta e Soeiro (2019, p. 175), não contam com a presença de um profissional bibliotecário, e que a presença de professores que estão sendo readaptados nesses espaços educacionais é recorrente. Reconheceu-se que esses profissionais não estão tendo condições de continuar em sala de aula por motivo de adoecimento, sendo lotados na BE, e que as atividades que eles desenvolvem nesse espaço estão relacionadas à leitura e à pesquisa escolar. Constatou-se, também, que os professores não “ocupam” o lugar de um profissional bibliotecário, pois não há perspectivas de realização de concursos para essa função nas escolas. Os únicos bibliotecários, contratados no último concurso realizado pela Seduc, estão lotados na Secretaria de Educação e não nas escolas: há apenas dois contratados, embora existam mais de oitenta escolas estaduais apenas na cidade de Porto Velho, sem mencionar as escolas do interior do estado.

Caso os professores readaptados fossem impedidos de trabalhar nesses espaços, certamente as BE ficariam fechadas e não funcionariam mais, como acontece quando esses profissionais ficam doentes e não podem trabalhar. Acreditamos que, em vez de esperar que o poder público se organize e cumpra o que está estabelecido na Lei 12.244/10, esses profissionais devem ser capacitados por profissionais bibliotecários para desempenhar suas práticas pedagógicas na biblioteca. Desta forma, quando os bibliotecários chegarem nesses espaços, por meio de concurso público, poderão contar com a parceria desses professores.

Podemos inferir que a BE é um local de mediação do ensino, onde devem ser realizadas atividades interdisciplinares mediando e auxiliando docentes em suas práticas pedagógicas, pois, além de ser um ambiente de convivência social, em que são planejadas e desenvolvidas atividades culturais e de incentivo à leitura, também deve proporcionar aos discentes a possibilidade de realizarem suas pesquisas escolares. No entanto, a realidade das BE no Brasil mostra um retrocesso em comparação com países como Espanha e Portugal, já que, enquanto estamos discutindo e esperando a universalização das bibliotecas escolares e de um profissional capacitado para atuar nesses espaços informacionais, nesses países isso já é um fato consolidado.

É importante ressaltar que os professores readaptados que desenvolvem suas atividades nas BE têm se esforçado para cumprir uma função para qual não receberam

formação e incentivo. Muitos desses professores estão atuando em ambientes que não possuem um espaço físico adequado, lutando contra condições muito adversas, mas mesmo assim estão na biblioteca escolar desenvolvendo atividades que contribuem com o processo de ensino-aprendizagem.

Existe uma visão equivocada sobre a função que o professor readaptado exerce ao sair da sala de aula por motivos de saúde, pois, quando designado para trabalhar na BE, ele não irá desempenhar o papel de bibliotecário, uma vez que não possui formação profissional para exercer essa função. A presença desses profissionais deve ser aproveitada e valorizada, pois não escolheram sair da sala de aula para cuidar da biblioteca, e muitos não recebem nenhuma orientação de como continuar com suas práticas educacionais nessa nova realidade laboral.

O professor, ainda que não esteja exercendo a docência por adoecimento, continua ocupando o lugar de docente: ele, agora, está em outro espaço da escola, mas pode continuar desenvolvendo suas práticas pedagógicas. Assim, esse profissional readaptado continua tendo uma função dentro do ambiente escolar e precisa de subsídios para desenvolver seu trabalho dentro dessa nova realidade, com a consciência de que continua tendo um papel importante como educador, embora não esteja desempenhando suas atividades dentro da sala de aula.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei 12.244, de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. Brasília, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/4qdhSrd>. Acesso em: 20 out. 2018.
- CAMPELLO, Bernadete S. **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CAMPELLO, Bernadete S. *et al.* **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CHAGAS, Flomar Ambrosina Oliveira. Bibliotecas escolares: um espaço contraditório. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 390-407, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/498Cyuj>. Acesso em: 1 out. 2018.
- CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2011.

- DAY, Christopher. **Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente**. Porto: Porto Editora, 2001.
- DUARTE, Yaciara Mendes. A história da educação básica no Brasil e as representações sociais sobre a biblioteca escolar: o passado que influencia o presente. *In*: PIMENTA, Jussara Santos *et al.* (orgs.). **Biblioteca escolar: memória, práticas e desafios**. Curitiba: CRV, 2019, p. 61-77.
- FÉLIX, Andressa Ferreira. **Práticas educativas em bibliotecas escolares: a perspectiva da cultura escolar – uma análise de múltiplos casos na RME/BH**. 2014. 124f. Monografia (Pós-Graduação em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <https://bit.ly/4jynv1d>. Acesso em: 10 nov. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HUBNER, Marcos Leandro Freitas; PIMENTA, Jussara dos Santos; SOEIRO, Herta Maria de Açucena do Nascimento. A Biblioteca nas escolas públicas estaduais de Porto Velho (RO): análises das condições de instalação e funcionamento. *In*: PIMENTA, Jussara Santos *et al.* (orgs.). **Biblioteca escolar: memória, práticas e desafios**. Curitiba: CRV, 2019, p. 61-77.
- KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LÜDKE, Menga S.; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!:** do espaço de castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- MIGUEZ, Vitor de Almeida; BRAGA, Jacqueline Ramos Machado. Estresse, Síndrome de Burnout e suas implicações na saúde docente. **Revista Thema**, Pelotas, v. 15, n. 2, p. 704-716, 2018.
- NÓVOA, Antônio. O passado e o presente dos professores. *In*: NÓVOA, Antônio (org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1999.
- ORIÁ, Ricardo. **Bibliotecas escolares no Brasil: uma análise da aplicação da Lei n. 12.244/2010**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2017.
- PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In*: PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999, p. 15-34.

- RAMOS, Flávia Brocchetto; SILVEIRA, João Paulo Borges da. Práticas pedagógicas na biblioteca escolar. *In*: PIMENTA, Jussara Santos *et al.* (orgs.). **Biblioteca escolar: memória, práticas e desafios**. Curitiba: CRV, 2019, p. 97-110.
- RODRIGUES, Kátissa Galgania Feitosa Coutinho; SANTOS, Cícero Reginaldo Nascimento. Readaptação dos Professores em Bibliotecas Escolares Públicas no Brasil: Uma Reflexão Psicológica sobre a Autoestima. **Id on Line: Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 11, n. 34, p. 281-304, fev. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/4ba65Vl>. Acesso em 10 mar. 2019.
- ZIMMERMANN, Juliano Ricardo; PAULA, Viviane Carolina de; OHIRA, Maria de Lourdes Blatt. Avanços, perspectivas e limitações da Lei n. 12.244/2010 com vistas a sua aplicabilidade: análise da literatura brasileira e ações dos órgãos de classe do estado de Santa Catarina (Brasil). **Revista ACB – Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 12, n. 2, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3N7PAQk>. Acesso em: 27 jan. 2019.

CAPÍTULO 5. EDUCAÇÃO E BIBLIOTECAS MULTINÍVEIS: O MOVIMENTO EDUCACIONAL DOS BIBLIOTECÁRIOS NOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Miriã Santana Veiga

Precisamos sair das pequeninas e estreitas reivindicações unificantes de currículos e programas e sentir que a unidade e a vitalidade das culturas se promovem pela difusão, pela fertilização mútua de suas variedades entre si. Daí serem os museus e bibliotecas as instituições básicas da educação. Não seria absurdo dizer que, em verdade, antecedem a escola. Pois esta só pode realmente educar, se tiver a Nação um sistema de bibliotecas e museus, que iriam servir, em cada Estado, de focos permanentes para a vitalidade e a riqueza das próprias escolas (Anísio Teixeira, 1996, p. 97).

Anísio Teixeira foi o primeiro grande educador e gestor brasileiro a reconhecer as bibliotecas, os arquivos e os museus como espaços essenciais para a educação. Ele afirmou que as bibliotecas são instituições cruciais, uma vez que, para o escritor, a informação era fundamental para a formação de alunos e professores. Em sua gestão à frente da Diretoria de Instrução no Rio de Janeiro, então Distrito Federal (DF), foram publicados os primeiros decretos que incluíam bibliotecas nas escolas e no ensino. O Decreto n. 3.763, de 1º de fevereiro de 1932, criou a Biblioteca Central de Educação (BCE), subordinada ao Diretor Geral do Departamento de Educação, e o Decreto n. 4.387, de 8 de dezembro de 1933, criou a Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo (Pimenta, 2011). Anísio e outros educadores do Movimento Escola Nova tinham planos para uma educação que valorizasse a cultura e a informação, mas foram perseguidos e presos durante a ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945).

No Brasil, há muito tempo se fala da relevância das bibliotecas escolares para o ensino; porém, na formação do sistema educacional brasileiro, a educação e as bibliotecas seguiram caminhos distintos. No início, a única fonte de informação do aluno era o professor. Com o decorrer dos anos, essa fonte passou a ser, também, os livros didáticos, a Barsa,¹³ os manuais e, atualmente, o Google. Sobre os discursos em prol de uma educação de qualidade, Paulo Freire, em sua Pedagogia da autonomia

(1996), chama a atenção dos educadores para diminuir a distância entre o que dizem e o que fazem, para que, no final, o discurso seja um reflexo da prática. Como educadoras que desenvolvem atividades educativas em bibliotecas da Educação Profissional e Tecnológica (ETP), questionamos: Como os bibliotecários e as bibliotecas multiníveis dos Institutos Federais contribuem para fortalecer os saberes informacionais dos educandos e quais são os desafios dessa ação educativa?

De acordo com Pieruccini e Perrotti (2012), saberes informacionais são um conjunto complexo de habilidades, competências e atitudes e são indispensáveis para a sobrevivência individual e coletiva na Sociedade da Informação. Podem ser, ao mesmo tempo, saberes instrumentais e essenciais, transversais e específicos, processuais e conceituais, servindo como instrumento para a atuação em diversos campos do conhecimento. Sendo assim, são saberes indispensáveis para a apropriação cultural, permitindo que os educandos tenham acesso e participação na memória e cultura da sociedade.

Este trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa sobre a prática educacional do bibliotecário que realiza atividades educacionais direcionadas à informação, nas bibliotecas multiníveis¹⁴ dos IFs. Em primeiro lugar, foram realizados o mapeamento e a identificação das contribuições educativas voltadas para o fortalecimento dos saberes informacionais, elaboradas por bibliotecários e oferecidas pelas bibliotecas. Em seguida, são analisados a relevância e o significado dessas práticas, bem como a sua contribuição para o fortalecimento da Educação Profissional. Por meio da pesquisa aplicada, identificam-se o significado, a relevância, a visibilidade e o papel educativo dos bibliotecários que desenvolvem atividades educativas nas bibliotecas dos IFs. Com os dados coletados, elaboramos a tese intitulada “Educação e bibliotecas multiníveis: o desafio educacional dos(as) bibliotecários(as) dos Institutos Federais de Educação Profissional no Brasil” (Veiga, M., 2023). Também foi elaborado um produto educacional, o “Caderno de experiências pedagógicas bem-sucedidas nas Bibliotecas dos Institutos Federais” (Veiga; Pimenta, 2023). O objetivo é destacar conceitos sobre educação, infoeducação e biblioteca multinível e apresentar as atividades educativas encontradas e categorizadas na pesquisa bibliográfica e documental da tese.

A Educação Profissional e o surgimento das bibliotecas multiníveis dos institutos federais

A base teórica foi elaborada a partir de autores e estudiosos da Educação Profissional, como Manacorda (2007), Frigotto (2001) e Saviani (2007). Inicialmente, salientamos que a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) é uma modalidade de ensino que tem como objetivo principal formar o aluno para o mundo do trabalho e para a vida em sociedade. Esse modelo de ensino está previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Brasil, 1996). Para Saviani (2007), a relação entre trabalho e educação é uma relação de identidade, pois os seres humanos aprenderam a criar sua existência produzindo-a – eles aprendiam a trabalhar trabalhando. Os homens lidavam com a natureza, relacionando-se uns com os outros, educando-se e ensinando as novas gerações. Dessa forma, a criação da existência requer o desenvolvimento de formas e conteúdos que se sustentam pela experiência, configurando um verdadeiro processo de aprendizagem.

No entanto, com o progresso da sociedade humana e o acúmulo de riquezas e poder, houve uma divisão da relação intrínseca entre educação e trabalho, o que causou a divisão da sociedade em classes sociais. A partir do escravismo, existem duas formas de educação: uma voltada para a classe dominante, sendo a educação dos homens livres, e outra voltada para a classe não proprietária, que se dedica à educação dos escravos. Desenvolveu-se, assim, uma forma específica de educação, em oposição àquela que é inerente ao processo produtivo. Essa nova forma de educação se identifica com a educação propriamente dita, separando-a do mundo do trabalho (Saviani, 2007).

A sociedade capitalista, dividida em classes, faz com que os grupos sociais recebam educação diferenciada: a propedêutica, voltada para os cursos superiores – atendendo às elites detentoras dos meios de produção –; a formação básica (aprender a ler, escrever e contar) e a educação técnica, voltada para os trabalhadores, que vendem sua força de trabalho. Sobre a exploração capitalista, a precarização do trabalho e o abuso dos trabalhadores, Frigotto (2001, p. 71) destaca:

Vivemos, neste início de século e de milênio, um tempo de profundas contradições e, sobretudo, de uma inaceitável situação onde o avanço científico e tecnológico é ordenado e apropriado pelos detentores do capital em detrimento das mínimas condições de vida de mais de dois terços dos seres humanos. As reformas neoliberais, cujo escopo é de liberar o capital à sua natureza violenta e destrutiva, abortam as imensas possibilidades do avanço científico de

qualificar a vida humana em todas as suas dimensões, inclusive diminuído exponencialmente o tempo de trabalho necessário à reprodução da vida biológica e social e dilatando o tempo livre – tempo de liberdade, fruição, gozo. O resultado deste retorno ao livre mercado e ao capital sem regulamentação é um tempo que Forrester (1997) denominou horror econômico. Tempo de ampliação do desemprego, da precarização do trabalho e de uma situação de permanente angústia e insegurança daqueles que, para sobreviver, têm apenas sua força de trabalho para vender.

A Educação Profissional no Brasil começou, oficialmente, como uma educação assistencialista, criada para retirar órfãos e desvalidos das ruas:

Nessa perspectiva, pode-se inferir que a Educação Profissional no Brasil nasce revestida de uma perspectiva assistencialista, visando amparar os pobres e órfãos desprovidos de condições sociais e econômicas satisfatórias (Escott; Moraes, 2012, p. 1494).

No Governo Militar (1964-1985), a Educação Profissional tornou-se compulsória no ensino médio.

No início do século XXI, no primeiro e segundo governos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2010), a Educação Profissional foi reestruturada, com a criação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), pela Lei n. 11.892/2008. A Rede Federal, no início, foi formada pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (Institutos Federais), pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), pelos Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, do Rio de Janeiro (Cefet-RJ) e de Minas Gerais (Cefet-MG), bem como pelas Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais. No ano de 2012, passou a fazer parte da rede o Colégio Pedro II (Brasil, 2008). Foram criados 38 Institutos Federais de Educação Profissional, com diferentes unidades, em todos os estados do Brasil, almejando uma educação que

[...] não buscasse apenas a inclusão de pessoas nessa sociedade desigual, mas também, mediante um projeto grandioso, criasse a oportunidade de construção de uma nova sociedade balizada na igualdade política, econômica e social (Bueno, 2015, p. 63).

Os 18 princípios norteadores da EPT estão detalhados no capítulo 2º, artigo 3º da Resolução 1/21 do CNE/CP (Brasil, 2021). No Quadro 1, esses princípios são apresentados e relacionados à função infoeducacional e cultural que as bibliotecas multiníveis podem exercer. Destacamos que a Infoeducação é um campo teórico e

metodológico da Ciência da Informação que discute a interdisciplinaridade na educação e na informação.

[...] situada nos desvãos das Ciências da Informação e da Educação, voltada à compreensão das conexões existentes entre *apropriação simbólica e dispositivos culturais*, como condição à sistematização de referências teóricas e metodológicas necessárias ao desenvolvimento dinâmico e articulado de aprendizagens e de dispositivos informacionais, compatíveis com demandas crescentes de *protagonismo cultural*, bem como de produção científica, constituída sob novas óticas, nas chamadas *Sociedades do Conhecimento* (Perrotti; Pieruccini, 2007, p. 91, grifos dos autores).

Art. 3º: São princípios da Educação Profissional e Tecnológica	O papel das bibliotecas multiníveis
I – Articulação com o setor produtivo para a construção coerente de itinerários formativos, com vistas ao preparo para o exercício das profissões operacionais, técnicas e tecnológicas, na perspectiva da inserção laboral dos educandos;	Disponibilização de informação e infoeducação para a formação dos educandos da EPT
II – Respeito ao princípio constitucional do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;	Disponibilização de informação e infoeducação para a formação dos educandos da EPT
III – Respeito aos valores estéticos, políticos e éticos da educação nacional, na perspectiva do pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho;	Disponibilização de informação e infoeducação para a formação dos educandos da EPT
IV – Centralidade do trabalho, assumido como princípio educativo e base para a organização curricular, visando à construção de competências profissionais, em seus objetivos, conteúdos e estratégias de ensino e aprendizagem, na perspectiva de sua integração com a ciência, a cultura e a tecnologia;	Disponibilização de informação, infoeducação com foco na Competência em Informação para a formação dos educandos da EPT
V – Estímulo à adoção da pesquisa como princípio pedagógico presente em um processo formativo voltado para um mundo permanentemente em transformação, integrando saberes	Disponibilização de informação, infoeducação com foco

cognitivos e socioemocionais, tanto para a produção do conhecimento, da cultura e da tecnologia, quanto para o desenvolvimento do trabalho e da intervenção que promova impacto social;	na Competência em Informação e pesquisa para a formação dos educandos da EPT
VI – Indissociabilidade entre educação e prática social, bem como entre saberes e fazeres no processo de ensino e aprendizagem, considerando-se a historicidade do conhecimento, valorizando os sujeitos do processo e as metodologias ativas e inovadoras de aprendizagem centradas nos estudantes;	Disponibilização de informação, infoeducação com foco na Competência em Informação para a formação dos educandos da EPT
VII – Interdisciplinaridade assegurada no planejamento curricular e na prática pedagógica, visando à superação da fragmentação de conhecimentos e da segmentação e descontextualização curricular;	Disponibilização de informação, infoeducação com foco na Competência em Informação para a formação dos educandos da EPT
VIII – Utilização de estratégias educacionais que permitam a contextualização, a flexibilização e a interdisciplinaridade, favoráveis à compreensão de significados, garantindo a indissociabilidade entre a teoria e a prática profissional em todo o processo de ensino e aprendizagem;	Disponibilização de informação, infoeducação com foco na Competência em Informação para a formação dos educandos da EPT
IX – Articulação com o desenvolvimento socioeconômico e os Arranjos Produtivos Locais;	Disponibilização de informação, infoeducação com foco na Competência em Informação para a formação dos educandos da EPT
X – Observância às necessidades específicas das pessoas com deficiência, ou superdotação, gerando oportunidade de participação plena e efetiva em igualdade de condições no processo educacional e na sociedade;	Mediação cultural, infoeducação e disponibilização de informação para a formação dos educandos da EPT

XI – Observância da condição das pessoas em regime de acolhimento ou internação e em regime de privação de liberdade, de maneira que possam ter acesso às ofertas educacionais;	Mediação cultural, infoeducação e disponibilização de informação para a formação dos educandos da EPT
XII – Reconhecimento das identidades de gênero e étnico-raciais, assim como as dos povos indígenas, quilombolas, populações do campo, imigrantes e itinerantes;	Mediação cultural, infoeducação e disponibilização de informação para a formação dos educandos da EPT
XIII – Reconhecimento das diferentes formas de produção, dos processos de trabalho e das culturas a elas subjacentes, requerendo formas de ação diferenciadas;	Mediação cultural, infoeducação e disponibilização de informação para a formação dos educandos da EPT
XIV – Autonomia e flexibilidade na construção de itinerários formativos profissionais diversificados e atualizados, segundo interesses dos sujeitos, a relevância para o contexto local e as possibilidades de oferta das instituições e redes de Educação Profissional e Tecnológica, em consonância com seus respectivos projetos pedagógicos;	Disponibilização de informação, infoeducação com foco na Competência em Informação para a formação dos educandos da EPT
XV – Identidade dos perfis profissionais de conclusão de curso, que contemplem as competências profissionais requeridas pela natureza do trabalho, pelo desenvolvimento tecnológico e pelas demandas sociais, econômicas e ambientais;	Disponibilização de informação, infoeducação com foco na Competência em Informação para a formação dos educandos da EPT
XVI – Autonomia da instituição educacional na concepção, elaboração, execução, avaliação e revisão do seu projeto político-pedagógico, construído como instrumento referência de trabalho da comunidade escolar, respeitadas a legislação e normas educacionais, estas Diretrizes Curriculares Nacionais e as complementares de cada sistema de ensino;	Disponibilização de informação, infoeducação com foco na Competência em Informação para a

	formação dos educandos da EPT
XVII – Fortalecimento das estratégias de colaboração entre os ofertantes de educação profissional e tecnológica, visando ao maior alcance e à efetividade dos processos de ensino-aprendizagem de contribuindo para a empregabilidade dos egressos; e	Disponibilização de informação, infoeducação com foco na Competência em Informação para a formação dos educandos da EPT
XVIII – Promoção da inovação em todas as suas vertentes, especialmente a tecnológica, a social e a de processos, de maneira incremental.	Disponibilização de informação, infoeducação com foco na Competência em Informação para a formação dos educandos da EPT

Quadro 1. Princípios norteadores da EPT no Brasil e a contribuição das bibliotecas multiníveis dos IFs

Fonte: Elaborado pela autora (2023) a partir de Brasil (2021).

Juntamente com os Institutos Federais, foram criadas as bibliotecas multiníveis, cujo objetivo é atender às necessidades informacionais de alunos e pesquisadores da EPT. Almeida e Freire (2018a, p. 3800) definem que biblioteca multinível:

[...] é toda aquela unidade de informação que quanto à finalidade atende aos usuários de diversos níveis de ensino. Considerando este conceito como mais completo e abrangente da complexidade que diferencia a biblioteca da Rede Federal EPCT das demais, adotou-se nesta pesquisa a terminologia biblioteca multinível. Defende-se, também, que essa terminologia deva ser reconhecida como um novo tipo de biblioteca pela classe profissional e pela comunidade científica brasileira.

As bibliotecas multiníveis, portanto, têm o desafio de apoiar os IFs a realizar os seus objetivos, e possuem como foco principal a

[...] justiça social, a equidade, a competitividade econômica e a geração de novas tecnologias. Responderão, de forma ágil e eficaz, às demandas crescentes por formação profissional, por difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos e de suporte aos arranjos produtivos locais (Brasil, 2010).

Atualmente, os IFs possuem 589 bibliotecas¹⁵ e mais de 500 profissionais bibliotecários, que atendem alunos nas diversas modalidades de ensino ofertadas pelas instituições.

Metodologia

O estudo foi realizado em quatro etapas. Na primeira, fez-se uma pesquisa bibliográfica, visando mapear e identificar as contribuições educativas voltadas para o fortalecimento dos saberes informacionais, planejadas por bibliotecários e ofertadas pelas bibliotecas dos Institutos Federais. O estudo foi realizado no Repositório da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (Febab);¹⁶ no Portal da Comissão Brasileira de Bibliotecas das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CBBI);¹⁷ no Portal do Google Acadêmico;¹⁸ no portal da Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD);¹⁹ e por fim, na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci).²⁰ Foram utilizados os seguintes descritores: práticas educativas, educação, infoeducação, bibliotecas, relatos de experiência, Institutos Federais, bibliotecas multiníveis, bibliotecas dos Institutos Federais, competência em informação, biblioterapia, leitura, cultura e biblioteca universitária. Como resultado, foram localizados 71 relatos de experiências, elaborados pelos bibliotecários dos IFs entre os anos de 2008 e 2021. Com os dados coletados, foram criadas 10 categorias.

Na segunda etapa, efetuou-se a pesquisa documental nos sites do Ministério da Educação (MEC), da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec), e do Observatório da Educação Profissional e Tecnológica (OEPT),²¹ nos quais localizamos leis e documentos que apresentam a história e orientam a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil.

A terceira etapa ocorreu com a elaboração de um dos produtos educacionais, intitulado “Caderno de experiências pedagógicas bem-sucedidas nas Bibliotecas dos Institutos Federais”, em que apresentamos conceitos sobre educação, infoeducação e biblioteca multinível, destacando as atividades educativas encontradas e categorizadas na pesquisa bibliográfica e documental.

Na quarta etapa, realizou-se a pesquisa aplicada com 15 bibliotecários dos IFs, divididos entre as regiões Norte, Nordeste e Sudeste do país. Foram aplicados questionários, realizadas entrevistas e, a partir das observações dos profissionais, foi criado o segundo produto educacional. A pesquisa aplicada foi norteada pela pesquisa de opinião, que atendeu à demanda do estudo, uma vez que esse método pode ser exploratório, “quando se quer conhecer melhor o fenômeno e ganhar insights a respeito” (Fleury; Werlang, 2017, p. 2). O objetivo era distinguir qual o real significado, a importância, a visibilidade e o papel dos bibliotecários que desenvolvem atividades educativas nas bibliotecas multiníveis dos IFs.

Resultados e discussão

Primeiramente, foi feito o mapeamento das contribuições educativas voltadas para o fortalecimento dos saberes informacionais, planejadas por bibliotecários e ofertadas pelas bibliotecas dos Institutos Federais no Brasil no período de 2008 a 2021. Foram identificadas 71 atividades, das quais 63 foram analisadas, o que ocorreu porque alguns trabalhos foram apresentados ao mesmo tempo em eventos e publicados em periódicos científicos. Foi possível constituir 10 categorias: 1- O bibliotecário e as atividades educativas nos Institutos Federais; 2- Práticas educativas de incentivo à leitura; 3- Práticas educativas para a competência em informação; 4- Práticas educativas para a valorização da cultura negra; 5- Práticas educativas para a valorização dos povos indígenas; 6- Práticas educativas para a inclusão social; 7- Práticas educativas culturais e de educação patrimonial; 8- Práticas educativas para a educação emocional; 9- Práticas educativas de Educação Ambiental; e 10- Práticas educativas para a competência em pesquisa científica. Essas informações são mostradas no Quadro 2:

Categoria	Trabalhos encontrados
1- O bibliotecário e as atividades educativas nos Institutos Federais	a) O desempenho dos bibliotecários nas Práticas Extensivas do Instituto Federal da Bahia, Campus Simões Filho (Souza; Cardoso, 2015); b) A Biblioteca Multinível no IFPB Campus Sousa: conceito, descrição e finalidade (Almeida; Freire, 2018a);

	c) O desafio educacional dos bibliotecários nas bibliotecas multiníveis da rede federal de educação profissional, científica e tecnológica (Veiga; Pimenta; Silva, 2018); d) A biblioteca como organização aprendente na perspectiva das competências em informação (Almeida; Freire, 2018a); e) Educação e bibliotecas multiníveis: um olhar sobre os documentos norteadores das bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica em Rondônia (Veiga; Pimenta; Silva, 2019); f) Instituto Federal de São Paulo: relato de experiência acerca da biblioteca do Campus Catanduva (Almeida, 2012); g) Mediação bibliotecária no contexto da educação profissional e tecnológica: um relato de experiência (Silva; Fernandes, 2019).
2- Práticas educativas de incentivo à leitura	a) Promovendo a leitura literária na biblioteca do IFSP (Santos; Santos, 2013); b) Projeto de incentivo à leitura em biblioteca: as rodas de leitura no IFRS Campus Porto Alegre (Feijó; Silveira, 2015); c) Leitura no banheiro: por que não? (Cavalcanti; Garcia, 2015); d) Gêneros textuais de leitura: Salão de Leitura da Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB (Lima, 2015); e) Encontro com o autor: ação realizada pela Biblioteca do IFSC Araranguá (Cavalcanti; Garcia, 2015); f) Projeto Brisa Literária: a experiência da Biblioteca Prof. Carlos Alberto Barbosa, IFRJ – Campus Nilópolis (Paiva; Santos; Pacheco, 2017); g) Contar, encantar e educar: aprendizagem através da hora do conto – relato de experiência da Biblioteca do Iffar Campus Santo Augusto (D’Acampora, 2017); h) Ambiente de integração da leitura ao lazer: o caso da biblioteca do IFSP – Presidente Epitácio (Arakaki et al., 2017); i) Biblioteca no pátio: ação cultural em Biblioteca Escolar (Cardoso et al., 2017); j) Ler para transformar o mundo: relato de experiência da I Semana do Livro e da Biblioteca do IFCE, Campus Cedro (Silva, 2017); k) Atividades educativas e culturais: um olhar sobre as bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Veiga; Pimenta; Blackman, 2019); l) SeNaLiBi: Semana Nacional do Livro e da Biblioteca 2018 no IFSC, Campus Joinville (Luz; Dums, 2018);

	m) Relato de experiência do Projeto de Extensão Biblioteca itinerante: encorajando a leitura (Souza et al., 2019); n) A Semana do Livro e da Biblioteca do IF Goiano – Campus Trindade: ações e êxitos na atuação dinâmica da Biblioteca (Estrela; Diniz; Prudente, 2019); o) A biblioteca em suas mãos: o uso do QR Code – projeto de extensão (Gonçalves; Cunha, 2014); p) A biblioteca como espaço de formação leitora: algumas ações no IFRN nos anos de 2008 a 2013 (Silva; Nascimento, 2015); q) Projeto leitura viajante: levando leitura à zona rural de Cacoal/RO (Antunes; Costa; Souza, 2015); r) Práticas letradas no ambiente das bibliotecas: um estudo no IF Sertão Pernambucano (Alves, 2015); s) Farol literário: contando histórias de Goiás a Paraty (Oliveira, 2015); t) Projeto clube da leitura (Cardoso; Cassiano, 2015); u) Biblioteca escolar e formação do leitor: estudo dos hábitos de leitura dos alunos do Curso de Agroecologia do Ifro/Campus Cacoal (Cardoso; Cassiano, 2015);
	v) Projetos culturais em bibliotecas: um relato de experiência do Projeto Farol Cultural: contando histórias de Goiás a Paraty do Sistema de Bibliotecas do Instituto Federal Goiano (Oliveira; Silva; Boianovsky, 2016); w) Clube do livro: relato de experiência na biblioteca do Instituto Federal do Amazonas – Campus Maués (Cativo; Souza, 2018); x) Maratona da leitura: um relato de experiência de um programa de extensão aplicado na biblioteca do Instituto Federal Catarinense, Campus Avançado Sombrio (Monsani; Pereira, 2018); y) Aventuras na Biblioteca Clarice Lispector: ação colaborativa no espaço do Ifro – Campus Cacoal (Pimenta; Cavalcante; Viana, 2019); z) Entre músicas, filmes e leituras: a construção da biblioteca como espaço cultural e de incentivo à leitura (Sperandio; Neves, 2021); aa) Dicas de leitura categorizadas pelo perfil de licenciandos(as) em Química: relato de pesquisa colaborativa (Souza; Castro; José, 2021).
3- Práticas educativas para a	a) Caracterização da pesquisa escolar na Biblioteca do IFAM – Campus Manaus Zona Leste (CMZL) na perspectiva do usuário-

competência em informação	aluno (Sanchez, 2013); b) Ações informacionais de mediação da Biblioteca do Cefet/RJ – Campus Valença: proposta de transferência de informação para produtores rurais na cidade de Valença/RJ (Freitas; Orrico, 2017); c) Projeto educativo para competências em informação: bases teóricas para a pesquisa-ação em uma biblioteca multinível (Almeida; Freire, 2018b); d) Competências em informação em biblioteca multinível de região interiorana do Estado da Paraíba, PB, Brasil (Bezerra; Serafim, 2019); e) Bibliocine: uma proposta de valorização do cinema nacional e incentivo à leitura no Instituto Federal de Sergipe (Santos et al., 2019); f) Contribuições reflexivo-propositivas do bibliotecário aos jovens e adultos no processo de retorno à escolarização (D’Acampora; Moraes, 2015); g) Produção de conhecimento na biblioteca: Projeto Bibliotecário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Floriano (Ozório, 2012).
4- Práticas educativas para a valorização da cultura negra	a) Negra! A cor do Brasil (Silva; Maximiano, 2017); b) Bibliotecas como ambientes de luta pela redução das desigualdades e pelo empoderamento de minorias (Silva; Fernandes, 2019).
5- Práticas educativas para a valorização dos povos indígenas	a) Bibliotecas como ambientes de luta pela redução das desigualdades e pelo empoderamento de minorias (Silva; Fernandes, 2019).
6- Práticas educativas para a inclusão social	a) Formação inicial e continuada em materiais informacionais no ensino de Libras (Souza, 2017); b) Responsabilidade social em bibliotecas: o projeto Biblioteca Solidária do Campus Rio de Janeiro do IFRJ (Silva et al., 2018).
7- Práticas educativas culturais e de educação patrimonial	a) Arte e cultura na Biblioteca do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Campus Lages: uma experiência (Burin; Lima, 2013); b) Preservação da memória: o acervo histórico Memórias de Paulistana em foco (Viana, 2017); c) “Explorando Museus: Maceió” – uma aproximação entre discentes e patrimônio histórico-cultural (França, 2017);

	d) Biblioteca como um espaço dinâmico e criativo (Alves; Castro; Rosa, 2019); e) Eventos culturais na Biblioteca Carolina Maria De Jesus/IFRJ – Campus Duque de Caxias: um relato de experiência (Santos; Rocha; Costa, 2019); f) O bibliotecário e sua atuação no desenvolvimento de projetos culturais e científicos: o caso do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Ibatiba (Souza; Silva, 2014); g) Política institucional de apoio à cultura, um projeto articulado entre biblioteca e assistência estudantil (Jarabiza; Pinheiro; Santos, 2016); h) Ação cultural em bibliotecas de ensino superior: um enfoque nas exposições culturais (Giacomoni et al., 2018); i) Inovação no sertão: a mediação cultural na biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Paulistana (Viana; Dias, 2018).
8- Práticas educativas para a educação emocional	a) Rodas de conversa na biblioteca: experiência do Instituto Federal Farroupilha, Campus São Vicente do Sul, RS (Costa et al., 2017); b) Práticas educativas e mediação bibliotecária na promoção da saúde mental no Instituto Federal de Educação de Rondônia: um relato de experiência (Sousa; Veiga; Pimenta, 2021); c) O projeto de biblioterapia e humanização “Nem todo herói usa capa, alguns leem livros”: um relato de experiência na Fundação Centro de Controle de Oncologia do Estado do Amazonas (FCECON) (Fonseca; Silva Junior, 2021).
9- Práticas educativas de Educação Ambiental	a) Uso do lixo escolar em unidade de informação especializada para geração de renda e redução do impacto ambiental – o caso da Biblioteca de Gestão Ambiental do IFPE (Nascimento; Nascimento, 2017).
10- Práticas educativas para a competência em pesquisa científica	a) Iniciação científica e o material informacional em biblioteca (Souza; Medeiros, 2018, p. 146); b) Relato de experiência sobre a oferta de cursos de referências e citações no Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vila Velha (Oliveira; Amaral, 2020).

Quadro 2. Práticas educativas realizadas nas bibliotecas dos Institutos Federais²²

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Conforme consta no Quadro 2, na primeira categoria, intitulada “o bibliotecário e as atividades educativas nos Institutos Federais”, os profissionais discutem a importância educativa e cultural das bibliotecas dos IFs. Nesse grupo, foram inseridos 7 trabalhos.

A segunda categoria engloba trabalhos relacionados às práticas educativas de incentivo à leitura. Esse grupo foi o que mais recebeu relatos, totalizando 27. Pode-se supor que os bibliotecários se preocupam com a cultura da leitura nos IFs. De acordo com Feijó e Silveira (2015, p. 1):

O papel da biblioteca no que diz respeito às atividades de incentivo e promoção da leitura transcende o domínio do ato de ler e o acesso às obras literárias disponíveis no acervo. É função social das bibliotecas, especialmente no meio acadêmico, além de disseminar o conhecimento técnico-científico, promover à comunidade projetos que visem ao incentivo e a disseminação da leitura.

Na terceira categoria, foram englobadas as atividades voltadas para a competência em informação, sendo a segunda maior categoria, com 9 trabalhos. Destaca-se que práticas educativas para a competência em informação é uma das maiores preocupações da ação educativa dos bibliotecários, nas últimas décadas. Essa é uma das diligências da Associação Americana de Bibliotecários (ALA), que afirma:

Para ser competente em informação, uma pessoa deve conseguir reconhecer quando uma informação, é necessária e deve ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. Resumindo, as pessoas competentes em informação são aqueles que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, ao saberem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela (American Library Association, 1989, p. 1).

Sobre os saberes informacionais para a competência em informação nas bibliotecas dos Institutos Federais, Andreina Ozório (2012) afirma:

Neste contexto, a biblioteca é extremamente necessária para instigar as competências informacionais, assim como transformar estas competências em instrumentos e/ou ferramentas para mudar a realidade social, a qual a instituição de ensino está inserida. O incentivo à pesquisa, neste sentido, funciona como uma aprendizagem reconstrutiva, com gestão autônoma do sujeito, considerando este sujeito que reproduz o conhecimento no qual é referência central, sem que haja a necessidade de usar a metodologia de cópia, aquela na qual a tendência é reproduzir os termos dispostos no referencial bibliográfico, deixando de acrescentar o fruto de seu entendimento (Ozório, 2012, p. 1505).

A quarta e a quinta categorias foram formadas pelas práticas educativas voltadas para a valorização da cultura negra e a valorização dos povos indígenas, e os relatos mostram a preocupação com a valorização dos povos marginalizados no país. Na Figura 1, apresenta-se um cartaz de evento realizado na Biblioteca do Instituto Federal do Amazonas (Ifam), Campus Lábrea.



Figura 1. Cartaz do Projeto “Negra! A cor do Brasil”, do Instituto Federal do Amazonas, Campus Lábrea

Fonte: Silva e Maximiano (2017).

Silva e Maximiano (2017, p. 2) discorrem sobre a importância social das bibliotecas como espaços culturais:

A relação biblioteca-comunidade garante a função social, de espaço cultural, que a aproxima da realidade dos usuários, [...] com as mudanças que vem acontecendo é imprescindível que o profissional seja mais presente com relação às questões sociais, aliar a técnica a criatividade, buscando respostas aos desafios apresentados no cotidiano da função. A partir desse processo

reflexivo nasceu a proposta da Exposição Negra! A cor do Brasil. Tendo como referência a questão de que presença negra no Amazonas, por vezes é negada.

A sexta categoria, com dois relatos, foi formada por práticas educativas para a inclusão social e para apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade social. Os autores Cassiano, Teixeira e Pereira (2018, p. 678) destacam que:

Proporcionar autonomia é promover a liberdade na relação estabelecida entre pessoas de comunidades diferentes ou da mesma comunidade. A ação que, pode parecer simples a uma/um bibliotecária/o e/ou educadora/r, na aplicação de uma técnica e um conhecimento não pode ser vista como uma simples transferência. Poderia ser, caso fosse realizada apenas por máquinas. Mas no caso deste projeto de extensão, há o envolvimento de pessoas, culturas e questões sociais.

Na sétima categoria, as práticas educativas, culturais e de educação patrimonial foram voltadas para a história e a formação social das comunidades onde os IFs estão inseridos. Nessa seção, foram localizados nove trabalhos.

A oitava categoria, em que foram localizados 3 trabalhos, foi formada por práticas educativas para a educação emocional, com os profissionais desenvolvendo trabalhos de rodas de conversa, palestras sobre saúde mental e biblioterapia. Sobre as rodas de conversa realizadas com os discentes, Costa et al. (2017, p. 3) discorrem:

A atividade Rodas de Conversa, realizada no IFFar *Campus* São Vicente do Sul, parte da escolha de um tema por semana e, no espaço da biblioteca, os participantes (alunos, servidores e comunidade externa), sentados em círculo, conversam de maneira informal sobre as questões que permeiam o tema central que, por sua vez é discutido pelo grupo com a colaboração de um mediador. O mediador tem a função de contribuir com o debate com conhecimentos teóricos ou práticos sobre os temas tratados. O objetivo do projeto é promover discussões acerca de temas relacionados à inclusão social e também fomentar o hábito da leitura.

A nona categoria foi construída com práticas educativas para a Educação Ambiental, com um projeto desenvolvido pelos bibliotecários do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), visando à coleta de lixo e geração de renda, conforme mostra o Quadro 2.

A décima e última categoria foi formada por práticas educativas para a competência em pesquisa científica. Considerou-se que essa categoria deveria ser uma das mais importantes a ser trabalhada e desenvolvida nos IFs, uma vez que os princípios educativos da instituição são a pesquisa e a inovação. Nascimento e Cavalcanti (2021)

afirmam, pela observação das leis e dos documentos-base da educação profissional no Brasil, que a pesquisa nos IFs é um princípio educativo, e o bibliotecário, nessas instituições, deve desenvolver uma prática pedagógica que propicie aos sujeitos da comunidade escolar um posicionamento crítico e reflexivo. Em relação à pesquisa, Nascimento e Cavalcanti (2021) constataram que o envolvimento do estudante com as atividades de pesquisa pode ter um impacto significativo na sua formação cidadã e profissional, permitindo-lhe desenvolver uma postura crítica e reflexiva em relação à realidade, levando-o à emancipação. Além disso, nos Institutos Federais, a pesquisa é muito importante para auxiliar a comunidade onde a instituição está inserida.

Como resultado do mapeamento de atividades educativas realizadas no estudo, percebemos que os bibliotecários realizam um movimento educacional nas bibliotecas que visa valorizar principalmente a leitura. Não obstante, esses indivíduos enfrentam obstáculos e incertezas em relação à sua atuação educativa na biblioteca, no que tange ao reconhecimento profissional, à melhoria da infraestrutura de trabalho, à tipologia das bibliotecas dos Institutos, à ausência de experiências ou estudos, já realizados, que possam ser utilizados como modelos para práticas educativas efetivas.

Por meio da pesquisa aplicada, identificamos o significado, a relevância, a visibilidade e o papel educativo dos bibliotecários que desenvolvem atividades educativas nas bibliotecas dos IFs. Observamos que os profissionais, em sua maioria, possuem mestrado e entendem o seu papel social e educacional nas bibliotecas.

A elaboração do produto educacional

Com base nos dados coletados, nas sugestões e observações dos participantes da pesquisa, foi elaborado um produto educacional intitulado “Caderno de experiências pedagógicas bem-sucedidas nas Bibliotecas dos Institutos Federais”, que visa apresentar conceitos sobre infoeducação e biblioteca multinível e objetiva incentivar práticas educativas para a formação de saberes informacionais nas Bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs). No ano de 2025, o produto educacional foi publicado na forma de um livro. Ver Figura 2.

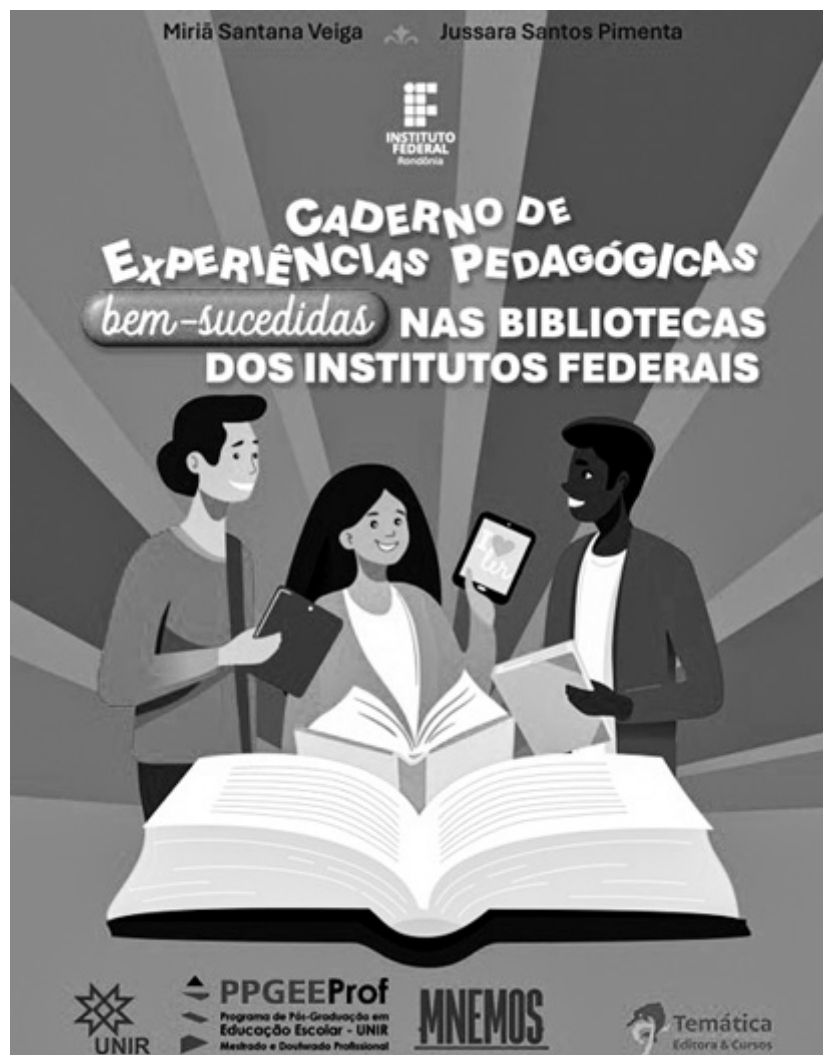


Figura 2. Capa do livro publicado

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O produto educacional foi elaborado após a realização da pesquisa bibliográfica e documental e a partir das observações e sugestões dos participantes da pesquisa. Tendo em vista que os bibliotecários relataram ser a tipologia das bibliotecas dos Institutos Federais também um problema, o primeiro capítulo do produto abordou a formação das bibliotecas multiníveis dos IFs. No segundo capítulo, destacamos a infoeducação e seus principais conceitos, que orientam a função educacional do bibliotecário infoeducador. Foram também apresentadas as práticas infoeducativas bem-sucedidas realizadas nas bibliotecas multiníveis dos Institutos entre os anos de 2008 e 2021. As categorias são: O bibliotecário e as atividades infoeducativas nos Institutos Federais; Práticas infoeducativas de incentivo à leitura; Práticas infoeducativas para a competência em informação; Práticas infoeducativas para a valorização da cultura negra; Práticas

infoeducativas para a valorização dos povos indígenas; Práticas infoeducativas para a inclusão social; Práticas infoeducativas culturais e de educação patrimonial; Práticas infoeducativas para a educação emocional; Práticas infoeducativas para a educação ambiental; e Práticas infoeducativas para a competência em pesquisa científica.

Considerações finais

Ao pesquisar sobre as bibliotecas multiníveis e o trabalho educativo dos bibliotecários nos Institutos Federais de Educação Profissional, era sabido que isso seria um desafio, pois os IFs estão espalhados por todo o Brasil. No entanto, realizando o mapeamento de relatos e artigos de experiência, percebeu-se que a pesquisa seria viável. Como conclusão, constatou-se que há um esforço por parte de auxiliares de biblioteca, bibliotecários e professores na formação dos educandos; contudo, essas atividades são frequentemente descontinuadas, uma vez que as bibliotecas carecem de apoio pedagógico e ainda não são plenamente reconhecidas como espaços de ensino-aprendizagem. Diante disso, tornam-se necessários novos estudos e discussões mais aprofundadas com os bibliotecários e a gestão dos IFs.

As bibliotecas devem ser planejadas para auxiliar as pessoas a aprender e que esses espaços são fundamentais para a educação profissional, especialmente ao receberem usuários em diferentes níveis de formação. Os educandos dos IFs necessitam de diversos tipos de informação, e por isso, é essencial um planejamento infoeducacional adequado, visando transformar as bibliotecas multiníveis em espaços educativos capazes de contribuir para a melhoria da Educação Profissional.

Referências

- ALMEIDA, Jobson Louis Santos de; FREIRE, Gustavo Henrique Araújo. A biblioteca como organização aprendente na perspectiva das competências em informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 19., 2018, Londrina. **Anais** [...]. Londrina: Enancib, 2018a. Disponível em: <https://bit.ly/4pKP7Bf>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- ALMEIDA, Jobson Louis Santos de; FREIRE, Gustavo Henrique Araújo. Projeto educativo para competências em informação: bases teóricas para a pesquisa-ação em uma biblioteca multinível. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e**

- Ciência da Informação, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 123-137, 2018b. Disponível em: <https://bit.ly/4pn3BH1>. Acesso em: 29 out. 2023.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **Report of the Presidential Committee on Information Literacy: Final Report**. ALA, 1989. Disponível em: <https://bit.ly/3LdyorX>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- BEZERRA, Midnai Gomes; SERAFIM, Lucas Almeida. Competências em informação em biblioteca multinível de região interiorana do estado da Paraíba, PB, Brasil. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2019.
- BRASIL. Congresso. Senado. **Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, 26 dez. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/4jqSgVf>. Acesso em: 17 jan. 2022.
- BRASIL. Congresso. Senado. Resolução n. 1, de 5 de janeiro de 2021. Resolução CNE/CP n. 1, de 5 de janeiro de 2021: define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 6 jan. 2021, v. 1, n. 3, seção 1, p. 19. Disponível em: <https://bit.ly/4qBtTGv>. Acesso em: 6 nov. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, um novo modelo em educação profissional e tecnológica: concepção e diretrizes**. Brasília: MEC, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 9.394, 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Brasília, 1996. Disponível em: <https://bit.ly/3Lwt6b6>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio: documento base**. Brasília, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/45wW5Cl>. Acesso em: 26 mar. 2023.
- BUENO, Daniela Gomes Martins. **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: uma política a ser cravada na história**. Curitiba: Appris, 2015.
- BURIN, Camila Koerich; LIMA, Marcia Medeiros de. Arte e cultura na Biblioteca do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Campus Lages: uma experiência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3Z4n44s>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- CARDOSO, Maria do Amparo; CASSIANO, Elisete Lopes. Projeto clube da leitura. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE BIBLIOTECAS DAS INSTITUIÇÕES DA

- REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 8., 2015, Manaus. **Anais** [...]. Manaus, 2015. <https://bit.ly/4jthbYd>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- CASSIANO, Elisete Lopes; TEIXEIRA, Patricia; PEREIRA, Ricardo Alexandre. A organização da biblioteca da associação dos remanescentes dos quilombolas Ilha de São Vicente/TO. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS*, 20., 2018, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/4jsxrJ1>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- COSTA, Laís Braga *et al.* Rodas de conversa na biblioteca: experiência do Instituto Federal Farroupilha Campus São Vicente do Sul-RS. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 27., 2017, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/4pqkoca>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- D'ACAMPORA, Daniela Cristina Paulo. Contar, encantar e educar: aprendizagem através da hora do conto – Relato de experiência da Biblioteca do IFFar Campus Santo Augusto. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 27., 2017, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/49H04yF>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- D'ACAMPORA, Daniela Cristina Paulo; MORAES, Marileia Gollo. Contribuições reflexivo-propositivas do bibliotecário aos jovens e adultos no processo de retorno à escolarização. *In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE BIBLIOTECAS DAS INSTITUIÇÕES DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA*, 8., 2015, Manaus. **Anais** [...]. Manaus, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/4dBCCp9>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- ESCOTT, Clarice Monteiro; MORAES, Márcia Amaral Correa de. História da Educação Profissional no Brasil: as políticas públicas e o novo cenário de formação de professores nos institutos federais de educação, ciência e tecnologia. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”*, 2012, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: UFPB, v. 9, p. 1492-1508, 2012.
- FEIJÓ, Suzinara da Rosa; SILVEIRA, Filipe Xerxeneski da. Projeto de incentivo à leitura em biblioteca: as rodas de leitura no IFRS Campus Porto Alegre. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 26., 2015, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: CBBB, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/4q9iLRr>. Acesso em: 1 nov. 2023.

- FLEURY, Maria Tereza Leme; WERLANG, Sergio R. C. Pesquisa aplicada: conceitos e abordagens. *In: GVPESQUISA*, 2017. **Anuário de pesquisa**. São Paulo: FGV, 2017. Disponível em: [.](#) Acesso em: 1 jan. 2022.
- FONSECA, Diego Leonardo de Souza; SILVA JUNIOR, Carlos Lima da. O projeto de biblioterapia e humanização “Nem todo herói usa capa, alguns leem livros”: um relato de experiência na Fundação Centro de Controle de Oncologia do Estado do Amazonas (FCECON). **Revista ACB – Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/44XG1JE>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- FRANÇA, Franciane Monick Gomes de. “Explorando Museus: Maceió”: uma aproximação entre discentes e patrimônio histórico-cultural. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 27., 2017, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/4q78WDr>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 71-87, 17 jan. 2001. Disponível em: <https://bit.ly/4jsSIC4>. Acesso em: 1 fev. 2022.
- GIACOMONI, Lucia *et al.* Ação cultural em bibliotecas de ensino superior: um enfoque nas exposições culturais. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS*, 20., 2018, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/44XKsEr>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- JARABIZA, Criselen; PINHEIRO, Richelli Daiana; SANTOS, Elisabete Scherer dos. Política institucional de apoio à cultura, um projeto articulado entre biblioteca e assistência estudantil. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS*, 19., 2016, Manaus. **Anais [...]**. Manaus, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/4jqSUC9>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- MANACORDA, Mario A. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas: Alínea, 2007.
- MOUTINHO, S. O. M. **Práticas de leitura na cultura digital de alunos do ensino técnico integrado do IFPI - Campus Teresina Zona Sul**. 2014. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.
- NASCIMENTO, Amanda Tavares Silva Lima; NASCIMENTO, Gutemberg Virgínio do. Uso do lixo escolar em unidade de informação especializada para geração de renda e redução do impacto ambiental – o caso da Biblioteca de Gestão Ambiental do IFPE.

- In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/49DJQq5>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- NASCIMENTO, Bruna Laís Campos do; CAVALCANTI, Vanessa Oliveira de Macêdo. Inter-relações da biblioteca com a pesquisa: relato de experiência das ações desenvolvidas no ifrn. *In*: RUBIM, Rossanna dos Santos Santana; RODRIGUES, Maristela Almeida Mercandeli. **Práticas bibliotecárias na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. Rio de Janeiro: Interciência, 2021, p. 33-43.
- OLIVEIRA, Valéria Rodrigues de; AMARAL, Quezia Barbosa de Oliveira. Relato de experiência sobre a oferta de cursos de referências e citações no Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vila Velha. **Revista ACB – Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 131-141, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/4aHjKU9>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- OZÓRIO, Andreina Alves de Sousa. Produção de conhecimento na biblioteca: Projeto Bibliotecário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Floriano. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Gramado. **Anais** [...]. Gramado, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/4qylZ0K>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. *In*: LARA, Marilda L. G. de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy P. (orgs.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007, p. 46-97.
- PIERUCCINI, Ivete; PERROTTI, Edmir. Biblioteca escolar: da superação do empirismo à infoeducação. *In*: FÓRUM DE PESQUISA EM BIBLIOTECA ESCOLAR, 1., 2012, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2012, p. 9-27. Disponível em: <https://bit.ly/4q9rnrl>. Acesso em: 1 jan. 2022.
- PIMENTA, Jussara Santos. **Leitura, arte e educação: a biblioteca infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937)**. Curitiba: Editora CRV, 2011.
- PIMENTA, Jussara Santos; CAVALCANTE, Fernanda de Oliveira Freitas; VIANA, Gizele de Melo. Aventuras na Biblioteca Clarice Lispector: ação colaborativa no espaço do Ifro – Campus Cacoal. **Revista ACB – Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 238-248, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/4qEknT5>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- SANTOS, Cintia Almeida da Silva; SANTOS, Marcel Pereira. Promovendo a leitura literária na biblioteca do IFSP Campus Araraquara. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25.,

- 2013, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/4pkLCRv>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], v. 12, n. 34, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/4q9rAe7>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- SILVA, Carlos Robson Souza da; FERNANDES, Cinthia Thamiris. Bibliotecas como ambientes de luta pela redução das desigualdades e pelo empoderamento de minorias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais** [...]. Vitória, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/4bm8axX>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- SILVA, Dávilla Vieira Odizio da; MAXIMIANO, Claudina Azevedo. Negra! A cor do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/4sufloC>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- SILVA, Marcia *et al.* Responsabilidade social em bibliotecas: o projeto biblioteca solidária do Campus Rio de Janeiro do IFRJ. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 20., 2018, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/4aIBSwU>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- SOUSA, Evandro Silva de; VEIGA, Miriã Santana; PIMENTA, Jussara Santos. Práticas educativas e mediação bibliotecária na promoção da saúde mental no Instituto Federal de Educação de Rondônia: um relato de experiência. **Revista ACB – Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/4pnoaDf>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- SOUZA, Maria Aparecida Rodrigues de; CASTRO, Maria Aparecida de; JOSÉ, Alexandre Bellezi. Dicas de leitura categorizadas pelo perfil de licenciandos(as) em química: relato de pesquisa colaborativa. In: RUBIM, Rossanna dos Santos Santana; RODRIGUES, Maristela Almeida Mercandeli (orgs.). **Práticas bibliotecárias na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. Rio de Janeiro: Interciência, 2021, p. 79-94.
- SOUZA, Maria Aparecida Rodrigues de; MEDEIROS, Brendo Carlos Caetanos. Iniciação científica e o material informacional em biblioteca. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 20., 2018, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/4sykr8Q>. Acesso em: 1 nov. 2023.
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação é um direito**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- VEIGA, Edison. Como foi criada a Barsa, enciclopédia que fez a cabeça (e os trabalhos escolares) de gerações antes da internet. **BBC News Brasil**, 6 fev. 2023.

Disponível em: <https://bit.ly/3NeOySo>. Acesso em: 25 set. 2023.

VEIGA, Miriã Santana. **Educação e bibliotecas multiníveis: o desafio educacional dos bibliotecários (as) dos Institutos Federais de Educação Profissional no Brasil**. 2023. 225f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho. Disponível em: <https://bit.ly/4bil1RJ>. Acesso em: 25 abr. 2025.

VEIGA, Miriã Santana; PIMENTA, Jussara Santos. **Caderno de experiências pedagógicas bem-sucedidas nas Bibliotecas dos Institutos Federais**. Porto Velho: Temática Editora e Cursos, 2024.

VIANA, Francisca das Chagas; DIAS, Neuda Fernandes. Inovação no sertão: a mediação cultural na biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Paulistana. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS*, 20., 2018, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/4aMcvdJ>. Acesso em: 1 nov. 2023.

CAPÍTULO 6. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR: SALAS DE LEITURA²³

Ana Cristina Spanhol

As Salas de Leitura são espaços que devem ser compreendidos como mais que um local para armazenar livros ou para preencher uma carga horária dentro do planejamento do professor. A Sala de Leitura deve ser pensada como um ambiente que possibilita a exploração de novas descobertas e a construção de novas ideias e conteúdos, ou seja, é um espaço para fomentar o pensamento crítico e criativo do estudante. O meio escolar precisa oportunizar às crianças o gosto pela leitura, e as escolas possuem condições legais e estão orientadas por instrumentos pedagógicos que ajudam a diminuir a falta de acesso aos livros. Em vista disso, as Salas de Leitura tornam-se locais apropriados para os processos de ensino e aprendizagem, pois propiciam uma realidade diferente daquela a que muitas as crianças estão acostumadas, e a educação infantil é a primeira oportunidade que muitas crianças têm para acessar, conhecer os livros e desenvolver o gosto pela leitura.

Entretanto, mesmo com o incentivo da escola à leitura, ainda há fatores que podem limitar o acesso das crianças aos livros e, assim, impossibilitar a formação de um estudante leitor, como: espaços que não estimulam a leitura; a falta de recursos financeiros da família da criança. Cabe destacar que, na ausência da biblioteca escolar, a Sala de Leitura é um espaço que não se limita apenas aos alunos da escola: é um ambiente comunitário, ou seja, toda a comunidade pode acessá-la para procurar informações ou conhecimentos. Por essa razão, é importante que a escola disponha de tal espaço, pois possibilita o acesso à leitura por famílias que não possuem condições financeiras para a compra de livros.

Becker e Grosch (2008) afirmam que a biblioteca escolar ou a Sala de Leitura deve ser o cérebro da escola. Todavia, mesmo quando existem, muitas delas não são adequadas, possuem livros desatualizados e sem variedade e não possuem uma pessoa fixa que auxilie e organize o espaço, além de não incentivar o interesse na leitura. As Salas de Leitura não são diferenciadas da biblioteca escolar: são espaços que possuem

características similares; ou seja, são um espaço fechado, empoeirado, não motivando o acesso e o gosto pela leitura.

Portanto, esse ambiente precisa ser problematizado, questionando se o espaço destinado é apropriado para ser uma Sala de Leitura, se desperta o interesse e a motivação das crianças, se permite o acesso a comunidade escolar e se atende ao principal objetivo de formar alunos leitores, além de tornar os processos de ensino e aprendizagem significativos, visto que desempenha um papel social que estimula o acesso ao conhecimento para todos os estudantes, especialmente os de status sociais menos favorecidos.

Não obstante, é preciso que, além da preocupação com o ambiente da Sala de Leitura, haja investimento na especialização do professor, pois ele precisa atuar como mediador nos processos de alfabetização e letramento. O professor, quando associa a leitura aos conteúdos escolares, deve fazê-lo de maneira contínua, compreendendo que a Sala de Leitura contribui para definir o perfil literário e formar o leitor. Além disso, essas ações despertam o interesse e a motivação dos estudantes nas aulas, já que o acesso aos livros e a intervenção da leitura nos primeiros anos de vida auxiliam o desenvolvimento linguístico e sucesso escolar infantil. Como afirma Bajard (2014, p. 44-45):

Introduzida na escola desde o início da infância, a biblioteca deve, portanto, ter como efeito – com a condição de que os docentes saibam dela se apropriar, e acompanhar as descobertas das crianças – proporcionar o mergulho dos alunos no universo da escrita, assim como eles haviam mergulhado no universo da oralidade antes de saber falar.

Para estimular um bom relacionamento com os livros e formar um estudante leitor, é preciso que o professor possibilite a ampliação das experiências, da cultura e do conhecimento linguístico dos estudantes, por meio dos livros. Assim, o contato com os livros na educação infantil se faz necessário para a aprendizagem, pois permite que a criança perceba que os livros são uma importante fonte de informação, cultura e lazer.

De acordo com Patte (2012, p. 187), “na biblioteca, o que importa é considerar a criança em seu lugar, com as interrogações, abrir-lhe as portas e ajudá-la a se orientar”. Portanto, é preciso que se possibilite um ambiente com possibilidades para que os estudantes possam se desenvolver em seu ritmo, despertar sua curiosidade e achar respostas aos seus questionamentos. É necessário oferecer atividades distintas no

ambiente da Sala de Leitura, proporcionando aos estudantes um enriquecimento cultural que potencializará o seu processo de alfabetização.

A Sala de Leitura é um local que estimula o processo de ensino e aprendizagem, permitindo que os estudantes sejam agentes ativos nessa equação e desenvolvam a leitura, o pensamento crítico, o raciocínio lógico, a reflexão da realidade e a criatividade e imaginação, além de ser uma extensão da sala de aula. Como referencial teórico, identificamos obras que subsidiaram a pesquisa. Autores como Corsino (2010), Travassos (2018), Morais (1996), Martins (2006), Balça, Azevedo e Barros (2017), Sandroni e Machado (1991), Souza e Santos (2011), Santos, Oliveira e Pereira (2022), entre outros, permitiram refletir sobre a experiência como docente utilizando a Sala de Leitura. Na visão de Corsino (2010, p. 201), “a interação entre o livro e o leitor se inicia no ambiente, na sua organização, no clima que proporciona e nas interações que favorece”; ou seja, é essencial revitalizar esses locais de saber, que englobam diversos tipos de leitura, considerando também a configuração do seu espaço físico.

Segundo Travassos (2018), as bibliotecas e Salas de Leitura são ambientes físicos que reúnem uma variedade de elementos além dos livros, incluindo diferentes objetos culturais. Porém, esses espaços não devem ser vistos como estáticos ou imutáveis: pelo contrário, bibliotecas e Salas de Leitura devem ser consideradas locais dinâmicos, onde circulam temas, leitores e narrativas. São ambientes propícios à criação de encontros, vínculos e descobertas, lugares que ganham vida e podem se transformar por meio das ações dos indivíduos que os frequentam. Para Morais (1996, p. 12),

a leitura é uma questão de interesse coletivo. Trata-se de um meio para a aquisição de informações (e a escrita é um veículo para a transmissão dessas informações), sendo, portanto, parte de um ato social.

Já Martins (2006) afirma que na leitura há três níveis: a Sensorial, a Racional e a Emocional; assim, é necessário observar e dispor de materiais necessários para atender ao nível de leitura que cada aluno apresenta.

Procedimentos metodológicos

Optou-se, para este estudo, pela pesquisa-ação com intervenção pedagógica (Thiollent, 2011) do tipo qualitativa (Lüdke; André, 1986), resultado de uma série de reflexões sobre as possibilidades de trabalho na Sala de Leitura, o ato de ler, a formação do leitor, o ensino e as práticas de leitura, o acesso e a disseminação de informações, cultura e literatura na escola. Esta opção está de acordo com o que preceitua Bogdan e Biklen (1994), segundo os quais essa metodologia se baseia diretamente nas interações do ambiente natural e considera o pesquisador como o principal agente de coleta de dados. Deste modo, a análise está fundamentada na experiência da pesquisadora como docente em uma escola de educação infantil de uma região periférica de Porto Velho, Rondônia, em que muitas crianças não possuem acesso a livros e as rotinas escolares não promovem o desenvolvimento para um mundo letrado no ambiente escolar.

Segundo Minayo (2001, p. 22),

a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Além disso, a pesquisa-ação se coloca como um instrumento tanto de investigação quanto de intervenção ao alcance da sociedade. Nesse contexto, Toledo e Jacobi (2013) afirmam que a pesquisa-ação também desempenha um papel político, proporcionando apoio para que, por meio da colaboração entre os pesquisadores e os envolvidos na situação analisada, encontrem-se respostas e soluções que possibilitem a transformação de representações e motivem os indivíduos a atuar de forma prática e a enfrentar conflitos.

Como primeira etapa da análise, foi necessária a realização de reflexões e estudos sobre a biblioteca escolar e a Sala de Leitura, por meio de uma revisão de literatura, que possibilitou a construção do referencial teórico, etapa esta que foi primordial para o embasamento teórico da pesquisa. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando os descritores “Sala de Leitura” e “Educação Infantil”, fazendo um recorte temporal de 2010 a 2024. Foram encontradas 92 obras, e, para delimitar ainda mais a busca, foi necessário o refinamento pós-graduação em Educação, reduzindo os resultados para 10

obras, sendo 7 dissertações e 3 teses. A partir desses resultados, cada obra foi analisada individualmente.

Considerando que a formação de leitores começa na educação infantil, e que para isso é relevante que as crianças tenham acesso a obras literárias de qualidade e passem por experiências significativas de leitura mediadas por suas educadoras, a proposta do estudo foi, de forma específica, identificar os espaços destinados à leitura nas instituições de educação infantil. Além disso, procurou-se também: analisar a organização desses ambientes; conhecer o acervo disponível nas salas, em bibliotecas ou em outros locais de leitura nas instituições; e observar as estratégias que os educadores e coordenadores pedagógicos empregam para proporcionar diferentes formas de acesso e utilização dos livros de literatura pelas crianças.

Foram selecionadas 3 dissertações, sendo a primeira titulada “A leitura e a escrita na primeira etapa da Educação Infantil: os discursos e as práticas pedagógicas”, de Lilian Silva de Lucas de Souza (2014), que explora as abordagens pedagógicas relacionadas às interações das crianças com o universo da leitura e da escrita durante a primeira fase da educação infantil, destinada a crianças de 0 a 3 anos. O estudo teve como objetivo examinar as concepções sobre ensino e aprendizado dessas habilidades, que predominam nas práticas e nas narrativas das educadoras.

A segunda, de Claudia Aparecida do Nascimento e Silva (2016), intitulada “Práticas de leitura e suas contribuições para o letramento literário – um estudo com crianças de 05 e 06 anos”, foca na análise das práticas de leitura de livros de Literatura Infantil em uma turma composta por crianças de 5 e 6 anos. O estudo analisou como essas práticas contribuíam para o letramento literário dos pequenos, além de identificar as leituras mais frequentes realizadas nesse ambiente e a forma como as crianças recebiam essas experiências. Também foi analisada a periodicidade das leituras literárias realizadas. É importante destacar que a pesquisa não se concentrou na Sala de Leitura em si, mas nas atividades desenvolvidas dentro da sala de aula.

A terceira e última, intitulada “Os acervos, os espaços e os projetos de leitura em instituições públicas de Educação Infantil do Recife”, de Cinthia Silva de Albuquerque (2013), teve como proposta examinar os espaços de leitura disponíveis em instituições educativas voltadas para crianças com menos de 6 anos. Além disso, buscou analisar como essas instituições possibilitam o acesso e a utilização de livros de literatura

infantil para os pequenos. Os resultados demonstram a falta ou a inadequação de bibliotecas e espaços de leitura nas instituições de educação infantil incluídas na amostra, assim como a pouca disponibilidade de cantinhos de leitura.

O lócus da pesquisa foi uma escola de educação infantil localizada na zona leste de Porto Velho, em um bairro considerado periférico, a aproximadamente 12 quilômetros de distância da região central da cidade. A escola é uma unidade de ensino que faz parte da Secretaria Municipal de Educação do Município de Porto Velho. Essa escolha se deu, estritamente, devido à professora estar atuando nessa escola e pelo quantitativo de famílias que não possuem condições financeiras para o acesso aos livros; portanto, há uma necessidade de propiciar a essas crianças as Salas de Leitura e os livros, de maneira significativa, para que esses indivíduos se constituam em leitores.

A partir dessa seleção, como segunda etapa da pesquisa-ação, foi necessária a apresentação do projeto de pesquisa para a direção da escola, que aprovou a sua efetivação. Além disso, foi solicitado o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola desenvolvido em 2024, para analisar a construção da escola, sua história e seu público-alvo, ficando evidente que as famílias que estão inseridas na escola são compostas, na sua maioria, por pessoas com pouco poder aquisitivo. Dessas famílias, 64% fazem uso de algum programa de benefício social, e uma grande quantidade possui moradia popular no Residencial Orgulho do Madeira; no entanto, a escola também atende a famílias dos bairros Jardim Santana, Socialista e do Setor Chacareiro, próximo à região.

Como terceira etapa, procurou-se identificar se no espaço escolar existe ambiente para a Sala de Leitura – já que no PPP (2024) não havia menção do seu uso, e se o seu funcionamento é bem estruturado, examinando se as práticas de leitura utilizadas são influenciadoras na formação do leitor, na educação infantil. Durante as observações no ambiente escolar, foi identificado que o espaço destinado à Sala de Leitura, localizado ao lado da sala dos professores e de frente para o pátio da escola, não efetivava a sua real proposta, tampouco promovia ou auxiliava o desenvolvimento de um mundo letrado para as crianças. Analisando a sua construção inicial, a Sala de Leitura foi utilizada como depósito para armazenar produtos de limpeza e equipamentos; por isso, foram instaladas prateleiras de granito para comportar esse material.

Também ficou observado que a Sala de Leitura, em 2022, passou por uma modificação por parte da escola, saindo da estrutura de depósito para, então, ser pensada como um espaço que possibilitasse a leitura das crianças. A sala recebeu doações de acervos de livros da Prefeitura de Porto Velho e de alguns trazidos pelos professores. Foram inseridas no ambiente tapetes de E.V.A.; almofadas, para um maior conforto das crianças; e uma televisão, para auxiliar nas atividades de leitura.

Após essa reestruturação, a Supervisão Pedagógica solicitou que os professores incluíssem no seu planejamento o uso da Sala de Leitura; todavia, pela incompreensão da importância desse espaço, este passou por uma deterioração, pois em nenhum momento foi trabalhada a importância dos livros com as crianças e os professores, nem foi trabalhado o cuidado com a sala. O ambiente, assim, foi utilizado apenas como sala de vídeo, nos dias preestabelecidos pela gestão da escola; ou seja, os livros ficaram esquecidos. Cabe destacar que a Sala de Leitura precisa ser mais que um espaço construído: precisa ter sua utilização orientada e fundamentada, tanto para ser inserida pelos professores no planejamento quanto para proporcionar o acesso dos estudantes e da comunidade.

Evidenciou-se a necessidade de desenvolver, juntamente com os professores dessa escola, práticas pedagógicas que propiciassem a formação do aluno leitor. Por essa razão, o objetivo da pesquisa foi conhecer as práticas executadas pelos docentes em relação ao ambiente destinado ao funcionamento da Sala de Leitura e, a partir dessas ações, constituir os elementos necessários para modificar essa estrutura encontrada e propiciar às crianças o gosto, a motivação e o acesso aos livros, para favorecer processos de ensino e aprendizagem significativos, por meio da leitura.

O estudo foca na análise da relevância das Salas de Leitura como apoio na formação de novos leitores. Essa medida pode e deve ser implementada na educação infantil, pois acreditamos que, ao proporcionar ambientes repletos de práticas que estimulam a alfabetização, as crianças tendem a se desenvolver de maneira letrada de maneira mais rápida.

Em uma quarta etapa, foi apresentada aos professores a proposta de pesquisa, esclarecendo dúvidas, inseguranças e indicando que eles não seriam obrigados a participar. Frente isso, dos 19 docentes que atuam na escola, 5 aceitaram integrar a pesquisa. Os sujeitos participantes foram a professora pesquisadora, uma professora da

Creche III, uma professora do Pré I e três professoras do Pré II, além da supervisora pedagógica.

A partir da seleção dos participantes, iniciaram-se as Rodas de Conversa, como etapas seguintes da pesquisa. Afonso e Abade (2008) afirmam que as Rodas de Conversa são empregadas em metodologias participativas, com base teórica na união de autores da Psicologia Social, Psicanálise e Educação. A base metodológica se baseia nas oficinas de intervenção psicossocial, e o propósito é criar um ambiente em que os participantes possam refletir sobre o dia a dia, ou seja, sobre a sua interação com o mundo, o trabalho e o projeto de vida.

Assim, as Rodas de Conversa se sucederam, primeiro problematizando e possibilitando a reorganização da Sala de Leitura junto aos colaboradores da pesquisa; posteriormente, selecionando as atividades e os livros selecionados para compor a proposta para a utilização desse espaço, com os participantes da pesquisa. Após a elaboração dos planejamentos educacionais e a finalização de todas as Rodas de Conversa, realizou-se uma entrevista coletiva com as professoras e a supervisora pedagógica sobre os resultados das sequências didáticas a serem empreendidas. Além disso, foi feita a modificação do planejamento educacional quanto ao uso da Sala de Leitura, à percepção e ao desenvolvimento dos estudantes frente a essa modificação.

A partir dos dados coletados, foi possível a elaboração de um Produto Educacional destinado aos professores, para viabilizar a reformulação das Salas de Leitura, tornando essas salas auxiliares nos processos de aprendizagem dos estudantes, a partir de sequências didáticas.

As rodas de conversa: modificando o uso da Sala de Leitura

No decorrer da pesquisa, tivemos quatro rodas de conversa, que ocorreram nos meses de setembro e outubro de 2024. Nesses encontros, compartilhamos o que cada professora compreendia por Sala de Leitura, mundo letrado, inserção da leitura nas atividades escolares e como poderíamos modificar a atual estrutura existente. Antes de propor qualquer modificação na estrutura da Sala de Leitura e a inserção dos livros no planejamento educacional, era preciso que as professoras tivessem consciência do que é esse espaço e a importância de oferecer os livros para a compreensão do mundo letrado para as crianças. Sendo assim, no primeiro encontro, no dia 6 de setembro de

2024, buscamos estudar o assunto supracitado, iniciando com uma fundamentação teórica, por meio dos autores: Travassos (2018), Pimentel (2011), Moraes (1996), Sandroni e Machado (1991), Martins (1988), Souza e Santos (2011) e Santos, Oliveira e Pereira (2022). Assim, conseguimos identificar o que é Sala de Leitura, e foi possível que o grupo refletisse sobre o quanto o contato com os livros influencia a construção do leitor. Nesse ponto, refletimos também sobre como utilizávamos a Sala de Leitura e o impacto disso ao vermos o interesse dos alunos nos livros.

Esse primeiro momento permitiu que cada uma apresentasse também um pouco da sua realidade e dissesse o que modificou no seu olhar ao fundamentar a sua prática pedagógica, tendo compreendido a importância dos livros e da Sala de Leitura para os alunos.



Figura 1. A primeira Roda de Conversa

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

A fotografia acima expressa o momento do primeiro encontro, em que discutimos a atual Sala de Leitura e o quanto ela não oportunizava o acesso e o desenvolvimento do interesse e da motivação, nem dos alunos e nem dos professores, para utilizá-la; por isso, o segundo encontro se destinou à reformulação desse espaço.

A segunda Roda de Conversa aconteceu no dia 13 de setembro de 2024. Cada professora levou livros e materiais que ajudassem a modificar o ambiente encontrado, a partir das leituras realizadas no encontro anterior. Também refletimos como deveríamos dispor os livros e os materiais que ajudariam nesse processo, devendo estar todos ao alcance das crianças. Além disso, a porta da Sala de Leitura também foi modificada, para que despertasse o interesse e a imaginação das crianças antes de elas entrarem no ambiente. A sala foi disposta com tapetes e almofadas, permitindo que as crianças pudessem sentar-se e deitar-se confortavelmente. As fotografias abaixo apresentam o antes e o depois da Sala de Leitura:



Figura 2. Sala de leitura: o antes

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).



Figura 3. A Sala de Leitura: o antes

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).



Figura 4. A Sala de Leitura: o depois

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).



Figura 5. A Sala de Leitura: o depois

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).



Figura 6. Porta da Sala de Leitura

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

A terceira Roda de Conversa aconteceu dia 20 de setembro de 2024, depois de termos definido o espaço e já compreendido sobre a importância da Sala de Leitura e como ela deveria ser estruturada e composta dentro do planejamento educacional. Como primeira ação, foram implementadas medidas extras para garantir que as atividades transcorressem de maneira adequada. Entre essas medidas, destacam-se: a proibição da troca de horários com outros docentes; a restrição da realização de outras

tarefas em dias previamente designados; e a utilização da televisão como recurso pedagógico, com o uso para outras finalidades totalmente vedado.

Uma das professoras propôs a realização das atividades por meio de uma sequência didática, utilizando o livro previamente escolhido de acordo com a preferência dos estudantes, com propostas integradoras à narrativa apresentada na Sala de Leitura e sua continuidade em sala de aula.

De acordo com Pimentel (2011), a leitura é relevante para a aquisição do conhecimento, favorecendo a investigação e a imaginação e gerando, assim, novos conhecimentos. Contudo, há, muitas vezes, a prevalência de práticas de leitura não atrativas nas escolas, sem significado e que não despertam a imaginação das crianças. Isso resulta na reprodução de ideias e conteúdos que já foram estabelecidos, levando apenas à memorização e não à apreciação e ao encantamento pela estória.

O período determinado para a realização das rodas de conversa foi de quatro semanas, abrangendo desde a semana do dia 23 de setembro de 2024 até o dia 18 de outubro de 2024. Após essa deliberação, cada professora escolheu um livro para a narração da história e para a elaboração do planejamento das sequências didáticas. Os livros selecionados foram:

PROFESSORA	NOME DO LIVRO	AUTOR(A)	ANO	EDITORIA
Professora 1: Branca de Neve	“Eu tenho um PEQUENO PROBLEMA”, disse o urso	JANISCH, Heinz; LEFFLER, Silke	2008	Salamandra
Professora 2: Cinderela	O minhoco apaixonado	ROSCOE, Alessandra Pontes	2016	Canguru
	Quem soltou o pum?	FRANCO, Blandina; LOLLO, José Carlos	2010	Companhia das letras
Professora 3: Mulan	O Caracol	FRANÇA, Mari; FRANÇA, Eliardo	2021	Ática
Professora 4: Bela adormecida	Quem soltou o pum?	FRANCO, Blandina; LOLLO, José Carlos	2010	Companhia das Letras
Professora 5: Princesa Tiana	Não!	ALTÉS, Marta	2012	Brinque-Book
Professora	A cesta da Dona Maricota	BELINKY, Tatiana	2012	Paulinas

pesquisadora				
Professora pesquisadora	Os Três Porquinhos	BUCHWEITZ, Donaldo	2018	Ciranda Cultural

Quadro 1. Livros selecionados

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

É possível observarmos, no quadro acima, que cada professora ganhou o codinome de uma personagem de livro infantil, para trazer um pouco da magia dos livros para as colaboradoras e suas personalidades.

Por fim, a quarta Roda de Conversa aconteceu no dia no dia 19 de outubro de 2024, em um sábado, a fim de dispormos de um tempo maior, para que cada uma conseguisse expressar quais haviam sido suas observações durante a aplicação das sequências didáticas na Sala de Leitura. Iniciei o relato, para que elas sentissem mais acolhidas e tomassem iniciativa para expor o que tinham observado durante esse período. Expliquei às docentes que havia selecionado o livro A cesta da dona Maricota:

Inicialmente, mostrei a capa do livro que eu imprimi, falei o nome do livro e fui contando a história sempre detalhando cada página. Na parte que aparece as frutas e legumes, li pausadamente o que cada fruta/legumes falava. As crianças sempre participavam assiduamente, falando que gostava disso ou daquilo. Ao final da história quando dona Maricota faz uma grande sopa, perguntei as crianças se gostavam de sopa, a maioria disse que sim, questionei também quais os legumes que mais gostavam, e eles foram falando. Aproveitei o momento da contação da história para recordar o momento do lanche, pois geralmente as quintas feiras é servido sopa e na turma temos crianças que vejo que não come essa refeição. Ao perguntar por que algumas delas não comem, também expliquei que era saudável, que iria ajudar a ficar forte, que o cabelo ia crescer. No entanto, percebi que as crianças geralmente se sentem mais atraídas por aquilo que já faz parte do contexto social. Em um outro momento, dando sequência ao conjunto de atividades a partir da história inicial, fizemos a reprodução da história e cada criança contou a seu modo a história conforme compreendeu, deu nome aos vegetais e esse momento se tornou algo muito espontâneo e criativo (Relato da pesquisadora para as professoras participantes da pesquisa sobre a sequência didática desenvolvida com sua turma, 2024).

É possível observar que a participação das crianças foi assídua. Elas não só buscaram se envolver como tiveram um quantitativo de presença maior nas aulas, pois agora sentiam interesse, motivação e curiosidade em participar de algo que sua criatividade e imaginação pudessem se fazer presentes, sobretudo em um ambiente novo. A atividade desenvolvida pode ser vislumbrada nas imagens a seguir.



Figura 7. Estória “A cesta da Dona Maricota”

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).



Figura 8. Produção das crianças

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

Pelas fotografias acima, pode-se observar que a atividade foi feita com grande animação e alegria. A realização desse tipo de atividade demonstra que integrar ações nos ambientes sociais das crianças, utilizando elementos do seu dia a dia, torna o aprendizado muito mais relevante. A narrativa feita pelas crianças contribuiu para que

a atividade se tornasse um instrumento educacional significativo, pois, conforme Santos, Oliveira e Pereira (2022), ela favorece o crescimento infantil em diferentes dimensões. Essa prática favorece a observação, ativa a movimentação corporal, enriquece o vocabulário, melhora a comunicação oral e estimula o desenvolvimento emocional, sensorial, da memória e da criatividade. Após a realização das atividades, a Professora 3, “Mulan”, relatou:

Bem, assim como todas as minhas colegas relataram iniciei a contação da história O Caracol e tive a preocupação de fazer algumas perguntas antes de começar a história como por exemplo, perguntei quem sabia o que era um caracol e se já tinham visto algum. À medida que aparecia um personagem na história eu perguntava que animal era aquele e eles iam interagindo: joaninha, grilo, formiga. E também iam falando que na casa tinha muita formiga, que a joaninha era fofinha, que já se assustaram com um grilo. Dando sequência realizamos desenhos dos animais presentes na história, trabalhamos sobre animais domésticos e assim desenvolvemos atividades muito construtivas para a vida escolar das crianças (Relato da Professora 3, “Mulan”, sobre as atividades realizadas com a sua turma, 2024).

É possível perceber que as atividades, além de desenvolver o apreço pela leitura, tornou a interação social dos estudantes mais frequente. Outro relato, desta vez da P4, “Bela Adormecida”, atesta:

Diante da empolgação e das constantes interrupções, decidi mudar a dinâmica da história e perguntei qual era o barulho do Pum? Imediatamente todos começaram a reproduzir os mais variados sons, em meio a muitas gargalhadas. Então segui instigando-os e perguntei podemos soltar pum em todos os lugares? E então recebi um festival de interação, ouvi histórias do pum do pai, da mãe, da avó, do cachorro e então percebendo que todos já se encontravam envolvidos com a história, combinamos que naquele momento todos iriam ouvir a história para que juntos descobríssemos quem soltou o pum (Relato da Professora 4, “Bela Adormecida”, sobre as atividades realizadas com a sua turma, 2024).

Finalizando as apresentações, tivemos o relato da Professora 5, “Princesa Tiana”. Ela expõe que os livros sempre chamaram a atenção das crianças por conta das capas. Ela relatou que havia um cantinho da leitura em sua sala, porém pouco usado para realizar atividades dessa natureza com os alunos; por isso, ela deixava que eles tivessem contato com os livros e nunca levava esses alunos para a Sala de Leitura.

Perguntei das crianças o que elas entendiam pela palavra “Não” e recebi como resposta coisas do tipo: é quando a mãe fala não, quando a gente não pode fazer algo, é algo

que deixa triste e por aí vai. Então pedi para que todos escutassem atentamente pois eles iriam mudar a forma de entender a palavra não. Isso porque no decorrer da história eles descobrem que o cachorro da capa do livro acreditava que seu nome era não. A partir desta história trabalhamos a escrita dos nomes de cada um, letra inicial, letra final e a origem do meu nome que foi uma atividade enviada para casa e teve participação da família que escreveu no caderno, o significado do nome da criança. Para concluir nossa sequência de atividades, nos reunimos na Sala de Leitura e li a origem do nome de cada criança. Assim, tivemos ricos momentos de construção e muito aprendizado em nossa turma (Relato da Professora 5, “Princesa Tiana”, sobre as atividades realizadas com a sua turma, 2024).

Posteriormente, nos questionamentos feitos às professoras e à supervisora pedagógica, a qual acompanhava a todo momento os relatos das docentes, foram feitas as seguintes perguntas: Qual a percepção que você, professora, tem ao realizar atividades na Sala de Leitura? Você sente que há um interesse maior por parte das crianças? Como as crianças se sentem ao realizar atividades na Sala de Leitura? Cada professora respondeu individualmente, ouvindo atentamente as respostas das outras professoras e da supervisora. Essas respostas são apresentadas abaixo:

PROFESSORA	RESPOSTA
Professora 1: Branca de Neve	Eu vejo um brilho de curiosidade e encantamento no rostinho das minhas crianças e vejo que eu como professora tenho a responsabilidade de proporcionar atividades mais atrativas para despertar o interesse delas pelo livro. Não é uma tarefa fácil, é muito desafiador, ainda mais na educação infantil e com crianças da creche, no entanto depois das mudanças que ocorreram na Sala de Leitura onde ela ficou mais aconchegante e atrativa, isso vai nos ajudando a despertar a atenção daquela criança para as atividades que realizamos (Professora 1 – Branca de Neve, 2024).
Professora 2: Cinderela	Eu vejo como um divisor de águas porque antes a Sala de Leitura era utilizada apenas para as crianças assistirem vídeos e hoje com as mudanças implementadas com livros ao alcance delas e atividades direcionadas eles têm curiosidade de saber qual a história daquele livro, querem folhear, recontam a história a sua maneira, desenham, são mais participativas e atentas as histórias contadas, enfim todas as mudanças resultaram num espaço muito mais atrativo para eles (Professora 2 – Cinderela, 2024).
Professora 3:	As crianças demonstraram atenção e concentração ao realizar as

Mulan	atividades na Sala de Leitura, com um interesse notável em leitura e na contação de histórias. A mudança de ambiente, já que a Sala de Leitura fica fora da sala de aula, parece ter capturado ainda mais a atenção delas, proporcionando um clima diferente e estimulante para essas atividades. Foi muito agradável, o ambiente atualmente está muito melhor que antigamente, mais confortável e aconchegante para levar as crianças (Professora 3 – Mulan, 2024).
Professora 4: Bela Adormecida	Percebi que as crianças conseguem se manter mais atentas e interessadas nos detalhes da história, e se expressam conforme a leitura, com risos, indagações e percepção individual. Ao final ficam intrigadas com o que acabaram de ouvir, e iniciam as reflexões internas, e ao serem incentivadas a ilustrar sobre a tal história, se demonstram capazes de criar do seu jeito e com suas percepções de detalhes, os personagens citados na história, com muita empolgação (Professora 4 – Bela Adormecida, 2024).
Professora 5: Princesa Tiana	A percepção que tive foi que as crianças tiveram um interesse maior na Sala de Leitura, autonomia para selecionar os livros após a leitura, imaginação para conseguir reproduzir ou recontar a história lida ou outras histórias. Além do foco delas na história contada e nos livros que foram disponibilizados. O interesse ficou evidente e ao ponto de pedirem para irem na Sala de Leitura, de ficarem ali, concentrados e dialogando sobre a história, seja com a professora ou com os colegas, o que despertou neles ainda mais a comunicação e a interação social. Aproveitei a oportunidade para sugerir mais tapetes e almofadas, pois as crianças gostaram de deitar e ter esse momento de calma com os livros (Professora 5 – Princesa Tiana, 2024).
Supervisora Pedagógica: Pocahontas	Quando assumi a supervisão, vi inúmeras vezes a Sala de Leitura sendo utilizada para todo tipo de destinação, menos para seu uso devido. Aquilo me gerava muito incômodo, então com o aval da diretora, elaborei um quadro de horários com a finalidade que todos os professores utilizassem a Sala de Leitura ao menos uma vez na semana e sempre nas reuniões com os professores sugeríamos a inclusão de atividades neste espaço. No entanto, percebi que poucos professores acataram as medidas solicitadas pela gestão, entretanto só era dentro do planejamento, na execução utilizavam como sala de cinema. É muito bom ver que com a pesquisa algumas professoras finalmente incluíram em seus planejamentos de forma efetiva atividades a serem realizadas na Sala de Leitura e as executando e pensaram na estrutura do

Quadro 2. Resposta aos questionamentos mencionados

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2025).

Diante das respostas das colaboradoras, por meio da intervenção pedagógica sugerida pela professora/pesquisadora, foi possível, na prática, perceber que, ao alterarem sua visão sobre a utilização e o propósito da Sala de Leitura, aquelas que se dedicaram integralmente às atividades pedagógicas nesse ambiente observaram um progresso significativo na aprendizagem dos alunos. Em contrapartida, as crianças apresentaram um aumento na atenção, na curiosidade e no interesse por atividades relacionadas à Literatura, ou seja, ficou claro que as sequências didáticas elaboradas contribuíram de maneira significativa para a formação de novos leitores, enriquecendo consideravelmente seu vocabulário, suas interações sociais, sua imaginação e seu letramento social.

Considerações finais

A pesquisa teve início com o objetivo de examinar as atividades realizadas na Sala de Leitura de uma escola municipal em Porto Velho, Rondônia, e sugerir ações que incentivassem a leitura, promovesse a formação de novos leitores e revitalizasse o espaço em questão. Essa ação permitiu que se percebesse a relevância de ambientes como a Sala de Leitura em instituições de educação infantil e como estas contribuem para conectar crianças ao universo dos livros e da Literatura Infantil. Esse tipo de ação também permite que os docentes consigam propor processos de ensino e aprendizagem que façam sentido para as crianças e que despertem a curiosidade e o interesse em aprender, tornando-as pessoas que têm gosto pela leitura.

Além disso, pudemos identificar que, quando se possibilita aos professores novas perspectivas de modificar a proposta de planejamento educacional, permitindo que eles estudem teorias, há uma mudança completa de comportamento. Esses docentes passam a entender que a Sala de Leitura é mais que um espaço amontado de livros, mas sim um ambiente que permite trabalhar a imaginação, o gosto pela leitura e a criatividade das crianças. Fazendo essa parceria com os professores, modificando a estrutura da Sala de Leitura e passando a favorecer o acesso ao local e aos livros, foi possível inserir a

leitura na rotina das crianças, promovendo processos de ensino e aprendizagem mais significativos.

Referências

- AFONSO, Maria Lucia; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as rodas**. Belo Horizonte: Recimam, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/49qDsBc>. Acesso em: 10 set. 2024.
- ALBUQUERQUE, Cinthia Silva de. **Os acervos, os espaços e os projetos de leitura em instituições públicas de Educação Infantil do Recife**. 2013. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- BAJARD, Elie. **Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2014.
- BALÇA, Ângela Maria Franco Martins de Paiva; AZEVEDO, Fernando José Fraga de; BARROS, Lúcia Maria Fernandes Rodrigues. A formação de crianças leitoras: a família como mediadora de leitura. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 26, n. 63, p. 713-727, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/49cwZew>. Acesso em 17 ago. 2024.
- BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCHE, Maria Selma. A formação do leitor por meio das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 35-45, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3LuGix8>. Acesso em: 7 ago. 2024.
- BELINKY, Tatiana. **A cesta da Dona Maricota**. São Paulo: Editora Paulinas, 2012.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria João Alvarez e Sara Bahia dos Santos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BUCHWEITZ, Donaldo. **Os três porquinhos**. Jandira: Editora Ciranda Cultural, 2018.
- CORSINO, Patrícia. **Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino).
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos, v. 74).
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

- MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Unesp, 1996.
- PATTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.
- PIMENTEL, Claudia. **Espaços de livro e leitura**: um estudo sobre as Salas de Leitura de escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro. 2011. 264f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SANTOS, Anderson Oramisio; OLIVEIRA, Camila Rezende; PEREIRA, Silvânia Santos. Literatura na educação infantil: práticas pedagógicas na formação da criança leitora. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 21, n. 53, p. 100-113. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3YnHwNH>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**: guia prático de estímulo à leitura. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- SILVA, Claudia Aparecida do Nascimento e. **Práticas de leitura e suas contribuições para o letramento literário**: um estudo com crianças de 05 e 06 anos. 2016. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis.
- SOUZA, Lilian Silva de Lucas de. **A leitura e a escrita na primeira etapa da Educação Infantil**: os discursos e as práticas pedagógicas. 2014. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho Rio Claro.
- SOUZA, Sirlene Vieira de; SANTOS, Luzia Oliva Aparecida dos. A prática da leitura de histórias na Educação Infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 2, n. 2, 2011.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- TOLEDO, Renata Ferraz de; JACOBI, Pedro Roberto. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 122, p. 155-173, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/4sulS89>. Acesso em: 5 out. 2024.
- TRAVASSOS, Sônia. **Concepções, funções e práticas de salas de leitura de escolas da rede municipal de ensino da cidade do rio de janeiro**. 2018. 319f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 7. BIBLIOTECA CLARICE LISPECTOR: LUGAR DE AÇÕES EDUCATIVAS²⁴

Fernanda de Oliveira Freitas Cavalcante

Este trabalho tem como objetivo apresentar a pesquisa que teve como lócus a Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifro), Campus Cacoal, que atende a usuários de diferentes níveis de ensino, vinculados à instituição e à comunidade externa em geral. A partir de ações que incentivam a leitura, a Biblioteca tem um papel significativo na vida dos estudantes e professores, beneficiados pelos projetos, sendo o objeto deste estudo as ações educativas decorrentes desse processo. As seguintes questões foram levantadas: De que forma os professores e estudantes são beneficiados pelas ações da Biblioteca? Quais são as possibilidades de ensino e aprendizagem a partir da utilização do acervo da Biblioteca? De que maneira as práticas pedagógicas exercidas pelos bibliotecários favorecem e motivam o incentivo à leitura?

A Constituição Brasileira (1988) garante a todos os cidadãos direitos iguais de ir e vir e de ter acesso à educação, à informação, à saúde, à cultura e ao lazer. No entanto, podem acontecer restrições às pessoas com baixa renda, que não têm condições, na maioria das vezes, de adquirir livros ou de nem mesmo frequentar escolas que possuam bibliotecas adequadas. Essa carência de bibliotecas escolares faz parte da realidade brasileira, pois ainda há o silêncio por parte dos bibliotecários e demais profissionais na área da Educação. A biblioteca tem um papel indispensável na formação do leitor, sendo o incentivo à leitura um trabalho contínuo. As inquietações de profissionais da educação são marcadas por pesquisas e projetos, mas é possível fazer mais, visto que a leitura no país ainda é deficiente nas escolas.

As práticas de incentivo à leitura requerem disposição, aptidão e comprometimento do profissional bibliotecário e de todos que trabalham na biblioteca. É perceptível a necessidade de contribuir na formação do leitor nas bibliotecas do Instituto Federal, dado o propósito desses espaços de fomentar a leitura no ambiente escolar, dar acesso a livros de literatura e contribuir na formação do aluno como cidadão crítico. Sendo assim, a pesquisa teve como objetivo geral analisar as ações educativas da Biblioteca

do Instituto Federal de Rondônia, na perspectiva de afirmá-la como um espaço de reflexão. Optou-se pela pesquisa-ação, tendo como subsídio a intervenção, já que essa metodologia permite que todos os envolvidos reflitam e repensem os meios de explorar as ações educativas exercidas na Biblioteca, a fim de melhor atingir as perspectivas dos estudantes e professores. Como objetivos específicos, a pesquisa buscou: elaborar ações conjuntas – com os bibliotecários, funcionários e usuários da biblioteca – que fossem suficientes para evidenciar as contribuições da biblioteca/leitura para a formação de leitores na vida escolar; pontuar as contribuições do bibliotecário como fomentador da leitura; identificar as motivações dos alunos ao lerem os materiais bibliográficos da biblioteca; implementar ações que divulgassem e motivassem os educandos a conhecerem os materiais bibliográficos (formatos e suportes: revistas, HQs, DVDs, CDs etc.), contribuindo com a formação do leitor no processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, este capítulo está organizado em introdução; percurso metodológico; resultados e discussão; e considerações finais.

Percurso metodológico

Buscou-se analisar, a partir da metodologia da pesquisa qualitativa, as ações educativas que acontecem na Biblioteca Clarice Lispector, do Instituto Federal de Rondônia, Campus Cacoal. Os participantes da pesquisa se constituíram de uma amostragem de estudantes e professores do ensino médio. Os dados foram coletados por meio de questionários aplicados aos professores que aceitaram participar da pesquisa, mediante assinatura em documento de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

A organização da pesquisa partiu de dois grupos focais, sob a perspectiva de Barbour (2009), por ter a capacidade única de fornecer um entendimento de como essas visões se formam. Nos encontros separados desses dois grupos, foi possível a coleta de dados com exatidão, com a cumplicidade dos participantes e o compromisso em compartilhar as suas concepções e reflexões.

O primeiro passo da pesquisa foi a aplicação de um questionário para 23 estudantes e 5 professores, como diagnóstico. Nesse processo, os estudantes e professores deram respostas conforme suas visões e seu conhecimento das ações educativas desenvolvidas na Biblioteca. Relataram, individualmente, que é possível formar

parcerias para cumprir as três vertentes dos IFs: ensino, pesquisa e extensão. Por fim, a intervenção aconteceu por meio da oficina, da explanação a respeito da Biblioteca e da análise de quatro ações educativas.

Resultados e discussão

O questionário utilizado serviu como diagnóstico para extrair as informações pertinentes à problemática do estudo. A realização de oficinas culminou em futuros reajustes das ações educativas na biblioteca multinível, assim como no conhecimento e aprendizado a respeito do funcionamento da biblioteca e os objetivos de sua existência na escola, bem como do papel do profissional bibliotecário.

O critério de escolha dos estudantes (Grupo 1), foi baseado na participação nas atividades da Biblioteca, na utilização do espaço para estudo e na consulta ao acervo. Os professores foram selecionados de acordo com suas demandas expressivas na Biblioteca e no interesse próprio em participar da pesquisa. Justifica-se a participação dos professores por estes serem educadores-chave na construção de saberes, além de motivadores para os demais educadores da instituição. De acordo com Rigoletto e Di Giorgi (2009, p. 219), para trabalhar na biblioteca, um indivíduo, independentemente de ser professor ou outro profissional, deve ser um educador. E é na condição de educador que ele participará do envolvimento dos outros parceiros no trabalho escolar, como um todo, e na biblioteca, especificamente. Um dos instrumentos de coleta de dados da pesquisa foi a entrevista. Rosa (2008, p. 22 apud Romanelli; Biasoli-Alves, 1998, p. 125-126) afirma:

[...] é uma relação didática, que cria uma forma de sociabilidade específica, limitada no tempo, sem continuidade, em que, inicialmente, os parceiros da diáde se defrontam como estranhos, pautados por uma alteridade que aparentemente não admite o encontro e que deve ser superada para que a matéria-prima do conhecimento possa ser produzida durante esse encontro que transforma estranhos em parceiros de uma troca.

Realizada individualmente, a entrevista captou informações mais específicas, que no questionário não foram possíveis. Nesse momento, os professores sentiram-se mais à vontade, com o desejo de contribuir numa pesquisa que, de certa forma, iria auxiliar em suas práticas docentes e, no caso dos estudantes, na vida escolar, diretamente e indiretamente. A análise dos questionários possibilitou a construção do Quadro 1.

Perguntas	Respostas	Análise das respostas
Quais desses tipos de leitura prefere?	2 Área Técnica; 2 Romance e Área Técnica; 2 Romance, Terror e Área Técnica; As demais respostas foram mistas, predominando Romance, Área Técnica, Terror e Histórias em Quadrinhos.	O tipo de leitura, às vezes, tem o poder de influenciar na escolha profissional, além da diversidade dos tipos de leitura colaborar em sala de aula.
Conhece as ações/projetos da biblioteca?	10 estudantes responderam SIM; 13 NÃO. 6 – Feira de Troca de Livros 1 – Projetos Amigo da Biblioteca e o da Feira de Troca de Livros. 1 – Projeto Semana do Livro e da Biblioteca 1 – Projeto Semana do Amor e da Amizade 1 – Ação Procura-se Livro da Biblioteca.	A Feira de Troca de Livros foi a ação mais lembrada pelos estudantes. Porém, a quantidade maior dos que não conhecem as ações da biblioteca é um sinal que estas precisam ser mais divulgadas, conforme palavras dos estudantes.
O que você mudaria na biblioteca?	12 estudantes responderam: mais espaço na Biblioteca e novos livros literários; 2 responderam que não mudaria nada; 8 responderam mais computadores;	A maioria das respostas foi sobre o espaço da Biblioteca, sobre mais livros novos e computadores. Os alunos precisam de maior espaço para estudar e ler, em local que não seja a sala de aula.

1 (um) mais mesas e cadeiras.

Quadro 1. Questões e respostas dos estudantes

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

No Quadro 1, os estudantes responderam sobre as suas preferências quando entram na biblioteca: livros na área técnica, de romance e de terror. Esse ponto se reflete na vida estudantil e pessoal e, às vezes, influencia na escolha profissional. Além disso, a diversidade dos tipos de leitura auxilia o estudante em sala de aula e abre uma visão de mundo, sendo ele o protagonista da própria vida, pois a leitura liberta e permite a autonomia de pensamentos. Essa é a visão de Paulo Freire (2015), que defende a escola que incentiva reflexões e se propõe formar cidadãos críticos capazes de opinar, compartilhar ideias, conhecimentos e relacionamento de aprendizado – professor e estudante.

Por meio desse diagnóstico, pude constatar que os dez estudantes que responderam “Sim”, que conhecem as ações, são parte dos propagadores da Biblioteca. Porém, a Biblioteca ainda precisa divulgar mais suas ações educativas, o que se verifica com base no diagnóstico realizado por meio de questionários: no Grupo 1, 52% afirmam que não conhecem e 48% afirmam que sim.

A exaustiva quantidade de informações que rodeia os adolescentes e jovens não impede que as Bibliotecas utilizem estratégias para chamar a atenção dos seus usuários e mostrar que oferecem além de empréstimos, renovações e devoluções de materiais bibliográficos. Nota-se, também, a importância dessas estratégias e seu significado nas ações da Biblioteca, tornando-a um cenário interativo e dinâmico.

Nesse diagnóstico, é visível a importância de um ter um espaço maior e atrativo, que seja amplo e confortável e tenha mais livros novos. A pesquisa aponta que 56% dos estudantes desejam uma Biblioteca que atenda a suas necessidades de alunos do ensino médio técnico, de período integral.

Os alunos afirmaram que as atividades na Biblioteca contribuíram para o seu desenvolvimento e sua desenvoltura em sala de aula, bem como para a sua motivação nos eventos promovidos pela instituição. Também concordam que a participação nos projetos da Biblioteca é de grande valia para o aprendizado.

O trabalho pedagógico é importante para que a escola alcance os objetivos propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2019), pois é trabalhando em conjunto que professores e bibliotecários planejarão situações de aprendizagem que desafiem e motivem os alunos, acompanhando seus progressos, orientando-os e guiando-os no desenvolvimento de competências informacionais cada vez mais sofisticadas (Campello, 2009; Campello et al., 2008).

A partir do momento em que os funcionários da Biblioteca tenham iniciativas para mostrá-la, por meio de projetos e atividades que podem realizar, conseguirão apagar, gradativamente, a concepção de que ela seja um mero depósito de livros, como mencionado por Roca (2012).

O Grupo 2 foi constituído por cinco professores de áreas distintas – História, Língua Portuguesa, Engenharia Florestal, Artes e Educação Física, com perguntas diferenciadas para saber as concepções de Biblioteca e as ações educativas realizadas. Os cinco professores afirmaram que conhecem algumas ações, o que é um ponto positivo; por outro lado, dois apontaram a dificuldade de participar, por falta de tempo, mas que gostariam muito, citando como exemplo a Feira de Troca de Livros.

Em relação à dinâmica de ministrar aulas, os professores relataram que, às vezes, é difícil se organizar para participar diretamente dos quatro projetos da Biblioteca. Uma forma que eles encontram de contribuir é divulgando-os em sala de aula e incentivando os alunos a irem à Biblioteca, emprestarem livros e se envolverem nas ações educativas.

As reflexões de Rancière (2002) sinalizam ser desejável que o professor, seja ele o mestre embrutecido, o mestre rígido ou o mestre ignorante, desconstrua a distância imaginária existente entre o educador e os educandos. Em suma, o autor pontua que “o segredo do mestre é saber reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a instruir, a distância, também, entre aprender e compreender” (Rancière, 2002, p. 21-22, grifo da autora).

Educadores têm a missão de incentivar os alunos a ser “luz” e crítico, e fazê-los perceber que ler é o caminho para diminuir o desconhecido. Para o docente, especificamente, a missão é mais trabalhosa: aprender ensinando, ensinar a aprender, compreender seus alunos e, além disso, permitir que os alunos o compreendam.

Por meio de estratégias de incentivo à leitura de livros clássicos da literatura, de peças teatrais, gincanas em sala de aula, exposições criativas de obras literárias e exposições de História (lugar, esporte, culinária etc.), os professores podem semear e plantar esses estímulos. Quanto à Oficina realizada com os estudantes, após a análise dos quatro projetos da Biblioteca, surgiram contribuições valiosas:

Grupos dos participantes	Projeto	Sugestões
G 1	Feira de Troca de Livros	Reorganização dos espaços, organizando os livros por assunto: área técnica, romances, terror, clássicos da literatura, gibis. Os participantes sugeriram, após a leitura do Projeto, que a Biblioteca deve divulgar mais a Feira.
G 2	Semana do Amor e da Amizade	Dar mais visibilidade aos livros. Formas de chamar atenção para o livro: criação de um Varal com imagens e sinopses; exposição de trechos do livro; colocação de placas grandes pelo Instituto, como sinalização de pontos turísticos. Exemplo, “faltam 10 metros para você descobrir...”
G 3	Semana do Livro e da Biblioteca	Divulgar mais; confeccionar murais fora da Biblioteca; colocar uma lista dos livros que são mais emprestados; proporcionar mais comodidade para leitura na parte externa da Biblioteca; fazer Mesa-Redonda sobre os melhores livros. Escritores participando da Semana do Livro e da Biblioteca, conversa sobre obras literárias.
G 4	Amigo da Biblioteca	Para eles, a divulgação do Projeto precisa ser mais fomentada nas redes sociais; por líderes das salas de aula; por meio de cartazes. Uma forma de incentivar todos a lerem e serem Amigos da Biblioteca: fazer o Cardápio Literário, que seriam sugestões de leitura semanal. Outra ideia: fazer um ranking dos livros, ou seja, quais os que mais tiveram empréstimos durante o mês. Idealizar um Bate Papo Literário, para discutir os livros lidos ou doados.

Quadro 2. Contribuição dos estudantes para as ações desenvolvidas na Biblioteca

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A oficina realizada com os professores foi direcionada a pontos relevantes para sua prática docente e ao conhecimento dos trabalhos da Biblioteca e sua importância, tais

como: lançar desafios aos alunos para lerem obras literárias e fazerem uma peça teatral (P2, Professora de Língua Portuguesa); incentivar a leitura dos livros técnicos para formação acadêmica com sucesso, em suas aulas teóricas e práticas de campo (P4, Professora de Engenharia Florestal); utilizar livros e DVD em aula (P1, Professor de Artes); conhecer e participar como uma forma de incentivo, ser inspiração para seus alunos para participação das ações da biblioteca (P3, Professora de Educação Física); disponibilizar materiais didáticos diferentes, como o DVD (P5, Professor de História).

Com o término da oficina com os professores, foi-lhes solicitada a colaboração para melhoria das ações educativas realizadas na Biblioteca, bem como sugestões para que todos – estudantes, professores, bibliotecárias e demais profissionais da Biblioteca – pudessem alcançar seus objetivos. Ressaltou-se que a pesquisa se apoia no diálogo e na observação, fundamentais para a construção do diário de bordo, que traz as conexões do problema com as necessidades do grupo pesquisado.

Características dos Participantes	Reflexões e Perspectivas	Descrição das Sugestões
P1 – Professor que trabalha com diversas expressões artísticas	O aluno precisa de um espaço interativo, onde possa ler com mais tranquilidade. A biblioteca é pequena e dificulta que muitos permaneçam nela.	Exposições permanentes no espaço estratégico, parte externa da Biblioteca.
P2 – Professor que incentiva a leitura de obras literárias	A Biblioteca precisa divulgar mais suas ações e buscar mais parcerias com os professores.	Realizar projeto de extensão em hospitais públicos para crianças, contação de histórias e peças teatrais.
P3 – Professor que trabalha com o desenvolvimento físico e intelectual dos estudantes	Os alunos precisam ser mais motivados a frequentar a Biblioteca. O trabalho precisa ser realizado em uma parceria entre professor e bibliotecária.	Competições como gincanas literárias, perguntas e respostas sobre os livros do acervo da Biblioteca, com premiações de livros.
P4 – Professor que apoia uso dos materiais	A Biblioteca é importante e fantástica na vida dos alunos, pois alguns alunos relataram que o Instituto Federal tem	As ações que a Biblioteca realiza são fantásticas, e poderia haver mais edições

bibliográficos para reforçar a teoria e contribuir nas aulas práticas da Área Técnica	uma estrutura boa e que não tinham biblioteca nas escolas onde estudavam. Outros afirmaram que as bibliotecas tinham poucos livros.	dos projetos no ano. Por exemplo, a Feira de Troca de Livros poderia ser mais de uma vez por ano.
P5 – Professor que incentiva a utilização dos livros que contam a História da humanidade	É interessante ter ações educativas na Biblioteca com foco nos estudantes, devido à carência de leitura e interpretação de texto que alguns apresentam em sala de aula.	Mais projetos em conjunto com os professores.

Quadro 3. Contribuição dos professores para as quatro ações desenvolvidas na Biblioteca

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Primeiramente, a abordagem sobre a importância da leitura e da biblioteca e os desafios que os profissionais que trabalham nela encontram. Enfatizou-se, ao final da Oficina “Ações educativas na Biblioteca Clarice Lispector Ifro Campus Cacoal”, a importância da colaboratividade para melhorias.

Quatro grupos foram constituídos por meio de sorteio, para que houvesse imparcialidade na escolha, garantindo espontaneidade e melhores resultados. Com os grupos definidos, iniciou-se a Oficina.

A intervenção foi realizada com grupos de estudantes e professores que utilizam a Biblioteca com frequência e conhecem as ações realizadas nela. A intenção foi contar com professores apaixonados pela leitura, pois quanto maior é o conhecimento do docente sobre literatura, tanto maior será sua capacidade de auxiliar o aluno a descobrir o grande universo da leitura (Fiorini, 2015).

A sociedade, hoje, ocasiona a perda de equilíbrio e discernimento, pela quantidade excessiva de informações. Em meio à profusão de signos, faltam aos sujeitos, quase sempre, instrumentos cognitivos e socioculturais para lidar com o excesso, para dar sentido aos signos e para participar, afirmativamente, como protagonistas dos processos coletivos de construção de conhecimento e cultura (Perrotti; Verdini, 2008).

As atividades de ensino, pesquisa e extensão nos Institutos Federais são acontecimentos marcantes no convívio dos estudantes. Vivemos no momento das informações e de diferentes opções possíveis de aprendizagem (livros digitais,

YouTube, redes sociais etc.). Em muitos casos, os estudantes têm dificuldades em se organizar, em razão da grade curricular cheia (disciplinas básicas e técnicas), do excesso de informações na internet e pela velocidade em que elas surgem.

A Biblioteca Clarice Lispector faz parte do espaço escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifro), no município de Cacoal. O atendimento é realizado por duas bibliotecárias e duas auxiliares de biblioteca, de segunda a sexta. A Biblioteca do Instituto é o campo de estudo da pesquisa, tendo como participantes estudantes do Ensino Médio Técnico Integrado e os professores que utilizam o espaço.

A pesquisa-ação é uma das tipologias do campo científico recomendadas no âmbito das Ciências Humanas, pois reconhece que o problema nasce, num contexto preciso, de um grupo em crise. O pesquisador não o provoca, mas constata-o, e seu papel consiste em ajudar a coletividade a determinar todos os detalhes mais cruciais ligados ao problema, por uma tomada de consciência sobre este por parte dos autores, numa ação coletiva (Barbier, 2002).

Os dados foram coletados e registrados num diário de bordo, como fonte de pesquisa, por meio de duas reuniões realizadas com os professores. Utilizou-se, também, questionários, o que contribuiu para a idealização desta pesquisa.

A primeira reunião teve como foco identificar as perspectivas em relação à Biblioteca, as alternativas que os docentes encontravam na utilização do espaço e suas reflexões, para sugerir formas de tornar a Biblioteca cada vez mais parte do processo de ensino e aprendizagem. A abordagem foi pensada de maneira que todos os reunidos, em uma roda de conversa, pudessem expor suas ideias, deixando-os à vontade, sem prescrição, pois o propósito do procedimento era coletar o máximo de informações pertinentes à pesquisa.

O segundo momento aconteceu para mostrar todo o trabalho da Biblioteca, os bastidores dos Projetos e como localizar de maneira rápida os materiais bibliográficos, o sistema automatizado, as sinalizações das estantes e os armários que guardam DVDs, CDs, cordéis e periódicos impressos. Embora os cinco professores participantes da pesquisa já conhecessem o espaço, foi feita uma visita guiada para eles. A visita foi satisfatória, com as pequenas dúvidas sendo sanadas e o desejo de que a Biblioteca em breve possa ir para seu prédio definitivo externado: espaço maior, mais ideias e oportunidades para que as práticas docentes possam acontecer também dentro da

Biblioteca. Os participantes da pesquisa foram 23 estudantes do ensino Médio Técnico Integrado e cinco professores de áreas diversificadas. Duas categorias foram definidas, tendo os símbolos E1 a E23 para descrição dos dados dos estudantes e P1 a P5 para os professores.

A pesquisa iniciou-se com o diagnóstico, que possibilitou antenar as possíveis mudanças e melhorias nos processos educativos da biblioteca. Após aplicação do questionário – uma das formas de conhecer os participantes e seus anseios, foi realizada a intervenção, com duas oficinas distintas, para contemplar o Grupo 1 (estudantes) e o Grupo 2 (professores).

Considerações finais

Para os resultados, foram selecionados os mais relevantes, que contemplam os objetivos deste estudo. A análise foi realizada a partir da aplicação de questionários, entrevistas individuais e conversa com os dois grupos, para que fossem reiteradas suas observações em relação às práticas da Biblioteca e os benefícios desta na vida dos estudantes e professores.

Práticas pedagógicas com ênfase em Biblioteca estão sendo cada vez mais vivenciadas em escolas e Instituições Federais de ensino pelo país, com o intuito de consolidar uma educação de sucesso, que motive estudantes e professores. Nos tempos atuais, já não se pode mais ignorar a existência da Biblioteca, seus benefícios e sua importância no contexto escolar. Para que haja um funcionamento dinâmico neste setor educacional, faz-se necessária a prática do profissional bibliotecário em ações educativas. Essas ações, na maioria das vezes, são feitas para alcançar a todos que não sentem motivação para ler um livro, entrar numa Biblioteca, interagir com outros que leem ou não, participar de projetos de incentivo à leitura e, por fim, criar o hábito de ler. Para isso, a pesquisa definiu a participação de dois grupos – estudantes e professores, a fim de repensar, de forma colaborativa, melhores estratégias para motivar todos a participarem dos projetos da Biblioteca, bem como tornar as ações educativas já existentes mais expressivas na vida de alunos e docentes.

As práticas pedagógicas, independentemente de quem as executa, têm a missão de envolver o maior número de pessoas da escola, atentando para um mundo de

oportunidades de aprendizagem, dentro e fora da sala de aula e da Biblioteca, pois todos somos eternos aprendizes.

A Biblioteca, segundo a Unesco, dentre tantos objetivos, deve fomentar a leitura e o acesso às informações, contribuindo na formação leitora do cidadão e tornando-o um ser humano capaz de discernir, refletir, ser crítico e ter autonomia em sua atuação na educação, na família etc.

A Biblioteca, na língua portuguesa, é “substantivo”, carregando consigo sinônimos: espaço das letras, universo das letras, cantinho do conhecimento, berço da sabedoria, dentre tantos com que as gerações nomearam esse espaço educativo de relevância, pois as Bibliotecas são marcadas pelas letras, histórias e culturas do mundo. O universo das letras, do qual a Biblioteca faz parte, permite que a humanidade se agracie com conhecimento e cultura; as ações e práticas pedagógicas realizadas nas escolas permitem enriquecer nosso vocabulário, adquirir experiências e aprender, a partir do compartilhamento de informações.

De fato, no decorrer da vida, encontramos diversos indivíduos que contribuem com suas próprias vivências para construção do nosso conhecimento. As memórias das nossas narrativas nos acompanham e as passamos para nossos filhos, familiares e alunos, por meio da oralidade e da escrita, já que é preciso registrar o conhecimento. O texto, a mensagem – e seu escrito – lá estão, no papel ou em variados suportes, antes de se tornarem imagem, gesto, cor, música, som, silêncio. A vida mesma, como organizada em nossas sociedades, não prescinde do escrito.

Quando a Biblioteca tem uma boa estrutura e um amplo acervo, em especial na área literária, desperta-se no aluno o desejo de ler. O profissional bibliotecário, quando faz a divulgação do acervo, cria um espaço aconchegante para a leitura, atraindo o público estudantil.

Uma das percepções dos estudantes de Ensino Médio Técnico Integrado é de que a Biblioteca deve ter livros de sua predileção, para motivar sua permanência. Isso cria a sensação de que ela é um lugar interessante, pois têm livros que chamam a atenção.

A realidade nas bibliotecas é, cada vez mais, a procura por assuntos específicos, encontrados nos livros de não ficção (Kuhlthau, 2009). Se o livro e a atividade desenvolvida pelo professor e/ou bibliotecário forem atrativos, os alunos se sentem motivados a ler outros livros, diversificando seus gostos.

É preciso ter os canais de percepção livres para identificar matizes, nuances, cores, sons e fragrâncias: assim, quem sabe, a Educação nas Bibliotecas possa ser, também, uma poesia encontrada além da sala de aula. Deve-se permitir que a autonomia seja o ápice do conhecimento, pois nossos jovens precisam se apropriar de todos os espaços educativos da Instituição de Ensino.

Pelas experiências de vida de Heloísa Seixas, na obra *O prazer de ler*, nota-se que no teatro, no cinema e nas artes plásticas há a possibilidade de viajarmos, mas é a literatura que nos permite ser mais do que meros espectadores. A leitura de um livro faz que sejamos cúmplices, coautores e tenhamos a chance de criar, em nossa imaginação, aquilo que o autor tenta nos transmitir com palavras. O livro nos fala, nos sacode e nos faz reagir e lutar por condições melhores na escola, por mais bibliotecas.

É preciso que a leitura seja um ato de amor, conforme defende Paulo Freire, integrando o nosso ontem, hoje e futuro. É necessária uma educação de qualidade, que proporcione autonomia a crianças e adolescentes. Deve-se resgatar o encanto da palavra, proporcionar a cultura, dar suporte aos estudantes e colaborar nas ações educativas: este é o nosso papel nas Instituições de Ensino. A biblioteca deve oferecer apoio ao currículo escolar, inspiração para a imaginação – o viver diferentes histórias nos livros –, interatividade além da sala de aula e a melhor parte: a autonomia na escola e na vida.

Importante, também, é se permitir aprender com os outros, reavaliar práticas profissionais que, às vezes, são feitas “no automático”. As reflexões e perspectivas de pessoas que estão dispostas a contribuir levam a pensar em diversas possibilidades de aprendizagem e a crer no poder da Educação e da Cultura, pois proporcionam um olhar diferente, de que todos são capazes de opinar e melhorar, para o bem de todos.

A educação propicia conhecimento, o que se evidencia pelos professores em sala de aula, mas também é por meio da Biblioteca que o estudante, ao abrir livros e ao acessar sites de busca e biblioteca digital, enxerga o mundo de maneira diferente, consegue assimilar conceitos e percebe o poder da educação, da leitura, da cultura no seu convívio social, e conseqüentemente em sua vida.

Referências

- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.
- BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Tradução de Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC; SEB; 2019. Disponível em: <https://bit.ly/49aHmzs>. Acesso em: 15 jun. 2019.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **A biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FIORINI, Fernanda Balestrerri. **As contribuições da biblioteca escolar para a promoção da leitura e da cidadania**. 2015. 135f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**: saberes necessários à prática educativa. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.
- KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. São Paulo: Autêntica, 2009.
- MOUTINHO, Sônia Oliveira Matos; LUSTOSA, Ianna Torres. As bibliotecas dos Institutos Federais frente às novas demandas gerenciais e informacionais causadas pela Lei n. 11.892/2008. *In*: FÓRUM NACIONAL DOS BIBLIOTECÁRIOS DOS INSTITUTOS FEDERAIS, 6., 2010, Petrolina. **Anais [...]**. Petrolina: IF Sertão Pernambuco, 2010.
- PERROTTI, Edmir; VERDINI, Antonia S. Estações do conhecimento: espaços e saberes informacionais. *In*: ROMÃO, Lucília Maria S. (org.). **Sentidos da biblioteca escolar**. São Carlos: Alfabeta, 2008, p. 13-40.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- RIGOLETO, Ana Paula; DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini. Outros parceiros na biblioteca escolar: democratização e incentivo à leitura. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 219-237.

- ROCA, Glòria Durban. **Biblioteca escolar hoje**: recurso estratégico para a escola. Tradução de Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Penso, 2012.
- ROMANELLI, Geraldo; BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes (orgs.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa** – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998.

CAPÍTULO 8. DESENVOLVIMENTO DA VISÃO ESPACIAL PARA ESTUDANTES DO CURSO DE EDIFICAÇÕES DO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA

Monnike Yasmin Rodrigues do Vale

A disciplina Desenho Técnico constitui-se em uma das peças fundamentais na formação de estudantes do Curso Técnico em Edificações, uma vez que os conhecimentos, as habilidades e os conteúdos trabalhados na disciplina estarão, futuramente, presentes em sua prática profissional. Entretanto, há uma desvalorização do ensino de disciplinas de desenho na educação básica, o que contribui para a reprodução de índices altos de reprovação nessa disciplina, quando cursada posteriormente. A desvalorização e a ausência de tais disciplinas nessa etapa de ensino acarreta prejuízos para o desenvolvimento e aprimoramento das habilidades motoras, perceptivas e tridimensionais (Costa, 2017).

A literatura acadêmica na área aponta que os estudantes que ingressam nos cursos de formação técnica expressam essas dificuldades de representação gráfica e de desenvolvimento da visão espacial (Oliveira, 2016). Tendo em vista o caráter central da disciplina Desenho Técnico na formação do profissional e um contexto no qual os estudantes, de forma geral, não trazem essas habilidades desenvolvidas após o ensino fundamental, a pesquisa desenvolvida, aqui apresentada na forma de artigo, dedicou-se, especificamente, a verificar as contribuições da prática educativa aplicada no desenvolvimento da visão espacial de estudantes do Curso Técnico em Edificações do Instituto Federal de Rondônia, Campus Porto Velho Calama.

Os objetivos específicos, a partir da determinação do objetivo central da pesquisa, foram definidos para construção de um diagnóstico acerca dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre a importância da visão espacial na atuação profissional; para proposição de atividades didáticas planejadas; para avaliação do processo de aprendizagem por etapas; para levantamento, por meio de relatos escritos e grupos de discussão, da perspectiva dos(as) participantes da pesquisa com relação aos

procedimentos metodológicos utilizados; para estruturação de um Caderno Didático, que serviu como registro dos procedimentos metodológicos e como divulgação dos resultados.

O campo da pesquisa foi o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Campus Porto Velho Calama, uma instituição de ensino pluricurricular e multicampi, destinada a oferecer Educação Profissional e Tecnológica (EPT) em todos os níveis e modalidades da Educação Nacional. A instituição também oferece cursos de licenciatura, bacharelado e pós-graduação *stricto sensu*. Exige-se, por lei, que os institutos ofertem o mínimo de 50% de suas vagas para os cursos técnicos de Nível Médio, de preferência na forma integrada. Há um amplo número de Cursos Técnicos no Brasil, sendo ofertados por mais de 600 campi de Institutos Federais, em todos os estados brasileiros.

O Campus Porto Velho Calama inaugurou suas atividades no ano de 2010, no Centro de Educação Tecnológica e de Negócios de Rondônia, atual Ifro Campus Porto Velho Zona Norte. Em 2016, a sede do campus foi inaugurada na Avenida Calama. A estrutura física do campus é composta por: um bloco administrativo de dois pavimentos, onde se localizam as salas administrativas, de professores, de estudos, um auditório, um miniauditório, um centro de idiomas e uma biblioteca; outro bloco de dois pavimentos, onde estão localizadas as salas de aulas e os laboratórios de informática; outro bloco de dois pavimentos, destinados aos laboratórios de Construção Civil, Elétrica e Química; e, por fim, por um refeitório e um centro poliesportivo. O campus conta com um quadro de 209 profissionais – dentre estes 136 docentes e 73 técnicos administrativos – e com mais de 1500 alunos matriculados. Atualmente, o campus disponibiliza Educação Profissional de Nível Técnico, Cursos de Graduação e Pós-graduação, visando contribuir para o desenvolvimento local.

Participaram da pesquisa 20 alunos (13 meninas e sete meninos) do Curso Técnico em Edificações, 13 estudantes matriculados no 2º ano e sete matriculados no 3º ano, cujas idades variaram entre 16 e 18 anos. Vale destacar que não houve nenhuma desistência durante a intervenção. Em termos metodológicos, a pesquisa se desenvolveu por métodos qualitativos, fundamentando-se nos termos da pesquisa-ação, que se caracteriza por articular a colaboração coletiva dos participantes para o aperfeiçoamento e a construção do resultado do estudo realizado (Thiollent, 2011).

Este tipo de pesquisa demanda, inerentemente, a realização de um trabalho com grupos, reunindo os atores envolvidos na pesquisa e estimulando sua participação ativa no desenvolvimento da análise (Thiollent, 2011).

Desta forma, as estratégias utilizadas para a coleta de dados se deram por meio das observações, durante os encontros realizados na pesquisa, de dois grupos de discussão, nos quais os estudantes puderam expor suas percepções sobre o desenvolvimento da sequência didática realizada no decorrer do projeto e por meio da aplicação de um questionário discursivo, respondido pelos estudantes, sendo preservado o anonimato.

A Psicologia Histórico-Cultural: contribuições para o ensino

O planejamento e o desenvolvimento dos encontros foram embasados, fundamentalmente, pelas contribuições da Teoria Histórico-Cultural, proposta por Vygotsky, e nos estudos que com ela dialogam. Essa teoria coloca em evidência a centralidade dos aspectos culturais, sociais e históricos no desenvolvimento intelectual dos indivíduos, e como a interação entre o indivíduo e o ambiente ao seu redor proporciona a aquisição do conhecimento. Assim, a interação com os meios materiais, sociais e culturais se transforma conforme os avanços tecnológicos e da ciência, modificando, por sua vez, a própria natureza humana e a forma como as pessoas interagem entre si; por isso, faz-se necessário saber manusear os novos instrumentos e recursos disponíveis (Santos; Cardoso; Oliveira, 2017). Neste sentido,

ao interagir com esses conhecimentos, o ser humano se transforma: aprender a ler e a escrever, obter o domínio de formas complexas de cálculos, construir significados a partir das informações descontextualizadas, ampliar seus conhecimentos, lidar com conceitos científicos hierarquicamente relacionados, são atividades extremamente importantes e complexas, que possibilitam novas formas de pensamento, de inserção e atuação em seu meio. [...] Como consequência, na medida em que a criança expande seus conhecimentos, modifica sua relação cognitiva com o mundo (Rego, 1995, p. 104).

A Teoria Histórico-Cultural tem como objetivo caracterizar os elementos específicos do comportamento humano e construir hipóteses acerca da formação desses elementos no tempo e na história humana, bem como seu desenvolvimento ao longo da vida do indivíduo (Vygotsky, 1991). Esse desenvolvimento se dá justamente por meio das relações interpessoais, que possibilitam a aquisição do conhecimento pelos indivíduos, seja por meio da interação entre pessoas ou da interação com os objetos

materiais do mundo ao redor. Há, portanto, uma vinculação cultural à natureza do processo de aprendizagem, que acontece tendo como ponto de partida as relações sociais do grupo no qual se está inserido, as crenças, os hábitos, os valores e o momento histórico em questão, ou seja, há uma variação desses elementos ao longo do tempo.

No Brasil, os primeiros estudos a utilizarem a abordagem da Teoria Histórico-Cultural se deram no final da década de 1970, principalmente por parte de professores que cursaram pós-graduação no exterior. Na década seguinte, houve um aumento da dimensão desses estudos dentro das universidades, quando foram registrados os primeiros grupos de estudo que se dedicavam a estudar essa abordagem teórica. Nos anos 1990, houve uma disseminação do tema, com a publicação de livros, artigos, dissertações e teses. Atualmente, há uma produção crescente sobre esse referencial teórico no contexto acadêmico brasileiro (Mainardes; Pino, 2000).

No que se refere ao objetivo da pesquisa, que foi verificar as contribuições da prática educativa aplicada no desenvolvimento da visão espacial de estudantes do Curso Técnico em Edificações, a teoria de Vygotsky trouxe uma importante contribuição, uma vez que se alinha aos trabalhos que se dedicam a estudar as alternativas para melhorias no processo de ensino e aprendizagem (Marengão, 2011). A teoria se fundamenta em quatro elementos centrais: a mediação, a internalização do conhecimento, a zona de desenvolvimento proximal e a formação de conceitos.

A mediação se refere à fase do desenvolvimento das ideias, com foco em proporcionar estímulos e signos que possibilitem ao indivíduo alterar suas atividades psíquicas, e oportuniza o processo de intervenção com o mundo ao redor (Marengão, 2011). Em termos escolares, a teoria evidencia a importância da mediação na relação professor e estudante (Marques, 2016), diante de um processo de escolarização em uma sociedade complexa. Essa mediação, quando malconduzida, pode levar à exclusão e ao abandono escolar, acarretando prejuízos educacionais desastrosos, tanto sociais quanto individuais (Rego, 1995). A escolarização, para além de ensinar os conteúdos curriculares, também contribui para a presença de diferentes visões de mundo dentro do ambiente escolar, contextos familiares, trajetórias pessoais, comportamentos e acúmulos de experiência por parte de todos os atores envolvidos nesse espaço, bem

como diferentes ritmos de aprendizagem (Rego, 1995). Conforme argumenta Oliveira (1997, p. 61):

A concepção de Vygotsky sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizado, e particularmente sobre a zona de desenvolvimento proximal, estabelece forte ligação entre o processo de desenvolvimento e a relação do indivíduo com seu ambiente sociocultural e com sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie. É na zona de desenvolvimento proximal que a interferência de outros indivíduos é mais transformadora. Processos já consolidados por um lado, não necessitam da ação externa.

Desta forma, ainda que não seja uma tarefa exclusiva do professor, este deve se encarregar de realizar a intervenção nas zonas de desenvolvimento proximal dos estudantes, não só realizando apresentações e expondo explicações e justificativas, mas também gerando possibilidades para que os estudantes reflitam e troquem informações sobre o problema em questão (Rego, 1995). Essa condução do aprendizado, que busca dar relevância ao aluno no processo, mais que trazer a resolução pronta dos problemas, possibilita que o ponto de partida para o processo de ensino e aprendizagem seja o nível de desenvolvimento real do estudante (Oliveira, 1997).

Na zona de desenvolvimento proximal, em que se desenvolvem conceitos científicos em um nível superior, exigindo maior capacidade de abstração, organizam-se as generalizações, os conceitos aprendidos ao longo da vida, que podem ser potencializados pelo ambiente ao redor (Marques, 2016). O nível de desenvolvimento potencial possibilita a compreensão acerca das funções de desenvolvimento que estão em vias de se completar. Esse conceito é útil para mostrar o modo como a criança organiza a informação e para investigar como o pensamento dela opera. É necessário compreender o que as crianças são capazes de realizar com e sem a ajuda externa, para que se possa fazer o planejamento de situações de ensino de forma satisfatória e avaliar os progressos individuais (Santos; Cardoso; Oliveira, 2017).

As intervenções realizadas na escola são importantes para o avanço de processos determinantes no desenvolvimento intelectual dos alunos, tendo como base a apresentação dos conteúdos escolares e conceitos científicos (Schroeder, 2016). A principal função da escola está na socialização do saber historicamente produzido nas diferentes áreas do conhecimento científico (Sforni, 2015). O planejamento é um instrumento fundamental para promover um processo de ensino e aprendizagem de

qualidade, e para um planejamento apropriado, é necessário conhecer os estudantes, compreender como se manifesta o acúmulo de conhecimento em cada um deles e o nível de desenvolvimento atual (Sforni, 2015).

Metodologia da pesquisa

Para desenvolver os objetivos do estudo, foi adotada a pesquisa qualitativa para, justamente, dar voz ao sujeito da análise, colocando-o como protagonista nesse processo (Vila Nova; Santos, 2013). A pesquisa qualitativa tem como característica central a escolha dos métodos adequados para coleta de dados e das teorias convenientes para análise e embasamento teórico dos resultados; o reconhecimento e a consideração das diferentes perspectivas acerca do objeto de estudo; e as reflexões em grupo sobre a própria produção da pesquisa, como parte integrante do processo de construção e produção do conhecimento (Flick, 2009).

Utilizou-se a pesquisa-ação, que tem como objetivo, de forma geral, esclarecer problemas sociais e técnicos considerados relevantes cientificamente, por meio de grupos que contemplem a participação de pesquisadores e pesquisados, partes integrantes da situação-problema. Nessa metodologia é possível, ainda, a inclusão de outros atores no processo, que possam vir a contribuir na resolução da situação, ou de forma a minimizar os impactos do problema (Thiollent, 2011). É uma pesquisa, portanto, que requer a colaboração dos seus integrantes, sendo a participação coletiva inerente à sua realização, dependendo dela para seu sucesso. Consiste em um conjunto de procedimentos para articular conhecimento e ação: por um lado, por meio da formulação de conceitos, da coleta de dados e informações sobre determinada situação; por outro, exigindo a ação, o aprendizado, a transformação e a busca pela melhoria de determinado contexto. Para isso, deve-se ir além de uma simples coleta de dados: é necessária a realização de um trabalho com grupos, reunindo os atores envolvidos na pesquisa (Thiollent, 2011). Participaram da pesquisa 20 estudantes do Curso Técnico em Edificações do Ifro, Campus Porto Velho Calama, sendo 13 estudantes do sexo feminino e sete do sexo masculino. Os estudantes se encontravam matriculados no 2º e no 3º ano do ensino médio, com idades que variavam entre 16 e 18 anos. Nenhum dos estudantes que iniciou a participação da pesquisa desistiu ao longo do desenvolvimento desta. Em acordo, pois, com os princípios da pesquisa-ação, os estudantes participaram

ativamente da pesquisa, auxiliando no desenvolvimento de suas etapas, apresentando sugestões e discutindo sobre o aperfeiçoamento da proposta inicial relatada. Para isso, recorreu-se à organização e à apresentação de um Caderno Didático, que auxiliará professores no planejamento do ensino para o desenvolvimento da visão espacial, com o objetivo de contribuir na qualidade da formação profissional de outros estudantes.

Para a coleta de dados, foram realizados os seguintes procedimentos: realização de dois grupos de discussão; aplicação de um questionário, no qual os estudantes puderam responder anonimamente às questões discursivas; e coleta de informações por meio de um caderno de campo, para possibilitar a elaboração de um diagnóstico acerca dos conhecimentos dos estudantes com relação à visão espacial e aos conceitos básicos da disciplina de Desenho Técnico. Com relação a este último elemento, considerou-se como conceitos e elementos básicos/fundamentais a criação de objetos a partir de blocos geométricos; o conhecimento da relação entre a visão espacial e a área de atuação profissional; o domínio da técnica necessária para a realização de um desenho em perspectiva, por meio da utilização de programas de computador; e o domínio dos conhecimentos e das técnicas necessárias para o desenvolvimento de desenhos em perspectiva a partir de projeções ortogonais, manualmente.

Os encontros, nos quais foram coletadas informações para a realização de um diagnóstico com relação a apropriação do conhecimento por parte dos estudantes sobre os elementos/conteúdos citados, aconteceram no período vespertino, de forma síncrona, por meio da plataforma Google Meet. Além desses encontros síncronos, a professora também se disponibilizou para atendimentos individualizados, como forma de auxiliar no desenvolvimento das atividades propostas. As contribuições desses dados foram exploradas categoricamente, de forma a sistematizar as informações e o conhecimento produzido.

Por fim, foi possível observar, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, que os estudantes do 2º ano, em alguns momentos, não se sentiam completamente à vontade para se expressar diante dos estudantes do 3º ano. Dessa forma, com o objetivo de contribuir para um resultado mais fidedigno, optou-se por separar os grupos de discussão em duas etapas: a primeira com estudantes do 2º ano e a segunda com estudantes do 3º ano.

A intervenção no Curso Técnico em Edificações

No sentido de contribuir para o desenvolvimento da visão espacial dos estudantes que participaram da pesquisa, realizou-se uma intervenção, com seis encontros entre fevereiro e março de 2021. Nesses encontros, foram observadas as falas que pudessem contribuir para diagnosticar os conhecimentos dos estudantes com relação à visão espacial e para solução da atividade diagnóstica. Esta última foi realizada no primeiro encontro do projeto, tendo como objetivo conhecer os integrantes da pesquisa e identificar aquilo que eles já sabiam acerca do conteúdo. Para este fim, foi aplicado um questionário com quinze perguntas, de caráter técnico e de cunho pessoal, articulando, portanto, a apropriação de conhecimento por parte dos estudantes e conhecendo mais sobre suas trajetórias e realidades, fundamentais a serem consideradas no planejamento e na condução do processo de ensino e aprendizagem, conforme sustenta a Teoria Histórico-Cultural.

O questionário foi disponibilizado por meio do aplicativo Google Forms,²⁵ para que os estudantes o respondessem. Estes foram orientados a dar respostas de forma individual e sem consulta, uma vez que, conforme lhes foi orientado, o objetivo do questionário era coletar informações que refletissem ao máximo possível as experiências e os conhecimentos individuais de cada participante; os conteúdos de que eles se recordavam; suas percepções acerca da profissão de técnico em edificações e sobre conteúdos técnicos de Desenho Técnico e visão espacial, especificamente.

A análise das respostas obtidas mostrou que os estudantes se recordavam do conteúdo de perspectiva (desenhos em três dimensões), mas não tinham desenvoltura para realizar o desenho proposto. Também foi possível evidenciar, por meio dos questionários aplicados, que os discentes se lembravam vagamente do conteúdo estudado na disciplina de Desenho Técnico. Com relação às atribuições relacionadas à profissão, foi possível concluir que os estudantes apresentavam dúvidas sobre as competências técnicas e designações legais, por exemplo. Observou-se, também, que eles tiveram dificuldades em relacionar a visão espacial com atividades do cotidiano. Também houve dificuldades para definir o conceito de escala e articular a aplicação de escalas na prática profissional. Foram observadas dificuldades, ainda, com relação aos conteúdos sobre cotas do desenho, proporção e projeções ortogonais.

Os outros encontros previstos contemplaram uma apresentação dos conteúdos de Desenho Técnico e do Kit Didático, disponibilizado aos estudantes antes do início da pesquisa; o aprofundamento acerca das atribuições profissionais; e, por fim, a prática de uso do aplicativo SketchUp,²⁶ com o objetivo de desenvolver um desenho em perspectiva.

Ao final, foram organizados dois grupos de discussão com os discentes, a fim de coletar informações sobre suas percepções sobre o desenvolvimento da disciplina, o planejamento das atividades e a forma como foram promovidos o ensino e a aprendizagem ao longo da pesquisa. Também foi aplicado um questionário, que contribuiu para a coleta das percepções dos estudantes. Os resultados serão expostos a seguir.

Dificuldades no processo de aprendizagem

As dificuldades expressas pelos discentes, que foram enfrentadas ao longo dos encontros, referiram-se a diferentes elementos. Inicialmente, contatou-se, nos relatos, que houve dificuldades justamente em um dos aspectos centrais da pesquisa – o desenvolvimento da visão espacial. Nesse ponto, foram expressas também dificuldades acerca da visualização da perspectiva, ou para exercitar a visão em perspectiva, nos termos dos estudantes. Outras dificuldades relatadas pelos estudantes deram-se com relação às projeções ortogonais, ao alinhamento dos esquadros e à montagem do material.

Foi possível identificar que um número significativo de alunos apresentou dificuldades no desenvolvimento da visão espacial, o que reforçou a necessidade de desenvolver essa habilidade de forma adequada, contemplando cada estudante em sua individualidade.

Outro ponto recorrente apresentado pelos discentes como um aspecto que dificultou o processo de ensino aprendizagem foi o contexto da pandemia, que modificou toda a dinâmica educacional com a implantação do ensino remoto, por meio de tecnologias digitais. Os estudantes relataram que o fato de as atividades não terem ocorrido de forma presencial foi ruim, tendo sido necessárias diversas adaptações, que, inclusive, inviabilizaram o uso do equipamento profissional disponibilizado pelo Instituto para a realização do projeto, como a prancheta própria para desenho. A prancheta é um

recurso importante em função de sua inclinação, que permite uma perspectiva da projeção particular, diferente da perspectiva observada em uma mesa plana. No geral, esse foi um dos pontos mais citados, reforçando o entendimento de que houve um forte impacto no processo de ensino e aprendizagem decorrente da suspensão das atividades presenciais, e que a alternativa colocada em prática, do ensino remoto, possui limitações que precisam ser tratadas com a devida atenção.

Por meio dos grupos de discussão, foi possível observar, ainda, que houve dificuldades relacionadas a maior ou menor aptidão técnica, isto é, quanto à realização prática do desenho, ligada à capacidade motora, o que demanda habilidades específicas, particulares. Neste sentido, houve estudantes que manifestaram dificuldades na realização do desenho e outros que indicaram já gostar e ter o hábito de desenhar, e, portanto, não enfrentaram dificuldades nessa atividade. Essas diferentes falas evidenciam a heterogeneidade da formação de cada discente, que traz consigo suas bagagens, suas trajetórias individuais, suas identidades. Isso reforça que cada indivíduo possui particularidades e experiências próprias, ligadas ao contexto social no qual está inserido (Rego, 1995), e que dentro das escolas as turmas são sempre heterogêneas. Apesar das semelhanças apresentadas entre os estudantes de uma forma geral, cada um deles possui singularidades (Sforni, 2015).

Por fim, foi possível evidenciar, ao longo da pesquisa, a diversidade de trajetórias e experiências que os alunos experimentam. Apesar dos relatos acerca dos diferentes desafios vivenciados ao longo do projeto, houve ainda aqueles alunos que afirmaram não ter enfrentado dificuldade alguma nesse processo, ou que, no máximo, superaram-nas rapidamente.

Aspectos positivos no processo de aprendizagem

Um dos elementos apontados pelos alunos integrantes da pesquisa como positivo no processo de aprendizagem foi o caráter desafiador das atividades propostas. Estas foram planejadas de forma que os estudantes participassem efetivamente durante as aulas. Para além de repetir uma sequência pronta de ações, a professora buscou elaborar situações-problemas que exigissem ações mentais, reflexão e interação, não apenas repetição de exercícios. A própria complexidade dessas atividades foi avaliada, portanto, como um aspecto favorável para a aprendizagem. Os relatos dos

discentes indicaram que houve um resultado benéfico com relação à metodologia utilizada na condução do processo de ensino e aprendizagem.

Outro elemento apontado como positivo, nesse processo, referiu-se à possibilidade de relembrar os conteúdos trabalhados em disciplinas anteriores, que já estavam esquecidos. A dinâmica das aulas também foi avaliada positivamente pelos estudantes, que destacaram a importância da comunicação durante as aulas como um fator propício ao aprendizado do conteúdo. A comunicação individual personalizada – isto é, o atendimento individualizado – também teve avaliação favorável.

O SketchUp foi citado como uma atividade significativamente benéfica para o processo de ensino-aprendizagem e para o desenvolvimento da visão espacial. Esse software gratuito é simples, prático e constitui um instrumento importante para o professor desenvolver o ensino sobre diferentes representações e projetos. A atividade que envolvia a prática das projeções ortogonais também se mostrou positiva para a aprendizagem, na perspectiva dos próprios alunos, que afirmaram a contribuição efetiva dessa tarefa para o desenvolvimento da visão espacial. A utilização dos blocos geométricos, material disponibilizado no Kit Didático, foi indicado pelos estudantes outro aspecto favorável para o ensino e a aprendizagem do conteúdo da disciplina.

Apontou-se como aspectos positivos, ainda, gravar vídeos explicando como fazer, apresentar as fotos, ajudar a gente no WhatsApp e a interação durante as aulas no privado, pelo WhatsApp, nos termos dos próprios discentes. A professora, seguindo os preceitos da Teoria Histórico-Cultural e da pesquisa-ação, realizou, continuamente, uma busca ativa ao longo dos encontros, convidando os alunos nominalmente para participação. Essa postura foi retratada como efetiva para a dinâmica e a comunicação durante as aulas.

Percepção das atividades realizadas e a prática profissional

Uma das fragilidades evidenciadas por meio da avaliação diagnóstica, realizada no primeiro encontro, deu-se com relação às percepções dos estudantes acerca das atividades desenvolvidas na prática profissional, isto é, das competências e atribuições profissionais do Técnico em Edificações. Dessa forma, trabalhou-se esta questão de forma aprofundada em um dos encontros, uma vez que já havia sido observado pouco domínio sobre o tema por parte dos alunos. A avaliação final, isto é, as percepções dos

discentes expressas nos grupos de discussão e nos relatos escritos, após concluídas as atividades, indicaram que o planejamento didático colocado em prática possibilitou o reconhecimento das atividades desenvolvidas, ao longo do projeto, como diretamente ligadas à futura prática profissional. Nesse aspecto, nenhum aluno se manifestou contrariamente.

Os discentes também apontaram que o projeto foi essencial para o seu futuro profissional, e que as novas oportunidades apresentadas ao longo dos encontros, relacionadas à área da atuação, trouxeram um estímulo a mais. Esse relato pode ser observado também com relação ao desenvolvimento da visão espacial, reafirmando a efetivação do desenvolvimento dessa perspectiva/capacidade. O uso do aplicativo também foi ressaltado, pelos alunos, como um importante instrumento associado à prática profissional, fundamental de ser utilizada não só no processo de formação dos estudantes, mas, também, no planejamento das atividades.

Essa ênfase, durante as atividades e os encontros, dada nos elementos associados à realidade profissional futura, é fundamental para prender a atenção do aluno e, dessa forma, garantir maior efetividade no processo de ensino e aprendizagem. Conforme a Teoria Histórico-Cultural, um dos elementos centrais no processo de aprendizagem é o mundo ao redor e o vínculo das informações com a realidade prática do contexto no qual se está inserido.

Considerações finais

Este trabalho se refere, conforme exposto inicialmente, a uma pesquisa realizada em nível de mestrado, e busca trazer uma síntese dos principais debates e resultados observados. A pesquisa teve como objetivo verificar as contribuições da prática educativa aplicada no desenvolvimento da visão espacial de estudantes do Curso Técnico em Edificações, do Instituto Federal de Rondônia, Campus Porto Velho Calama. O estudo foi de cunho qualitativo, utilizando a pesquisa-ação, que se mostrou apropriada para levantamento e coleta de dados dentro do objetivo proposto, uma vez que contempla todos os integrantes da pesquisa como parte do processo de construção do conhecimento que está sendo desenvolvido no trabalho.

Foram realizados seis encontros com alunos do 2º e 3º ano que participaram da pesquisa. Tendo como princípio o entendimento de que os estudantes trazem consigo

diferentes trajetórias pessoais, identidades, diferentes níveis de acúmulo sobre os diversos conteúdos escolares e a vida em geral, foi realizado, logo no primeiro encontro, uma avaliação diagnóstica. Essa avaliação teve como objetivo verificar a apropriação do conhecimento relativo e necessário aos estudos de Desenho Técnico, além de questões de cunho pessoal, para conhecer melhor a realidade de cada discente. Em posse dos resultados dessa avaliação, foi possível elaborar um planejamento para as atividades do projeto, levando em consideração as fragilidades evidenciadas. Essas fragilidades se deram com relação aos principais pontos do projeto: o desenvolvimento da visão espacial e o conhecimento sobre as atribuições da prática profissional do Técnico em Edificações. Sendo assim, esses conteúdos foram tratados com atenção especial, para que a aprendizagem pudesse acontecer de forma efetiva.

Ao final dos encontros, foram realizados dois grupos de discussão e foi aplicado um questionário, que pôde ser respondido anonimamente para coletar informações sobre as percepções dos estudantes acerca do projeto, os pontos positivos, as limitações e as dificuldades encontradas. Os resultados apontaram, por exemplo, que as restrições impostas pela pandemia impactaram no processo de ensino e aprendizagem e ocasionaram a impossibilidade de utilizar os equipamentos do Instituto, como a prancheta, própria para Desenho Técnico. Outra dificuldade foi identificada com relação a alunos que não possuíam desenvoltura técnica na prática do desenho em si, o que reforça o debate inicial do capítulo, sobre a necessidade de que a prática do desenho seja estimulada também ao longo do ensino fundamental.

Foi possível, ainda, evidenciar que alguns estudantes já possuíam essa habilidade/capacidade e expressaram não ter enfrentado dificuldades, mas que, na verdade, poder praticar mais o desenho serviu de estímulo. Diante dessas diferentes vivências expressas nas falas dos discentes, reforça-se o caráter heterogêneo da turma e a necessidade de que o professor se atente para as particularidades e individualidades. O atendimento individualizado se mostrou uma importante estratégia para atingir discentes que não se sentiam à vontade para falar nos encontros, e também para manter os alunos estimulados a fazer as atividades propostas, uma vez que eles viam na professora um envolvimento recíproco com o projeto.

Os estudantes apontaram que o aspecto positivo da prática realizada foi o caráter desafiador das atividades propostas durante a pesquisa. Essas atividades buscaram

estimular a participação efetiva dos discentes durante as aulas, a partir da elaboração de situações-problemas. A oportunidade de estudar conteúdos que haviam sido esquecidos também é um ponto positivo na sequência didática elaborada, e a comunicação e a interação proporcionadas nos encontros se mostraram favoráveis para a aprendizagem. É fundamental que o docente conduza as aulas buscando interagir com os alunos, convidando-os a resolver algum problema em conjunto e trazendo situações do dia a dia ou relacionadas à prática profissional. Essas estratégias se mostraram efetivas para prender a atenção dos estudantes e motivá-los a participar das atividades.

Outro ponto que foi expresso de forma positiva pelos discentes foi a oportunidade de utilizar o SketchUp, para a criação de modelos tridimensionais. A utilização do programa, além de contribuir para o desenvolvimento da visão espacial nos alunos, também possibilita ao formando ter maior noção acerca da utilização desses programas, que ocorre recorrentemente na prática profissional. O software também se mostrou eficaz para prender a atenção e estimular os estudantes a participarem ativamente no processo de ensino e aprendizagem.

Por fim, uma das fragilidades observadas inicialmente, por meio da avaliação diagnóstica, deu-se com relação à compreensão acerca das competências e dos encargos da prática profissional do técnico em edificações. Para tratar dessa questão, foi preparado um encontro para discutir exclusivamente o tema, com maior profundidade. Ao final do projeto, os resultados, observados por meio dos grupos de discussão e dos relatos escritos, apontaram que os discentes conseguiram se apropriar dos conhecimentos de maneira efetiva, uma vez que nenhum deles se manifestou de maneira contrária. Considera-se, portanto, que a sequência didática aplicada para o desenvolvimento da visão espacial se mostrou eficiente para atingir esse objetivo. O método da pesquisa-ação também teve uma importante contribuição, ao incluir os alunos como parte integrante da pesquisa e possibilitando que eles pudessem fazer parte do processo de construção do trabalho, em especial expondo suas percepções sobre o planejamento das atividades, ou, ainda, das atividades na forma como foram planejadas.

Referências

- COSTA, Jefferson dos Santos. **Modelagem geométrica como mediadora da construção do conhecimento em desenho técnico no curso de edificações do IFBA, Campus Salvador**. 2017. 156f. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana. Disponível em: <https://bit.ly/4psbeMr>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Armazém Digital Editoração Eletrônica, 2009.
- MAINARDES, Jefferson; PINO, Angel. Produções brasileiras na perspectiva vygotskyana. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 255-269, jul. 2000.
- MARENGÃO, Luiz Angelo. **O ensino de física no ensino médio**: descrevendo um experimento didático na perspectiva histórico-cultural. 2011. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.
- MARQUES, Janaína Carneiro. **O ensino do desenho técnico mediado pela história da arquitetura, matemática e computação gráfica**. 2016. 237f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória. Disponível em: <https://bit.ly/49k2BO0>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- OLIVEIRA, George William Bravo de. **Épura ao vídeo**: desenvolvimento e uso de um aplicativo para o trabalho com geometria descritiva. 2016. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica. Disponível em: <https://bit.ly/4aSxDz3>. Acesso em: 21 jun. 2020.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**:aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SANTOS, Anderson Oramisio dos; CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. O ensino e a aprendizagem de matemática na educação infantil numa perspectiva histórico-cultural. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 16, n. 28, p. 49-67, 2017.
- SCHROEDER, Edson. A aprendizagem conceitual em sala de aula: contribuições da teoria histórico-cultural. In: RAUSCH, Rita B.; SCHROEDER, Edson (orgs.). **Processos de ensinar e aprender**: formação de professores, teoria histórico-cultural e educação inclusiva. Blumenau: Edifurb, 2016, p. 82-106.
- SFORNI, Marta Sueli de Faria. Interação entre Didática e Teoria Histórico-Cultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 375-397, jun. 2015.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VILA NOVA, Adeildo; SANTOS, Edjan Alves dos. **Mulheres Negras**: histórias de resistência, de coragem, de superação e sua difícil trajetória de vida na sociedade brasileira. Duque de Caxias: Espaço Científico Livre Projetos Editoriais, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

CAPÍTULO 9. A UTILIZAÇÃO DE SIMULADORES VIRTUAIS NA DISCIPLINA AUTOMAÇÃO INDUSTRIAL²⁷

Franks Martins da Silva

O trabalho é um processo de produção de bens de qualquer natureza e representa a principal força de expressão do desenvolvimento humano. Isso nos leva a entender a relação intrínseca estabelecida entre o homem, a educação e o trabalho, desde a sua origem. Essa relação ocorre em um processo contínuo natural e social, complementar e harmônico, sem que, todavia, cada um dos elos perca sua especificidade. Com todas as transformações ocorridas no âmbito social, incluindo o aumento populacional em todo o mundo, podemos perceber o estabelecimento e a constante alteração de novas relações. A demanda por novas tecnologias objetiva proporcionar condições melhores de sobrevivência e convivência; neste contexto, a educação, a sala de aula e o trabalho do professor também são impactados por essas transformações sociais. De acordo com Libâneo (2004, p. 45-46):

As instituições escolares vêm sendo pressionadas a repensar seu papel diante das transformações que caracterizam o acelerado processo de integração e reestruturação capitalista mundial. De fato, [...] essas transformações decorrem da conjugação de um conjunto de acontecimentos e processos que acabam por caracterizar novas realidades sociais, políticas, econômicas, culturais, geográficas.

Para acompanhar os novos tempos e as diferentes demandas da sociedade e dos estudantes, é importante que o professor esteja sempre atualizado sobre o ensinar, o que requer uma reflexão rigorosa e constante. Segundo Libâneo (1985, p. 137), o trabalho docente deve ser contextualizado histórica e socialmente, e o professor deve ser capaz de articular ensino e realidade.

Significa perguntar, a cada momento, como é produzida a realidade humana no seu conjunto, ou seja, que significado têm determinados conteúdos, métodos e outros eventos pedagógicos no conjunto das relações sociais vigentes (Libâneo, 1985, p. 137).

Solicita-se aos profissionais da educação a seleção de novos recursos educacionais, desenvolvidos de forma a complementar recursos didáticos tradicionais,

que se tornaram obsoletos com o passar do tempo. A sala de aula exige do professor a constante revisão dos métodos que utiliza para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. O ensino mecânico e ancorado apenas no livro didático e na resolução de exercícios no caderno não contribui para o domínio dos conhecimentos e para “o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas” (Libâneo; Oliveira; Toschi, 2005, p. 117). O professor não deve subestimar os avanços tecnológicos; sendo assim, faz-se necessária uma mudança de postura diante das tecnologias educacionais, que estão sendo constantemente desenvolvidas, pois estas não são desprezadas pelos estudantes, sendo usadas por eles com bastante frequência em suas atividades diárias extraclasse. A escola e os seus profissionais precisam estar cientes dessas demandas e incorporá-las ao seu planejamento, pois correm o risco de não se fazerem compreendidos, ou pior, de serem ignorados pelos estudantes. A escola ainda é o lócus do conhecimento formal e, sendo assim, precisa estar em consonância com a sociedade:

As demandas atuais exigem que a escola ofereça aos alunos sólida formação cultural e competência técnica, favorecendo o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes que permitam a adaptação e a permanência no mercado de trabalho, como também a formação de cidadãos críticos e reflexivos, que possam exercer sua cidadania ajudando na construção de uma sociedade mais justa, fazendo surgir uma nova consciência individual e coletiva, que tenha a cooperação, a solidariedade, a tolerância e a igualdade como pilares (Brasil, 1997, p. 138).

É fato que existem estudantes que apresentam dificuldades em compreender certos conteúdos; no entanto, na maioria das vezes lhes é negada a oportunidade de tentar compreender de uma outra forma. Isso ocorre, principalmente, pelo fato de os professores serem muito resistentes em usar outros recursos didáticos, restringindo-se apenas a recursos tradicionais que eles dominam, pois o novo lhe exigirá tempo de estudo e planejamento para o uso de maneira eficiente. Portanto, para esses professores, é mais conveniente desprezar os avanços tecnológicos do que se inserir na busca de diferentes formas de ensino para efetivar a aprendizagem dos educandos. Os conteúdos da disciplina Automação Industrial, que normalmente são trabalhados de forma tradicional, com quadro e pincel, apresentam desafios para o processo de aprendizagem dos alunos. São conteúdos complexos, e por este motivo, impõe-se a quebra de paradigmas no ensinar. Sendo assim, a utilização de softwares educacionais concorre para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, apesar de

configurarem um desafio para os professores, uma vez que certos conteúdos requerem maior preparação e dedicação, além de exigir um planejamento mais cuidadoso na preparação das aulas. É importante que a base teórica esteja em sintonia com a parte prática – o uso do laboratório – para a montagem e a simulação virtual de circuitos. Isso facilita sobremaneira o entendimento do conteúdo por parte dos estudantes, já que esses recursos estão em perfeita sintonia com a sua vida cotidiana. A disciplina Automação Industrial faz parte da Matriz Curricular do Curso Técnico de Eletrotécnica do Campus Porto Velho Calama, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia – Ifro, criado por meio da Lei Federal n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, a partir da integração da Escola Técnica Federal de Rondônia com a Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste. A sede fica na capital rondoniense, e são 9 os campi implantados: Guajará-Mirim, Porto Velho (unidades Calama e Zona Norte), Ariquemes, Ji-Paraná, Cacoal, Vilhena, Colorado do Oeste e Unidade Avançada em Jaru. A rede conta, ainda, com 25 Polos de Educação a Distância, no interior do Estado.

A utilização do software na disciplina Automação Industrial

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a utilização do software educacional FluidSim®3.6 Pneumática como recurso didático para simulação de conhecimentos básicos de Pneumática, Eletropneumática e Controladores Lógicos Programáveis, utilizando o sistema Windows. O software foi desenvolvido com o objetivo de facilitar a visualização do funcionamento de circuitos, operação que antes só era possível realizar mentalmente ou fazendo a montagem física na bancada de laboratório, com componentes reais, o que muitas vezes era demonstrado pelo professor sem o concurso dos alunos na montagem dos sistemas.

Um controle automático é aquele em que o próprio dispositivo é capaz de perceber mudanças que afetam o sistema, decidir sobre a necessidade de realizar alguma ação corretiva e atuar sobre o sistema, sem intervenção humana. Portanto, quando falamos em automação, estamos nos referindo ao processo de instalação de controles automáticos em um equipamento, uma máquina ou um processo. Para maior clareza sobre os conceitos básicos de Automação Industrial e uma visão geral de sua aplicação, tomamos a contribuição de Camargo (2014, p. 15):

Quando programamos um micro-ondas para cinco minutos e pressionamos o botão início, esperamos que, passado esse tempo, ele se desligue sozinho. Esse processo é automático, ou seja, acontece sem a intervenção humana. Quando entramos em um elevador e selecionamos o andar desejado no painel, presumimos que ele pare automaticamente naquele andar. A temperatura interna de uma geladeira é mantida relativamente constante por um sistema de controle automático, que liga ou desliga o compressor, conforme necessário.

A automação pode ser aplicada em todas as áreas da atividade humana. Não se pode mais pensar a vida sem algumas dessas facilidades e sem o conforto que a automação proporciona: terminais de autoatendimento bancário, lojas comerciais, restaurantes, residências, controle de semáforos, shopping centers, indústrias dos mais variados segmentos, veículos, aparelhos domésticos etc.

Sem dúvida, o avanço tecnológico é resultante do desenvolvimento das ciências e tem contribuído para esse processo. Na medicina, por exemplo, foram desenvolvidos aparelhos e equipamentos que produzem imagens radiológicas bastante precisas, as quais auxiliam no processo de diagnóstico e tratamento. Da mesma forma, a tecnologia da automação está presente no transporte, na logística e no ensino, entre outras áreas. Dependendo de onde essa tecnologia é aplicada, surgem termos como: automação industrial, automação residencial, automação comercial, automação bancária etc.

São conteúdos estudados na disciplina de Automação Industrial: a pneumática, a eletropneumática e os controladores lógicos programáveis. Dessa forma, a utilização do software FluidSIM concorre para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem desses conteúdos, e é possível observar uma significativa melhoria no nível de aprendizado dos estudantes. O software FluidSIM foi desenvolvido pela empresa Festo, da Alemanha, que tem filial no Brasil. Ele foi inicialmente concebido para atender a uma demanda dos projetistas para treinamento operacional do setor industrial; porém, com o grande sucesso que teve na indústria, estendeu-se sua utilização para as escolas profissionalizantes e as universidades.

A pneumática é o estudo da utilização do ar comprimido para realização de trabalho. Nesse conteúdo, é possível mostrar a aplicação de grandezas físicas que o estudante estuda na disciplina, como pressão, força, atrito, temperatura e trabalho. O conteúdo é discutido com os estudantes na seguinte ordem: processo de produção e tratamento do ar comprimido, apresentação dos elementos de trabalho (atuadores ou cilindros pneumáticos) para realização de movimento linear e circular, observando

principalmente o dimensionamento correto, as características construtivas e as principais aplicações. Após essas primeiras noções, explica-se o funcionamento dos elementos de controle e sinais, que são as válvulas. Nesse momento, surge a necessidade da utilização do software para mostrar, mais claramente, o funcionamento interno das válvulas direcionando o fluxo de ar comprimido para os atuadores, que se movimentam em dois sentidos (avanço e retorno). Antes, sem o software de simulação virtual, não era possível mostrar isso de maneira clara aos estudantes, embora fosse usado o componente físico real ou outros recursos feitos em papel (figuras 1 e 2).

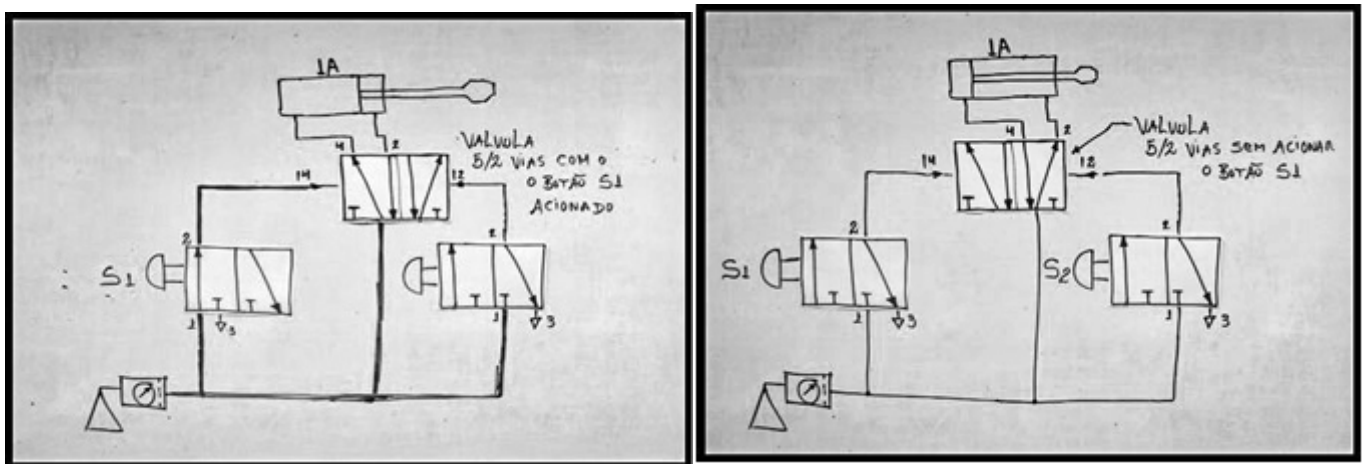


Figura 1. Circuito pneumático desenhado no quadro com pincel e válvulas desenhadas no papel e coladas no quadro – método tradicional

Fonte: Montado pelo autor.

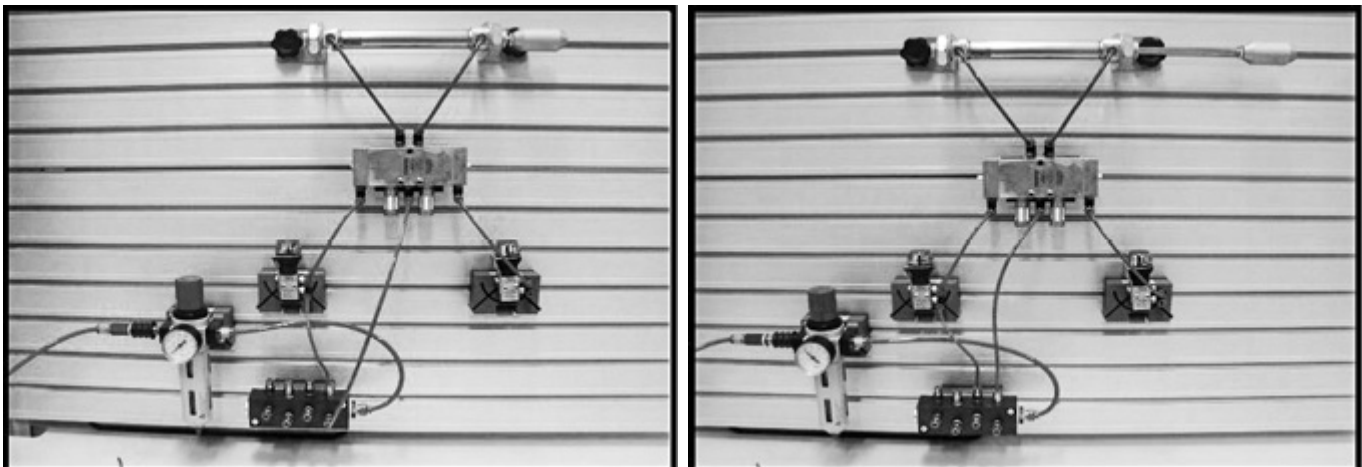


Figura 2. Circuito pneumático montado em bancada de laboratório utilizando componentes pneumáticos reais

Fonte: Montado pelo autor.

Nenhum outro recurso utilizado teve o mesmo efeito no aprendizado dos estudantes como o que o software FluidSim proporcionou, pois este auxiliou na compreensão do funcionamento do circuito (Figura 3).

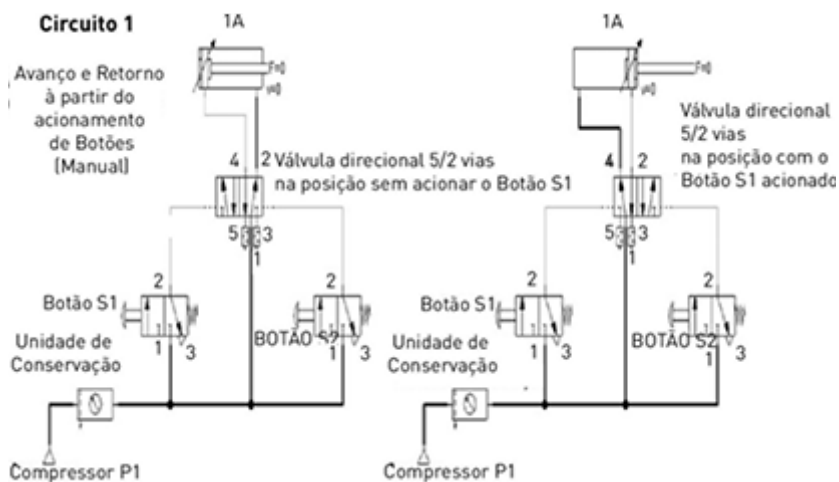


Figura 3. Simulação Virtual mostrando o funcionamento das válvulas e fluxo de ar comprimido nas linhas em AZUL

Fonte: Simulação de circuito pneumático no software FluidSIM 3.6.

A partir daí, todas as atividades propostas para a montagem de circuitos pneumáticos e eletropneumáticos foram realizadas com o software FluidSIM, inclusive a simulação da parte elétrica de circuitos de comandos eletropneumáticos, que usam sinais elétricos para acionamentos das válvulas (Figura 4). Mais uma vez foi possível demonstrar a aplicação dos conhecimentos de eletricidade estudados na disciplina de Física, como pode ser visto na Figura 4.

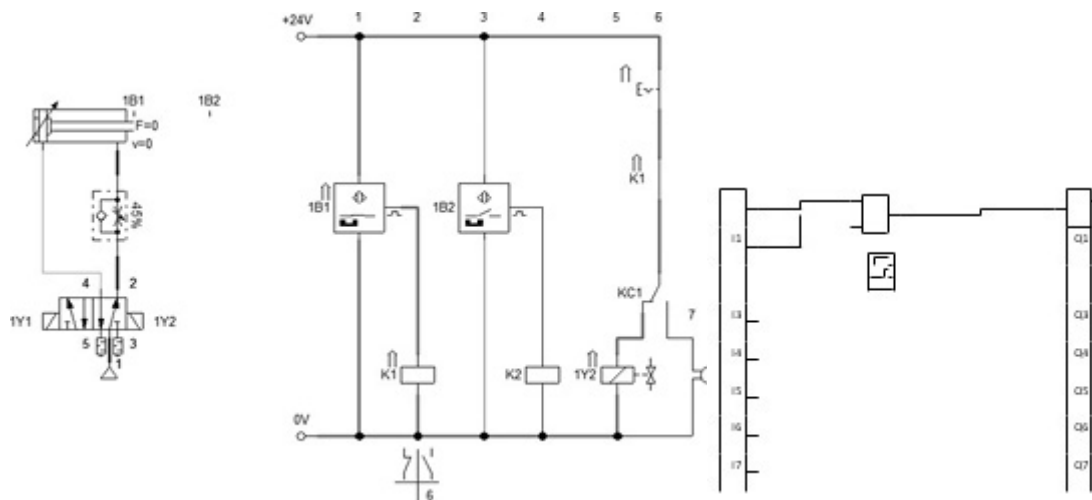


Figura 4. Simulação Virtual mostrando o funcionamento dos componentes pneumáticos e elétricos, sendo o fluxo de ar comprimido nas linhas em AZUL e a energia elétrica em VERMELHO

Fonte: Simulação de circuito eletropneumático no software FluidSIM 3.6.

Além da possibilidade de fazer simulações virtuais do funcionamento dos circuitos pneumáticos e eletropneumáticos, é possível fazer simulações de ligação elétrica e programação de Controladores Lógicos Programáveis (CLP) na linguagem de programação diagrama de blocos (Figura 5). Pode-se comparar os CLPs aos computadores pessoais (PC), que são desenvolvidos para receber sinais de entrada, sejam eles enviados pelo mouse ou pelo teclado, e fazer o processamento desses sinais em uma CPU. Comparando-se a um programa preestabelecido, possibilita um sinal de saída em forma de expressões gráficas (letras, números, gráficos, figuras etc.); portanto, o CLP se assemelha bastante ao PC, pois possui entradas digitais (sinal elétrico com nível lógico 0 ou 1, isto é, liga ou desliga) ou analógicas (variação de tensão ou corrente elétrica), que podem ser botoeiras (sinal digital) ou sensores (sinal digital ou analógico), que são processadas na CPU. Ao se comparar com um programa preestabelecido pelo estudante, possibilita a liberação de um sinal de saída para acionar um motor ou um solenoide e uma válvula, que, conseqüentemente, promove o movimento do atuador.

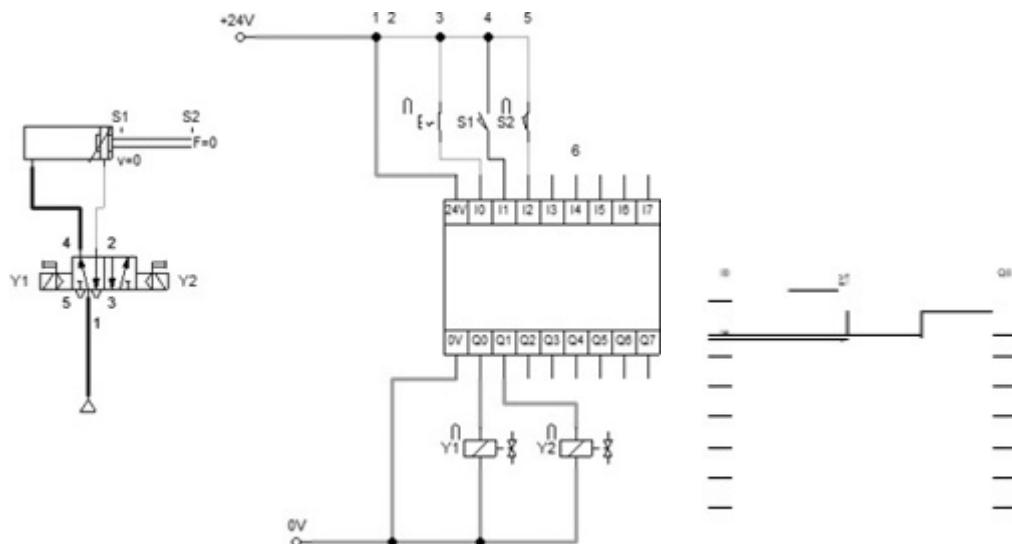


Figura 5. Simulação Virtual mostrando o funcionamento de componentes pneumáticos, ligações elétricas e programação do CLP em diagramas de blocos (fluxo de ar comprimido nas linhas em AZUL e a energia elétrica em VERMELHO)

Fonte: Simulação de circuito elepneumático no software FluidSIM 3.6.

O uso do FluidSIM possibilitou aos estudantes e professores fazer a simulação virtual visualizando o funcionamento de atuadores controlados por CLP; antes, só era possível visualizar o funcionamento quando o programa era transferido para o CLP e as ligações elétricas eram feitas fisicamente na bancada (Figura 6), isto é, o estudante tinha que visualizar o funcionamento somente no ambiente de programação do CLP.

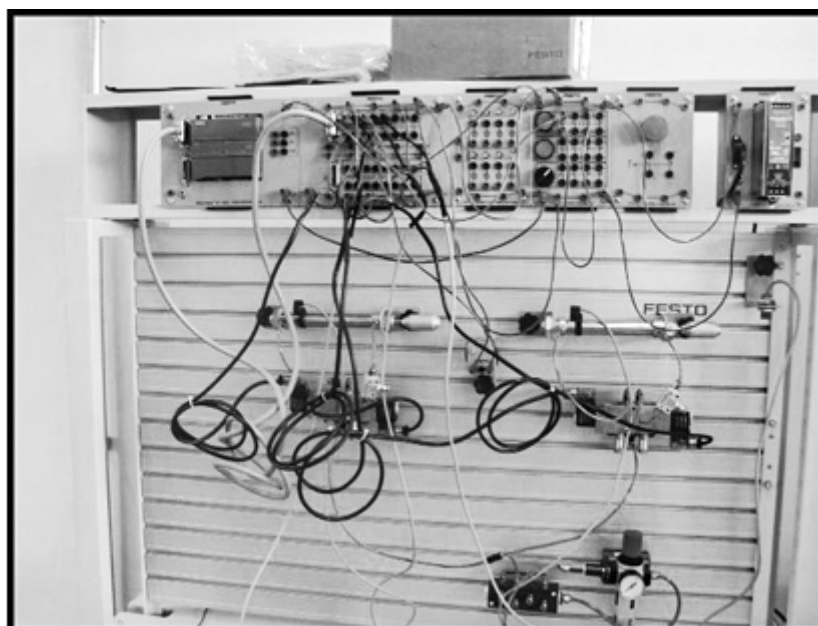


Figura 6. Simulação Real em bancada de laboratório, mostrando o funcionamento de componentes pneumáticos, ligações elétricas entre CLP e componentes eletropneumáticos

Fonte: Montado pelo autor.

É preciso estar ciente de que as simulações não substituem nenhum outro recurso didático, mas são apenas um auxílio para complementar e reforçar a compreensão dos conteúdos; assim, o professor não deve abandonar os outros recursos, pois cada estudante tem uma forma e tempos diferentes de aprender.

Uma experiência de aplicação do software FluidSIM

Durante o andamento da disciplina de Automação Industrial do Curso Técnico Subsequente em Eletrotécnica, no Campus Porto Velho Calama, foi utilizado o software FluidSIM, que simula virtualmente a montagem e o funcionamento de circuitos pneumáticos, eletropneumáticos e controladores lógicos programáveis, trabalhando em conjunto com as simulações práticas em bancada de laboratório (Figura 7).

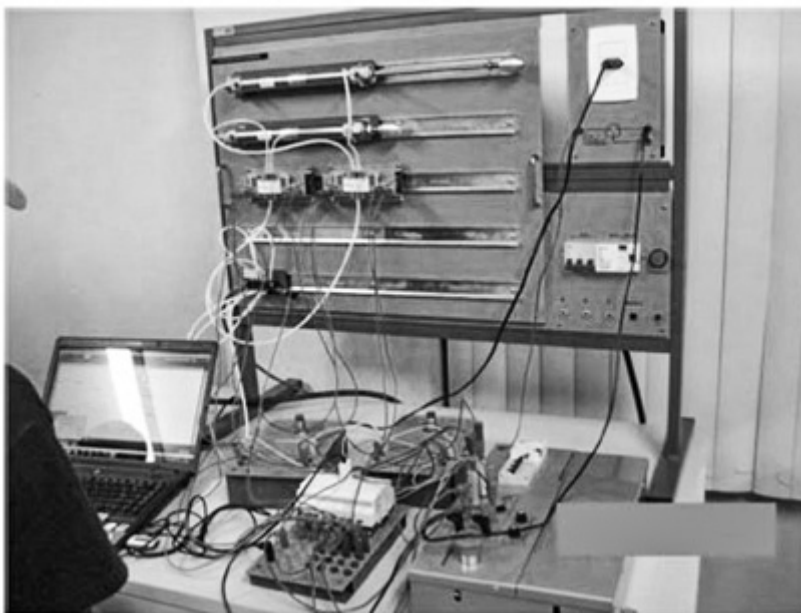


Figura 7. Simulação Real em bancada de laboratório, mostrando o funcionamento de componentes pneumáticos, ligações elétricas entre CLP e componentes eletropneumáticos

Fonte: Relatório do Projeto da Esteira Classificadora de peças, da turma de Eletrotécnica.

Em comparação com o método de ensino tradicional, que consistia na resolução de exercícios no caderno e montagem prática em bancada de laboratório, observou-se um maior interesse por parte dos estudantes e uma maior agilidade na resolução dos exercícios, visto que antes era preciso imaginar o funcionamento dos circuitos desenhados no papel. Logo, com o uso do FluidSIM, os alunos, além de visualizarem o funcionamento por meio do simulador, sentiam-se mais motivados e desafiados para aprender os conteúdos. A utilização do software de simulação tem como principais vantagens a sua interface gráfica, pois apresenta simbologia semelhante à encontrada em projetos reais de automação. Além disso, possibilita fazer as simulações de movimentos de funcionamento do circuito, o que favorece a compreensão do funcionamento dos componentes, com sons e efeitos. Outras vantagens são a rapidez na alteração dos projetos desenvolvidos e a facilidade de interpretação dos circuitos pneumáticos e eletropneumáticos, devido ao auxílio de cores padronizadas, que colaboram para a compreensão do conteúdo com maior efetividade.

Dentre os indicadores de sucesso da experiência com o software, em uma pesquisa informal feita em forma de conversa, realizada com concluintes do Curso de Eletrotécnica (2015), foi possível verificar que o aprendizado foi mais efetivo. De fato, houve uma melhoria no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de Automação com a utilização do software de simulação e, conseqüentemente, maior aprendizado por parte dos discentes. Além dos resultados quantitativos, expressos sob a forma de nota, outra forma de aquilatar o nível de aprendizagem do conteúdo se deu com a leitura dos relatórios da disciplina. Ainda que não tragam todas as considerações feitas pelos estudantes, duas delas nos fornecem a segurança de saber da validade de buscar alternativas viáveis para o desenvolvimento desse e de outros conteúdos da disciplina. De acordo com as observações da turma de Eletrotécnica de 2015, do Ifro – Campus Porto Velho, em seu Relatório do Projeto Final, para obtenção de nota na disciplina:

Os esquemáticos feitos com os softwares foram essenciais para se definir como seria feita as ligações entre cada componente, pois permitiram que visualizássemos o comportamento eletropneumático e lógico do projeto antes dele estar montado (Relatório do Projeto da Esteira com Atuadores Controlados por CLP, Curso Técnico em Eletrotécnica – Subsequente – 3º Período, 2015).

A possibilidade de simular os circuitos virtualmente antes de fazê-los em real garante segurança tanto para nós, quanto para a escolha dos componentes utilizados (Relatório do

Assim, podemos admitir que se os computadores e os softwares de simulação estão cada vez mais presentes no cotidiano dos estudantes, sejam em softwares educacionais ou jogos, sendo também viável a sua utilização na sala de aula, para incrementar o desenvolvimento dos conteúdos, sobretudo aqueles que se tornam mais inteligíveis aos alunos, como é o caso do simulador. Foi possível, portanto, constatar que a realidade da sala de aula vem passando por mudanças, influenciadas, principalmente, por fatores externos ao espaço; logo, é preciso que os docentes entendam a pertinência de buscar metodologias e técnicas que estejam cada vez mais próximas da realidade. É necessário aproveitar a motivação dos alunos para utilizar essas tecnologias, que estão presentes no seu dia a dia, auxiliando-os na construção do próprio conhecimento e na compressão mais clara e objetiva dos conteúdos das diferentes disciplinas.

Considerações finais

Foi possível observar ganhos qualitativos em relação ao método de ensino tradicional ao utilizarmos o Simulador FluidSIM Pneumática no processo de formação de competências e habilidades da disciplina de Automação Industrial, do Curso Técnico em Eletrotécnica, do Campus Porto Velho Calama – Ifro. Pelas observações durante o processo de acompanhamento e orientação das atividades desenvolvidas em sala de aula e em laboratórios, foram muitas as contribuições, e maiores a motivação e o envolvimento dos estudantes. Foi possível visualizar e corrigir possíveis falhas previamente, houve rapidez e segurança na montagem física e maior facilidade na análise de possíveis melhorias do projeto dos diferentes grupos de trabalho.

Para a maioria dos estudantes que cursaram a disciplina, o uso do software proporcionou, dentre outros benefícios, maior dinamismo ao curso, maior interação entre o professor e os grupos, ou seja, elementos que faziam parte das necessidades metodológicas do Curso de Eletrotécnica, apontadas na sondagem com os estudantes em conversa fora e dentro da sala de aula. É preciso estabelecer um diálogo constante com os estudantes, conforme assevera Libâneo (2013, p. 40):

A escola continuará durante muito tempo dependendo da sala de aula, do quadro-negro, dos cadernos. Mas as mudanças tecnológicas terão impacto cada vez maior na educação escolar e

na vida cotidiana. Os professores não poderão ignorar a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, o telefone, o fax, que são veículos de informação, de comunicação, de aprendizagem, de lazer, porque há tempos o professor e o livro didático deixaram de ser as únicas fontes do conhecimento. Ou seja, professores, alunos, pais, todos precisamos aprender a ler sons, imagens, movimentos e a lidar com eles.

Conclui-se, assim, que o Simulador não deve ser encarado como um instrumental cartesiano, mas um processo em andamento, incerto e inacabado, como inacabado sempre foi o ser humano e o caminho que nos leva a desenvolver um sistema de raciocínio que se baseia na dúvida metódica e não pressupõe certezas e verdades, buscando a consonância com os novos paradigmas. Estamos diante de um recurso didático próprio de um novo tempo e paradigma, que exige a transformação das nossas certezas, uma vez que vivemos um tempo que requer de todos nós, professores, a atitude aberta diante da complexidade da sociedade, da técnica e da tecnologia.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC; SEE, 1997.
- CAMARGO, Valter Luís Arlindo. **Elementos de Automação**. São Paulo: Érica, 2014.
- FRANÇA, Larissa Samara Paula; SOUZA, Gerson Manuel Marinho. **Relatório do Projeto da Esteira com Atuadores Controlados por CLP da disciplina de Automação Industrial do curso Técnico em Eletrotécnica**. Porto Velho, 2015. Trabalho não publicado.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. rev. e ampl. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor; adeus professora? Novas exigências educacionais e a Profissão Docente**. São Paulo: Cortez, 2013.
- LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Docência em Formação).

CAPÍTULO 10. MÉTODOS DE AVALIAÇÃO EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM²⁸

Simone Oliveira Carvalhais Moris

A avaliação educacional é um instrumento auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, processo este em que o desenvolvimento do educando é tido como fator mais importante. Nas décadas passadas, a avaliação era tida como uma espécie de vilã, que servia apenas para dar notas ao aluno, a serem utilizadas para definição de quem era aprovado ou reprovado. No entanto, sabemos que as práticas avaliativas não têm exatamente essa finalidade, visto que visam ao acompanhamento do aluno pelo professor e de todo o processo de ensino e aprendizagem.

Há três tipos de avaliação, entre os quais o professor pode optar para aplicação em sala de aula: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação somativa. A diagnóstica possibilita ao professor identificar progressos e dificuldades por parte do aluno. A formativa busca identificar as principais insuficiências de aprendizagens iniciais necessárias para o aprendizado de outros conhecimentos. Já a avaliação somativa caracteriza-se pelo seu aspecto autoritário e conservador, e não tem a preocupação de auxiliar o aluno no seu desenvolvimento, pois nela ficam expressas a autoridade do professor e a opressão ao aluno, o que cada vez mais dificulta o aprendizado.

Os tipos de avaliação concorrem para o desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos, e visam diagnosticar como a escola e os professores estão contribuindo para isso. O objetivo da educação e do processo de ensino é que todos os alunos desenvolvam suas capacidades físicas e intelectuais, bem como seu pensamento independente e criativo, por meio de atividades teóricas e práticas. Como essa avaliação acontece nos ambientes virtuais?

A avaliação nos Ambientes Virtuais ou AVAs, assim como em qualquer outra modalidade de ensino, sustenta-se na interdependência das modalidades diagnósticas, formativas e somativas, com destaque na sua continuidade, sendo o fator determinante e comum entre elas a orientação daqueles que participam do processo de ensino e aprendizagem – os cursistas/alunos e os tutores. Essas modalidades possibilitam a

continuidade do trabalho pedagógico e o respeito ao ritmo de aprendizagem de cada cursista/aluno. Neste sentido, o presente trabalho procura trazer para o centro da discussão os aspectos sobre a avaliação em ambientes virtuais, com enfoque nos critérios e métodos utilizados.

O professor diante de novas atribuições

Para refletir sobre os fundamentos deste estudo, utilizamos o conceito de mediação de Masetto (2000), que cita as relações entre as novas tecnologias e a nova definição do papel do professor diante da realidade de educação a distância, nos dias atuais. De acordo com o autor, o uso de novas tecnologias não significa, em nenhuma hipótese, que a figura do professor deve ser substituída, mas que a construção de saberes novos é essencial para a aplicação efetiva desses meios de aprendizagem. O tema abordado por ele relembra os estudos de Vygotsky (2007), uma vez que a sua teoria foi firmada nos aspectos psicológicos e socioculturais do desenvolvimento humano, valorizando a mediação simbólica e sinalizando para a importância da integração social durante o processo de aprendizagem e sua relação com o meio.

Diante disso, o professor a distância, principalmente, precisa assumir uma postura investigativa e reflexiva sobre os diferentes aspectos que compõem os processos de ensino-aprendizagem, para que possa criar estratégias de mediação pedagógica que sejam significativas para o aprendizado do aluno.

Para Costa e Oliveira (2004), ambientes de aprendizagem são espaços de relações com o saber, que favorecem a construção do conhecimento. Deste modo, entendemos que um perfeito ambiente de aprendizagem compreende diferentes dimensões, que vão desde a integração dos diferentes materiais didáticos até a relação professor-aluno.

Os cursos em ambientes virtuais acontecem num espaço virtual, ou seja, são feitos ou simulados fazendo-se uso de um meio eletrônico, não se opondo ao real. Esse meio é criado a partir de ferramentas tecnológicas, a fim de criar um ambiente propício à interação e à comunicação, bem como ao gerenciamento e à avaliação. É por intermédio da plataforma virtual que se desenvolve o curso a distância.

De acordo com Moran, Masetto e Behrens (2000), a construção do conhecimento a partir do processo multimídico é mais livre, menos rígida e com conexões mais abertas. Isso ocorre devido à busca intensa de informações por meio da difusão multimídia ou

hipertextual. É nessa perspectiva que os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) são, continuamente, utilizados em diferentes contextos pedagógicos, que vão desde cursos básicos de línguas estrangeiras até cursos regulares de educação superior e pós-graduação. Tal tendência nos leva a refletir sobre a eficácia dos métodos e da adequação da tecnologia empregada nas atividades desenvolvidas nesses ambientes.

Os ambientes virtuais são redes agrupadas, e podem ser acessadas, por meio da internet, de qualquer meio eletrônico, computador, celular ou tablet, tornando, desta forma, a sala de aula um espaço sem fronteiras. O Brasil é o 5º país com maior número de usuários conectados à internet – cerca de 72 milhões, número que vem crescendo com as facilidades de inclusão digital.

Os ambientes AVAs permitem que a educação esteja ao alcance de todos, possibilitando que pessoas que moram em cidades do interior possam almejar um curso de graduação sem precisar sair da sua cidade. Contudo, mesmo com o desenvolvimento dessa modalidade, o assunto ainda é controverso, sendo um dos principais alvos de críticas o distanciamento entre professor e aluno. O fato de não estarem juntos presencialmente parece, para alguns, um empecilho muito forte para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, e esse pode ser um motivo cultural pelo qual existe resistência à educação a distância em nosso país. Existem falhas em todos os processos de aprendizagem, e por estes mais que sejam medidos, revistos e transformados, ainda não foi encontrada uma fórmula perfeita para o desenrolar desses processos. Por isso, é necessária uma ação-reflexão-ação constante na construção do espaço virtual.

A metodologia utilizada nos cursos em ambiente virtual varia, mas, basicamente, são montadas estratégias para o melhor aproveitamento dos alunos, com possibilidades de mídias para se somar ao aprendizado. Existem fóruns e chats de debates, atividades e provas, entre outros recursos, todos acompanhados e avaliados por um mediador, que pode ser o professor, o tutor ou o assistente de turma.

O professor/tutor é o mediador responsável por conduzir e direcionar a turma. Sempre que necessário, ele é chamado a intervir, auxiliar, encorajar e somar esforços em prol da construção do ensino-aprendizagem. Segundo Vygotsky (2007), o aluno vai mais longe quando é orientado por alguém com mais experiência, e esse é o papel do professor/tutor.

Na opinião de Pereira, Schmitt e Dias (2007), a qualidade do método educativo decorre do uso de ferramentas e recursos tecnológicos adequados, bem como de uma boa estrutura física, pedagógica e administrativa utilizados no ambiente virtual de aprendizagem. Portanto, entende-se que uma boa assistência, um bom suporte acadêmico e um bom acompanhamento podem garantir que o aluno conclua o curso com aprovação, conforme afirma Freitas (2005).

Um estudo realizado por Cerny (2001) sobre cursos com ambientes virtuais, verificando os processos de avaliação, revela o caso de um único professor como o ponto central de todo o processo de ensino-aprendizagem e seguindo inúmeras turmas, sem o suporte dos demais professores e nem dos tutores, afetando assim todo o processo de interação.

De acordo com Souza (2006, p. 68),

[...] ao entrarmos em contato com o contexto escolar, a mediação assume características diferentes, passando a ter um caráter internacional e sistematizado, denominada mediação pedagógica.

Esse conceito de mediação pedagógica atrela-se ao pensamento de uma ação concretizada pela ajuda dos outros: no contexto escolar, temos a figura do professor como o sujeito essencial, capaz de fazer um elo entre aquilo que o aprendiz traz (que é o conhecimento do senso comum) e o conhecimento científico adquirido com leituras, que acaba por ser tornar um conhecimento sistematizado. Neste sentido, fica clara a compreensão de mediação pedagógica como sendo a ação de intervenção no aprendizado do sujeito, seja ela presencial ou on-line. Essa mediação é concretizada essencialmente pelo professor (tutor ou professor assistente) por meios de signos e instrumentos auxiliares, que conduzirão os alunos rumo ao caminho de uma aprendizagem mais autônoma.

Os indivíduos escolhem estudar por meio dos AVAs para se integrar na concorrida sociedade do conhecimento. Portanto, a responsabilidade maior está em quem conduz as propostas curriculares para atender a essa modalidade de ensino, tendo que de fato observar e avaliar se realmente o conhecimento está sendo gerado de forma indistinta. Na avaliação de ambientes virtuais de aprendizagem, é necessário dispor de dados sobre as características individuais dos alunos, o ambiente de aprendizagem, a

participação, a comunicação, os materiais e a tecnologia utilizados (Benigno; Trentin, 2000).

Os AVAs e suas características e interatividade

Com os frequentes avanços no desenvolvimento das Tecnologias da Informação, a educação conta hoje com recursos tecnológicos primorosos, utilizados para favorecer a aprendizagem. Um dos mais recentes são as plataformas AVA – Ambientes Virtuais de Aprendizagem –, que são salas de aula on-line criadas exclusivamente para atender a cada curso específico, contendo em sua interface ferramentas necessárias para o processo de educação a distância. Segundo Costa e Franco (2005), os principais aspectos de um AVA são a autonomia disposta ao cursista/aluno, a interatividade e o acesso a um ambiente de aprendizagem colaborativo.

Em um AVA, o cursista/aluno precisa ser responsável pelo próprio estudo, então cabe a ele a autonomia para escolher o tempo necessário para realização de suas atividades; porém, essa autonomia fica limitada pelo fator tempo, pois existem prazos a serem cumpridos. A interatividade é o componente-chave dessa modalidade, pois os materiais pedagógicos são criados pelos professores e tutores, contendo atividades que desafiam os estudantes. Em relação à aprendizagem colaborativa, Costa e Franco (2005) acreditam na criação de redes de aprendizagem nas quais os estudantes compartilhem suas ideias por meio de e-mail, chat e fórum, dentre outros recursos. A esse respeito, Palloff e Pratt (2002, p. 38) afirmam:

É por meio dos relacionamentos e da interação que o conhecimento é fundamentalmente produzido na sala de aula *online*. A comunidade de aprendizagem toma uma nova proporção em tal ambiente e, como consequência, deve ser estimulada e desenvolvida a fim de ser um veículo eficaz para a educação.

Os recursos tecnológicos utilizados nas plataformas AVAs replicam um ambiente real de aprendizagem. Entretanto, é necessário que professores e tutores conheçam totalmente as ferramentas de interação disponíveis, a fim de utilizá-las de forma plena. Segundo Villardi e Oliveira (2005), existe um conjunto de ferramentas que podem auxiliar o ensino-aprendizagem dentro desses ambientes: as ferramentas síncronas ou assíncronas. Ferramentas síncronas podem ser entendidas como formas de comunicação em tempo real, instantânea e/ou on-line. Como exemplo, temos: Chat, Sala de Aula

Virtual e Tutor On-line. As ferramentas assíncronas são formas de comunicação que estão desconectadas do tempo e do espaço, tais como o e-mail, a Lista de Discussão, o Fórum e a Biblioteca Virtual.

Além do aprendizado, o fator importante dentro dos AVAs é a avaliação. Percebemos que, tanto no ambiente presencial quanto no virtual, a avaliação ainda é feita com uma abordagem tradicional, dando destaque às avaliações somativas, mesmo tendo as plataformas AVAs inúmeros recursos que podem ser utilizados para facilitar esse processo. Falar de avaliação da aprendizagem dentro dos Ambientes Virtuais ainda é um desafio, pois existe uma carência de metodologias próprias a esses espaços. No entanto, a avaliação/pesquisa vem sendo utilizada como método, e por meio dela, questões referentes a tipos de metodologias a serem utilizadas para avaliar a aprendizagem; instrumentos de avaliação; critérios usados; estratégias de aprendizagens utilizadas pelos estudantes, devolutivas dos resultados e a autoavaliação dos estudantes e professores, vêm sendo respondidas. Bassani e Behar (2006) salientam que, em AVAs, a avaliação da aprendizagem precisa considerar três tipos: a avaliação por meio de provas on-line; a avaliação da criação individual do estudante; e o diagnóstico das interações ocorridas entre os estudantes por meio de mensagens postadas nos ambientes virtuais. Para as autoras:

A avaliação realizada somente por meio de testes online apresenta-se como uma limitação, uma vez que cabe ao aluno a tarefa de responder um conjunto de questões pré-definidas e, ao sistema computacional, realizar a correção. Dessa forma, o professor recebe uma nota/conceito como resultado final, enfatizando o produto do conhecimento (Bassani; Behar, 2006, p. 1-2).

Na visão das autoras, alguns critérios são adotados ao avaliar o estudante no AVA: a quantidade de acesso, a quantidade de mensagens enviadas aos fóruns e quantidade de trabalhos enviados. Lagardia, Portela e Vasconcellos (2007) propõem que a avaliação deve considerar as funções diagnósticas, formativas e somativas.

Uma avaliação diagnóstica é feita por meio de web surveys, ou seja, levantamento eletrônico com perguntas pertinentes às expectativas dos estudantes. Outra função diagnóstica é a avaliação formativa, feita com uso de ferramentas síncronas e assíncronas. Um dos exemplos utilizados pelos autores é o chat, que possibilita analisar a capacidade de resposta imediata do estudante, assim como sua capacidade de análise

e senso crítico. Já a avaliação via fórum, por meio da qual os estudantes leem as respostas dos colegas e reformulam as suas próprias, permite um nível mais complexo de aprendizagem. Por meio de mapeamento conceitual e a elaboração de materiais como portfólios, obtém-se um apanhado de trabalhos realizados pelo estudante ao longo do curso, o que irá permitir ao professor acompanhar o desenvolvimento do aluno. O mapeamento conceitual permite ao estudante compreender e relacionar suas ideias, a fim de perceber conteúdos que necessitam de maiores discussões.

Em relação às avaliações nos AVAs, os autores concordam entre si quando afirmam que, independentemente do tipo de avaliação a ser utilizado, o mais importante é que sejam contemplados aspectos tanto qualitativos como quantitativos. Para Bessani e Behar (2006), considerar uma avaliação somente pelo aspecto quantitativo apresenta certas limitações; contudo, pode vir a oferecer subsídios para uma avaliação qualitativa quando, por meio do número de acessos e das mensagens postadas, o professor percebe a qualidade da participação de seus alunos. Laguardia, Portela e Vasconcellos (2007, p. 520) acreditam que se devem adequar técnicas qualitativas e quantitativas, a fim de que “os métodos qualitativos sejam usados para preparar estudos quantitativos e as medidas quantitativas apóiem a argumentação qualitativa”.

De acordo com Hadji (2001), a avaliação precisa ser considerada parte do processo educacional, favorecendo a aprendizagem, e para isso é necessário utilizar-se das funções diagnósticas, formativas e somativas. Desta forma, além de estilos já conhecidos de avaliação, como testes e provas, é preciso conduzir outras maneiras de avaliar, com o intuito de reunir evidências sobre o desempenho do aluno, e isso precisa ser considerado tanto para as avaliações presenciais quanto para as virtuais.

Considerações finais

Com os novos paradigmas educacionais, os ambientes virtuais vieram para ficar, e a partir de seus conceitos, começam a dar os primeiros sinais de consagração. A internet é uma ferramenta cada vez mais usada: as pessoas estão descobrindo com mais intensidade sua utilidade e se deparando com um mundo de informações, por meio de “um clique”.

Por meio de uma mediação pedagógica, os alunos constroem seus conhecimentos e o professor passa a ser um colaborador/orientador. Isso só se aplica quando notamos

que na relação professor/aluno há a constituição de um movimento no qual um participante tenta auxiliar o outro. Nesta perspectiva, destacamos o papel do professor como sujeito responsável pelo gerenciamento das discussões no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Os diferentes estudos permitem estabelecer a importância da mediação no ambiente virtual. Pondera-se que o professor não deve ser o centro do processo, mas parte dele. Professor e aluno são participantes da comunidade de aprendizagem mediada pelo professor, pelo tutor ou por alguém mais experiente, capaz de orientar e colaborar no processo de ensino e aprendizagem, levando a uma (re)construção diária de saber.

Há, portanto, uma modificação no papel do professor, que passa a entender sua condição de facilitador e de orientador, e no papel do aluno, que, por sua vez, se sente mais interessado a interagir no ambiente virtual de aprendizagem. Apesar de levarmos em consideração a autonomia do aluno, não se pode esquecer que não caberá a ele eleger os conteúdos a serem trabalhados durante o curso, e muito menos as estratégias de estudo, pois a educação num ambiente virtual não é autodatismo.

Deste modo, nem toda mediação pedagógica demanda encaminhar ou orientar os alunos dentro do espaço virtual, tampouco significa um trabalho de perguntas e respostas, que é o que vem ocorrendo. É preciso desmistificar a ideia de que o aluno deve somente concluir ou não determinada atividade, uma vez que mediar é instigar o aluno, acompanhá-lo em suas dúvidas e, sobretudo, possibilitar a construção do conhecimento inclusive identificando a sua ausência no decorrer do processo.

Em um ambiente virtual, a mediação pedagógica é extremamente relevante e significativa para o aluno. Portanto, essa relação não se desenvolve em uma ação individualista, egoísta e isolada, e não pode ser construída apenas no uso de recursos tecnológicos, mas sim com capacitação e qualificação de profissionais aptos para executar com êxito a tarefa de motivar, com interação, os alunos, para qualquer tarefa que pareça difícil.

Observa-se, contudo, uma estreita relação dos profissionais dessa área de atuação com as tecnologias a serviço de sua função, o que consideramos fator relevante dos baixos índices de evasão dos cursos oferecidos. Podemos afirmar, por meio das reflexões feitas, que a mediação pedagógica é fundamental na construção de uma

efetiva interação entre docentes, tutores e alunos em um ambiente virtual de aprendizagem, o que garante a qualidade da construção do conhecimento.

Referências

- BASSANI, Patrícia S.; BEHAR, Patricia A. Análise das interações em ambientes virtuais de aprendizagem: uma possibilidade para avaliação da aprendizagem em EAD. **Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, jul. 2006.
- BENIGNO, Vincenza; TRENTIN, Guglielmo. The evaluation of online courses. **Journal of Computer Assisted Learning**, [s.l.], v. 16, p. 56-70, 2000.
- CERNY, Roseli Zen. Uma reflexão sobre a avaliação formativa na educação à distância. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24., 2001, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/3LAHZsS>. Acesso em: 10 jul. 2012.
- COSTA, José Wilson; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora M. (orgs.). **Novas linguagens e novas tecnologias: educação e sociabilidade**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- COSTA, Luciano Andreatta C. da; FRANCO, Sérgio Kielling. Ambientes virtuais de aprendizagem e suas possibilidades construtivistas. **Revista Renote**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, jun. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/49kHRpf>. Acesso em: 2 fev. 2015.
- FREITAS, Kátia S. de. Um panorama geral sobre a história do ensino a distância. In: ARAÚJO, Bohumila; FREITAS, Katia Siqueira de (orgs.). **Educação a Distância no contexto brasileiro: algumas experiências da UFBA**. Salvador: ISP; UFBA, 2005, p. 57-68. (Educação a Distância no Contexto Brasileiro, v. 1).
- HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- LAGUARDIA, José; PORTELA, Margareth C.; VASCONCELLOS, Miguel M. Avaliação em ambientes virtuais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 513-530, set./dez. 2007.
- MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José M.; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- MORAN, José M.; MASETTO, Marcos T., BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PEREIRA, Alice T. C.; SCHMITT, Vendenise; DIAS, Maria R. A. C. Ambientes Virtuais de Aprendizagem. In: PEREIRA, Alice T. C. (org.). **AVA: Ambientes**

Virtuais de Aprendizagem em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda., 2007, p. 4-22.

SOUZA, Regina Aparecida M. **A mediação pedagógica da professora**: o erro na sala de aula. 2006. 112f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VILLARDI, Raquel; OLIVEIRA, Eloiza Gomes. **Tecnologia na educação**: uma perspectiva sócio-interacionista. Rio de Janeiro: Dunya, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SOBRE OS AUTORES

Ana Cristina Spanhol: Mestra pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação Escolar (PPGEEProf) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (Semed) em Porto Velho/RO, com a Universidade Federal de Rondônia (Unir). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Educacional da Lapa (Fael). Graduada em Pedagogia pelo Claretiano – Centro Universitário. Professora na Emei Eng. Walmer Adão Denny Siqueira. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem voltada para a área de atuação educação infantil. E-mail: spanholana@gmail.com

Célia Reis Sales: Doutora e mestra em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (Unir). Graduada em História e bacharela em Biblioteconomia, ambos também pela Unir. Bibliotecária/documentarista no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Ifro), Campus Porto Velho Zona Norte. E-mail: celia.reis@ifro.edu.br

Cleuza Diogo Antunes: Mestra em Educação Escolar pela Unir, Campus Porto Velho. Pós-Graduada em Didática do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes (Ucam). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Educação, História e Memória (MNEMOS), linha de pesquisa Bibliotecas Escolares – Espaço de Ação Pedagógica. Atua como bibliotecária no Ifro, Campus Ji-Paraná/RO, onde desenvolve projetos de ensino, extensão e pesquisa sobre Biblioteca Escolar, Leitura, Acessibilidade e Inclusão. E-mail: cleuza.diogo@ifro.edu.br

Edmir Perrotti: Doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado em Letras – Português e Francês – pela mesma instituição, de onde atualmente é professor aposentado. Tem experiência na área de Ciência da Informação com ênfase em Biblioteconomia, atuando principalmente nos seguintes temas: Leitura, Biblioteca e Educação (Biblioeducação), Biblioteca e Memória, Mediação de Leitura e de Cultura Escrita, Infoeducação, Biblioteca, Educação e Cultura. E-mail: perrotti@usp.br

Fernanda de Oliveira Freitas Cavalcante: Mestra em Educação Escolar pelo PPGEEProf da Unir. Pós-Graduada em Gestão em Arquivos Empresariais pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Graduada em Biblioteconomia pela mesma instituição. Membro do MNEMOS, atualmente faz parte da Coordenadoria de Biblioteca e Multimeios Elny Sampaio do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), Campus Belo Jardim. E-mail: fernanda.cavalcante.biblio@gmail.com

Franks Martins da Silva: Mestre em Educação pela Unir. Especialista em Mecânica dos Sólidos e em Tecnologia em Distribuição de Gás Natural, ambos pela Ufam. Graduado em Engenharia Industrial Mecânica pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atualmente é coordenador do curso de Engenharia de Controle e Automação e professor do ensino básico, técnico e tecnológico do Ifro. E-mail: franks.martins@ifro.edu.br

Gizele de Melo Viana: Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Mestrado e Doutorado Profissional da Unir. Mestra em Educação Escolar pela mesma instituição. Especialista em História Regional pela União das Escolas Superiores de Porto Velho (Unipec). Licenciada em História e bacharela em Biblioteconomia, ambos pela Unir. Vinculada ao Ifro, Campus Porto Velho Zona Norte, exercendo a função de bibliotecária/documentalista. E-mail: gizele.viana@ifro.edu.br

Jussara Santos Pimenta: Doutora em Educação, com pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), e com Estágio no Exterior (PDEE) pela Universidade de Lisboa (UL). Professora associada do curso de Pedagogia do Departamento de Ciências da Educação (DED) da Unir, Campus Porto Velho. Coordenadora do curso de especialização *lato sensu* em Gestão Escolar da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Membro permanente do PPGEEDProf. Líder do MNEMOS. E-mail: jussara.pimenta@unir.br

Kazuo Kadowaki: Doutorando em Educação Escolar, vinculado ao PPGEEDProf da Unir. Mestre em Educação Escolar pelo mesmo programa. Especialista em Docência no Ensino Superior e bacharel em Engenharia Civil, ambos pela Faculdade de Rondônia. Pesquisador vinculado ao MNEMOS, atualmente é professor do ensino básico, técnico e tecnológico no Campus Porto Velho Calama do Ifro, nos segmentos de educação básica, técnica e superior. E-mail: kazuo.kadowaki@ifro.edu.br

Miriã Santana Veiga: Doutora e mestra em Educação pelo PPGEEDProf da Unir. Pós-Graduada em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (Facibra). Bacharela em Ciências da Informação e Biblioteconomia e licenciatura em História, ambos pela Unir, onde é integrante do MNEMOS. Atua como bibliotecária-documentalista no Ifro, Campus Porto Velho Calama. E-mail: miria.veiga@ifro.edu.br

Monnike Yasmin Rodrigues do Vale: Mestra em Educação Escolar pela Unir. Pós-Graduada em Engenharia e Segurança do Trabalho pela Ucam. Engenheira Civil pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Campus Catalão. Desde 2018 é professora do ensino básico, técnico e tecnológico no Ifro, Campus Porto Velho Calama, e atualmente é chefe do Departamento de Extensão do campus. E-mail: monnike.vale@ifro.edu.br

Simone Oliveira Carvalhais Moris: Mestra em Educação Escolar pela Unir. Pós-Graduada em Tecnologias Educacionais, Docência do Ensino Superior e Psicopedagogia Institucional e Gestão de Laboratórios de Informática. Graduada em Pedagogia. Pesquisadora pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação (Educa) e no Grupo de Pesquisa-Ação na Educação, na linha de pesquisa Currículo, Diversidade e Inovações Didáticas. E-mail: midias.simone@gmail.com

Notas

1. O texto foi publicado na revista *Cadernos de Pesquisa*. Ver em: Kadowaki, Kazuo; Pimenta, Jussara S. Design de bibliotecas como recurso educativo: uma proposta para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – Campus Jaru. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 30, n. 3, p. 127-146, jul./set. 2023.
2. Fonte: Censo Escolar/Inep 2020. Total de escolas de Educação Básica: 1236. Disponível em: <https://bit.ly/4q9SOBq>. Acesso em: 27 maio 2020.
3. Censo Demográfico Brasileiro, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a cada intervalo de 10 anos em território nacional. Em 2020, devido à pandemia da covid-19, sua realização foi prorrogada para o ano de 2021. Todavia, devido a cortes no orçamento, o IBGE não realizou o Censo Demográfico. Fonte: Agência Brasil. Disponível em: <https://bit.ly/4qEimGv>. Acesso em: 23 jun. 2025.
4. Censo Escolar/Inep realizado em regime de colaboração entre as secretarias estaduais e municipais de educação. Disponível em: <https://bit.ly/3N0I8Xb>. Acesso em: 23 ago. 2021.
5. Resultados obtidos no Censo Escolar de 2020, referente a bibliotecas/salas de leitura, que são analisados de forma conjunta, não havendo uma distinção ou análise mais clara e objetiva na coleta de dados.
6. John Dewey (1859-1952), filósofo norte-americano, precursor da corrente pragmatista na educação. Defendia que tanto a democracia quanto a liberdade de pensamento são essenciais para a maturação emocional e intelectual de crianças e jovens. Disponível em: <https://bit.ly/4pqjldw>. Acesso em: 25 maio 2021.
7. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) ou “A reconstrução do Brasil: ao povo e ao governo”, defendia novas diretrizes políticas de educação no país. Disponível em: <https://bit.ly/4aIxr5e>. Acesso em: 25 maio 2021.
8. Paradigmas da conservação cultural – biblioteca *templum*, *emporium* e *forum* (Perrotti, 2016).
9. “Ordem informacional dialógica – um estudo sobre a busca de informações em educação”, conceito defendido na tese de doutorado de Ivete Pieruccini (2004).
10. Professora da biblioteca – expressão que optamos por empregar para designar a professora readaptada que está lotada na biblioteca escolar e desenvolve ações técnicas e pedagógicas, sendo a servidora responsável pelos atendimentos no setor.
11. O texto foi publicado na *Revista Fontes Documentais*. Ver: Sales, Célia R.; Pimenta, Jussara S. O professor readaptado e suas práticas educativas na biblioteca escolar de uma escola estadual em Porto Velho/RO. *Revista Fontes Documentais*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 37-54, maio/ago. 2019.
12. Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP/Unir), realizamos três observações iniciais na BE e foi solicitado que o participante assinasse o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE).
13. Enciclopédia composta por dezesseis volumes, de A a Z, que possuía 130 mil verbetes sobre história, cultura, filosofia e outros assuntos. Foi publicada no Brasil entre os anos de 1964 e 2014 (Veiga, E., 2023).
14. O termo Biblioteca Multinível foi criado por Moutinho (2014), e se trata de uma nova tipologia de biblioteca, criada para fornecer suporte informacional aos educandos e pesquisadores dos Institutos Federais. Essa biblioteca deve atender às necessidades de geração dos saberes informacionais voltados à formação técnica e tecnológica.
15. Essa informação pode ser acessada em: Souza, Telma Mariá Viola de. *Biblioteca e educação profissional: um estudo das bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia*. 2022. 169f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo. DOI: 10.11606/D.27.2022.tde-12012023-185633. Disponível em: <https://bit.ly/4bmDfl3>. Acesso em: 11 jun. 2023.
16. Disponível em: <https://bit.ly/4qK8hbi>. Acesso em: 3 mar. 2023.
17. Disponível em: <https://bit.ly/44X6FSZ>. Acesso em: 1 abr. 2023.
18. Google Acadêmico, disponível em: <https://bit.ly/4pygRcB>. Acesso em: 3 mar. 2023.
19. Disponível no site: <https://bit.ly/3LoiBGD>. Acesso em: 1 jan. 2023.
20. Disponível no site: <https://bit.ly/3Ldxvyj>. Acesso em: 1 jan. 2023.
21. Disponível no site: <https://bit.ly/45z6i19>. Acesso em: 1 jan. 2023.

22. As referências dos artigos e relatos de experiências se encontram na tese de Miriã Santana Veiga, disponível em: <https://bit.ly/49HyVM3>.
23. Uma versão deste texto foi publicada na *Revista Fontes Documentais*. Ver: Pimenta, Jussara S.; Spanhol, Ana Cristina. Práticas pedagógicas na educação infantil para formação do leitor: salas de leitura. *Revista Fontes Documentais*, Salvador, v. 8, n. 1, e82253, 2025. DOI: 10.9771/rfd.v8i0.65593. Disponível em: <https://bit.ly/49tW3MN>. Acesso em: 17 jun. 2025.
24. O texto foi publicado na *Revista Fontes Documentais*. Cavalcante, Fernanda de O. F.; Pimenta, Jussara S. Biblioteca Clarice Lispector: lugar de ações educativas. *Revista Fontes Documentais*, Salvador, v. 4, n. 2, p. 6-18, 2021.
25. Google Forms é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas. Os usuários podem usá-lo para pesquisar e coletar informações sobre outras pessoas, bem como para propor questionários e formulário de registros.
26. Software destinado à criação de modelos em três dimensões.
27. O texto foi publicado, inicialmente, na *Revista Educação Pública*. Ver: Silva, Franks Martins da; Pimenta, Jussara Santos. A utilização de simuladores virtuais na disciplina Automação Industrial. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, 15 fev. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3Napfks>.
28. O texto foi apresentado no Ceduce. Ver: Moris, Simone O. C.; Pimenta, Jussara S. Métodos de Avaliação em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. In: Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: didática e avaliação, 2015, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Realize Eventos e Editora, 2015, v. 1.

Obrigado por ler este livro que publicamos!

Esperamos que esta obra tenha correspondido às suas expectativas.

Compartilhe por [e-mail](#) suas dúvidas e sugestões conosco.

Publique o seu conteúdo acadêmico, científico ou técnico com a Paco Editorial

A Paco Editorial é uma editora focada na publicação de conteúdos científicos de pesquisadores; conteúdos acadêmicos, como teses, dissertações, grupos de estudos e coletâneas organizadas, além de publicar também conteúdo técnico para dar suporte à atuação de profissionais de diversas áreas.

Com uma equipe de profissionais especialistas na edição de livros, produzimos obras de qualidade nas mais diversas áreas de conhecimento, atuando para que o autor tenha excelência em sua publicação, incluindo todos os cuidados necessários para melhor pontuação da obra na avaliação da Capes.

Nosso trabalho de divulgação e distribuição dos livros físicos alcança todo o Brasil através de livrarias universitárias, eventos acadêmicos e plataformas online como a Amazon, Americanas, Submarino e Shoptime.

Já no digital, a distribuição é global através de lojas da Amazon, Apple, Google e Kobo.

Venha você também publicar na Paco Editorial, editora referência no meio acadêmico, técnico e científico, com mais de 2 mil títulos publicados.

Para publicar dissertações, teses, obras técnicas, científicas, obras coletivas de grupos de pesquisa, acesse:

<http://editorialpaco.com.br/publique-na-paco/>.

Para publicar capítulo de livros em obras organizadas, acesse:

<http://editorialpaco.com.br/capitulo-de-livros/>.

Para adquirir outros títulos da Paco, acesse: www.pacolivros.com.br



Av. Dr. Carlos Salles Bloch, 658 - Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100
Telefone: 11.4521.6315